

**unesp**  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara - SP

LUANA MARIA GAVA

**MULHER-MARAVILHA AO LONGO DA  
HISTÓRIA: ícone de empoderamento questionável**



ARARAQUARA - SP

2021

LUANA MARIA GAVA

**MULHER-MARAVILHA AO LONGO DA  
HISTÓRIA: ícone de empoderamento questionável**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Orientador:** Luciane de Paula

**Linha de pesquisa:** Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

ARARAQUARA - SP

2021

G279m

Gava, Luana Maria

Mulher-Maravilha ao longo da história: ícone de empoderamento questionável / Luana Maria Gava. -- Araraquara, 2021

121 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Luciane de Paula

1. Círculo de Bakhtin. 2. Verbivocovisualidade. 3. Voz social. 4. Empoderamento. 5. Mulher-Maravilha. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUANA MARIA GAVA

# MULHER-MARAVILHA AO LONGO DA HISTÓRIA: ícone de empoderamento questionável

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Orientador:** Luciane de Paula

**Linha de pesquisa:** Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Data da defesa: 25 de maio de 2021

## MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

**Presidente e orientador:** Profa. Dra. Luciane de Paula (UNESP Araraquara)

---

**Membro titular:** Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG Catalão)

---

**Membro titular:** Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

ARARAQUARA - SP

2021

Aos meus pais e a todos professores que já  
passaram por minha vida.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, André e Silvana, por terem sempre me apoiado, desde minha escolha por cursar Letras na graduação, até o ingresso no mestrado. Eu não teria chegado até aqui sem o amor, cuidado e apoio de vocês.

À minha avó Terezinha, por todo amor e preocupação com meus “trabalhos de escola”.

Aos meus tios e tias, Eduardo, Márcia, Pedro e Sandra, por sempre me ajudarem e se preocuparem comigo, principalmente com minha mudança para Araraquara.

À minha prima/irmã Ariane, por todo amor e carinho.

À Luciane, pela orientação, por me apresentar, ainda na graduação, os estudos bakhtinianos e por me ensinar o que é fazer pesquisa.

À Laura, pelo nosso encontro e ligação. Que em pouco tempo se tornou tão próxima, tão querida, tão família. Meu refúgio nas horas difíceis e melhor companhia nos momentos felizes. Sou imensamente grata por sua amizade.

À Clara, pela amizade, que chegou de mansinho, mas rapidamente se tornou tão especial. Obrigada por sempre estar presente, apesar da distância física. Obrigada por ter feito nossa união acontecer.

À Clara e Laura, por serem meu porto seguro. Devo tudo a vocês duas. Jamais imaginei criar laços tão fortes e sólidos neste momento da vida, obrigada por terem me provado o contrário.

Às minhas amigas Anelize e Beatriz, que, ainda que nossas vidas tenham tomado rumos diferentes, nunca deixaram de estar presentes.

À Jéssica, minha dupla da graduação e da vida, por toda ajuda, amor e carinho.

Aos meus amigos da graduação, Aléxia, Carol, Débora, Douglas, Isabelle, Jéssica, Laís e Secone, pelas risadas, pelos desabafos e pelo companheirismo.

Aos amigos que, de uma forma ou de outra, me provaram que meu trabalho é importante e necessário, em especial ao Augusto, Ana Clara, Bárbara, Gabriella, Isadora e Pedro.

Às amigadas que Araraquara me proporcionou, Ana Amélia, Ana Carol e Nayara, por todo apoio, carinho e muitas risadas. Nossos momentos juntas tornaram a jornada acadêmica mais leve e feliz.

À Grenissa e à Penha, pela leitura atenciosa. As sugestões feitas foram essenciais para a  
finalização do trabalho.

À Univesp, pela bolsa de estudos e por toda experiência didático-pedagógica adquirida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa.

me levanto  
sobre o sacrifício  
de um milhão de mulheres que vieram antes  
e penso  
*o que é que eu faço  
para tornar essa montanha mais alta  
para que as mulheres que vierem depois de mim  
possam ver além*

*- legado*

Rupi Kaur (2018, p.213)

## RESUMO

O presente trabalho, situado teoricamente na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, tem como objetivo investigar a ambivalência da representação da Mulher-Maravilha como um ícone de empoderamento e não-empoderamento feminino, contextualizado por meio de suas Histórias em Quadrinhos de diferentes momentos sócio-histórico-culturais. O *corpus*, portanto, é composto por seis revistas que representam fases da Mulher-Maravilha ao longo da história, estas são: *All-Star Comics* n°8 (1941); *Wonder Woman vol. 1* n°179 (1968); *Wonder Woman vol.2* n°2 (1987); *Wonder Woman vol.3* n°17 (2008); *Wonder Woman vol.4 – The New 52* n°3 (2011); *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016). Propõe-se, também, uma análise verbivocovisual (PAULA, 2017) da super-heroína, em que as três dimensões da linguagem – verbal, visual e sonora – são entendidas de maneira integrada. Além disso, procura-se refletir sobre as vozes sociais reveladas pelo sujeito Mulher-Maravilha, como um reflexo e uma refração (ou distorção) dos momentos e lugares históricos que circula sua imagem. A pesquisa justifica-se por promover questionamentos a respeito de um assunto tão em voga na contemporaneidade: o empoderamento da mulher. Para tanto, concepções bakhtinianas foram elencadas para guiar a pesquisa, como dialogia, enunciado, signo ideológico, sujeito e voz social. Metodologicamente, a pesquisa se baseia na dialética-dialógica (Paula et. al., 2011), realizada por meio do cotejamento do *corpus* com outros enunciados responsivos a ele. Os resultados apontam que a Mulher-Maravilha se mostra, ao mesmo tempo, empoderada e não-empoderada, o que comprova sua ambivalência. Por meio das análises, observa-se que os seguintes aspectos a constituem: seu corpo, cujas formas são muito sexualizadas; seus apetrechos, cujos valores remetem ao sadomasoquismo; e o sacrifício feito diversas vezes pela super-heroína, seja por amor ou por ser uma *mulher maravilha*.

**Palavras-chave:** Círculo de Bakhtin; Verbivocovisualidade; Empoderamento; Mulher-Maravilha.

## ABSTRACT

The present work, theoretically situated in the philosophy of language of the Bakhtin's Circle, aims to investigate the ambivalence of the Wonder Woman's representation as an icon of female empowerment and non-empowerment, contextualized through her Comics in different socio-historical-cultural moments. The corpus, therefore, is composed of six magazines that represent Wonder Woman phases throughout history, these are: *All-Star Comics* #8 (1941); *Wonder Woman vol. 1* #179 (1968); *Wonder Woman vol.2* #2 (1987); *Wonder Woman vol.3* #17 (2008); *Wonder Woman vol.4 – The New 52* #3 (2011); *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016). A verbivocovisual analysis (PAULA, 2017) of the superheroine is also proposed, in which the three dimensions of language – verbal, visual and sound – are understood in an integrated manner. In addition, it seeks to reflect on the social voices revealed by the subject Wonder Woman, as a reflection and refraction (or distortion) of the historical moments and places that her image circulates. The research is justified by promoting questions about a subject so fashionable in contemporary times: the female empowerment. For this, Bakhtinian conceptions were listed to guide the research, such as dialog, enunciation, ideological sign, subject and social voice. Methodologically, the research is based on dialectic-dialogic (Paula et. al., 2011), carried out by comparing the corpus with other statements responsive to it. The results show that Wonder Woman is both empowered and non-empowered, which proves her ambivalence. Through the analysis, it is observed that the following aspects constitute her: her body, whose forms are very sexualized; its gear, whose values refer to sadomasochism; and the sacrifice made several times by the superheroine, either for love or for being a *wonder woman*.

**Keywords:** Bakhtin's Circle; Verbivocovisuality; Empowerment; Wonder Woman.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Esboço da Mulher-Maravilha feito por Harry G. Peter .....	26
<b>Figura 2:</b> Garota Varga, julho de 1941 .....	27
<b>Figura 3:</b> Mulher-Maravilha amarrada .....	29
<b>Figura 4:</b> Cartaz “Rosie, a rebitadeira” .....	31
<b>Figura 5:</b> Mulher-Maravilha na capa da revista <i>Ms.</i> .....	33
<b>Figura 6:</b> "Todas nós deveríamos ser feministas" .....	35
<b>Figura 7:</b> Primeira aparição da Mulher-Maravilha na HQ All-Star Comics nº8 (1941) .....	43
<b>Figura 8:</b> Capa da HQ <i>Wonder Woman</i> vol. 1 nº179 (1968).....	44
<b>Figura 9:</b> Capa da HQ <i>Wonder Woman</i> vol.2 nº2 (1987).....	45
<b>Figura 10:</b> Capa da HQ <i>Wonder Woman</i> vol.3 nº17 (2008).....	46
<b>Figura 11:</b> Capa da HQ <i>Wonder Woman</i> vol.4 – <i>The New 52</i> nº3 (2011).....	47
<b>Figura 12:</b> Capa da HQ <i>Wonder Woman Rebirth – One Shot</i> (2016) .....	48
<b>Figura 13:</b> A “Mulher-Maravilha do acidente do Boechat” .....	51
<b>Figura 14:</b> Ministra Damares Alves veste máscara da Mulher-Maravilha.....	53
<b>Figura 15:</b> Mulher-Maravilha em momento de questionamentos .....	60
<b>Figura 16:</b> Mulher-Maravilha descobre que foi enganada .....	62
<b>Figura 17:</b> Mulher-Maravilha quebra espelho.....	63
<b>Figura 18:</b> Mulher-Maravilha preocupa-se com o homem.....	66
<b>Figura 19:</b> Mulher-Maravilha admite amar o homem.....	67
<b>Figura 20:</b> Mulher-Maravilha deixa a Ilha Paraíso .....	68
<b>Figura 21:</b> Campanha estadunidense para incentivar as mulheres a irem às fábricas durante a Segunda Guerra Mundial.....	71
<b>Figura 22:</b> Mulher-Maravilha pilota seu avião invisível .....	72
<b>Figura 23:</b> Mulher-Maravilha decide ficar na terra para ajudar Steve Trevor .....	73
<b>Figura 24:</b> Mulher-Maravilha se despede de sua mãe.....	75
<b>Figura 25:</b> Mulher-Maravilha lamenta por deixar seu lar .....	76
<b>Figura 26:</b> Mulher-Maravilha encara tempestade .....	79
<b>Figura 27:</b> Mulher-Maravilha questiona Hipólita .....	80
<b>Figura 28:</b> Mulher-Maravilha se despede de sua mãe e das amazonas .....	81
<b>Figura 29:</b> Mulher-Maravilha leva Steve de volta .....	82
<b>Figura 30:</b> Amazonas lamentam a perda de suas irmãs .....	84
<b>Figura 31:</b> Mulher-Maravilha se revolta .....	85
<b>Figura 32:</b> Escala de cores claras .....	86
<b>Figura 33:</b> Escala de cores escuras .....	87
<b>Figura 34:</b> Aleka acusa a Mulher-Maravilha de levar vergonha para a Ilha .....	87
<b>Figura 35:</b> Mulher-Maravilha acerta Aleka com um soco .....	88
<b>Figura 36:</b> Mulher-Maravilha se sente culpada.....	89
<b>Figura 37:</b> Mulher-Maravilha deixa a Ilha Paraíso por se sentir culpada .....	90
<b>Figura 38:</b> Reportagem da revista CartaCapital sobre esgotamento das mulheres .....	92
<b>Figura 39:</b> Postagem da página Mulher de Verdade no Facebook.....	94
<b>Figura 40:</b> Produtos de consumo da Mulher-Maravilha.....	97
<b>Figura 41:</b> Transformações da Mulher-Maravilha ao longo dos anos .....	99
<b>Figura 42:</b> Ártemis lança o Laço da Verdade à Mulher-Maravilha .....	101
<b>Figura 43:</b> O laço como símbolo da verdade.....	102

<b>Figura 44:</b> Braceletes repelindo balas .....	104
<b>Figura 45:</b> Prática do bondage em diferentes HQs.....	105
<b>Figura 46:</b> Bondage presente nas capas das HQs.....	105
<b>Figura 47:</b> Mulher-Maravilha da HQ e da televisão .....	108
<b>Figura 48:</b> Mulher-Maravilha da HQ e do cinema.....	109
<b>Figura 49:</b> O corpo irreal da Mulher-Maravilha.....	110
<b>Figura 50:</b> A força e as curvas da Mulher-Maravilha .....	111
<b>Figura 51:</b> “Somos Todas mulher maravilha” .....	112

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> HQs que compõem o <i>corpus</i> .....	41
--------------------------------------------------------	----

## SUMÁRIO

INTRODUZINDO...MULHER-MARAVILHA: considerações iniciais .....	15
1. UMA VIAGEM À ILHA PARAÍSO: contextualização do ícone dos quadrinhos .....	19
1.1. Origens Mitológicas .....	20
1.2. O nascimento da Mulher-Maravilha .....	23
1.3. Ícone de empoderamento questionável .....	32
2. O LAÇO DA VERDADE: caminhos metodológicos .....	36
2.1. A dialética-dialógica como metodologia .....	37
2.2. Alteridade na pesquisa.....	38
2.3. Critérios de seleção do corpus .....	40
2.4. O corpus .....	42
3. (ROMPER) OS BRACELETES DA SUBMISSÃO: concepções bakhtinianas.....	49
3.1. Mulher-Maravilha como signo-ideológico .....	49
3.2. Vozes sociais em diálogo .....	54
3.3. O sujeito Mulher-Maravilha .....	56
3.4. A verbivocovisualidade dos quadrinhos .....	57
4. (QUEBRAR) AS CORRENTES: análise dialógica das HQs .....	64
4.1. O sacrifício por amor.....	65
4.2. O sacrifício de ser mulher maravilha .....	78
4.3. O corpo maravilhoso .....	98
4.3.1. Apetrechos não-empoderados.....	100
4.3.2. Padrões amazônicos de beleza.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	114

## **INTRODUZINDO...MULHER-MARAVILHA<sup>1</sup>: considerações iniciais**

A pesquisa em desenvolvimento propõe uma análise acerca das imagens de mulher retratadas pelo ícone “Mulher-Maravilha” (MM), contextualizado por meio de suas Histórias em Quadrinhos (HQs) que representam algumas das suas diferentes fases ao longo da história, desde sua criação, em 1941, até a contemporaneidade. Nos dias atuais, a heroína é considerada um ícone de empoderamento da mulher por ser uma figura feminina forte, corajosa e guerreira. O trabalho pretende refletir sobre o empoderamento e não-empoderamento mobilizado pela MM e de que maneira esses valores aparecem nas HQs que compõem o *corpus*.

A super-heroína foi criada por William Moulton Marston em 1941, pouco antes dos Estados Unidos entrarem oficialmente na Segunda Guerra Mundial. Ela surge como um símbolo da paz e do amor pela pátria (EUA), o que é figurativamente evidenciado pelas suas vestimentas inspiradas nas cores da bandeira estadunidense. A escolha de uma figura feminina como “salvadora da pátria” nesse momento histórico foi estratégico e político. Com a guerra, os homens saíram de suas casas e foram ao combate, enquanto as mulheres continuaram em seus lares. Para que a economia do país não se estagnasse, diversas campanhas foram feitas como incentivo para que as mulheres fossem às fábricas e movimentassem o capital do país, como veremos na seção 1.2.1.

Marston costumava enfatizar em seu discurso que somente uma mulher seria capaz de fazer o bem e buscar a justiça em nome do amor, isso devido à sua delicadeza e seu instinto maternal. Por isso, ele reuniu todas as qualidades de uma “mulher ideal” e as imprimiu na figura da Mulher-Maravilha. De modo geral, a MM aparentava ser, de fato, uma mulher empoderada, porém, alguns fatores nos fazem questionar seu empoderamento: 1) em seus primeiros anos de vida, principalmente sob autoria de Marston, a Mulher-Maravilha aparecia acorrentada em quase todas as páginas de suas revistas, fazendo grande alusão ao sadomasoquismo; 2) ela deixa sua terra natal (“Ilha Paraíso”), habitada somente por mulheres amazonas, em nome de seu amor por um homem e pela pátria (EUA); 3) ela se sacrifica diversas vezes ao longo de sua trajetória, seja em nome do amor, seja por essa ser sua ‘missão’; 4) seu corpo se modificou ao longo do tempo e tem ficado cada vez mais sexualizado e inalcançável, o que reforça os padrões de beleza já existentes, ao mesmo tempo que cria novos. A hipótese que guiará a pesquisa é de que o sujeito MM nasce e permanece ao longo de sua história, ao mesmo tempo, empoderado e não-empoderado.

---

<sup>1</sup> Nas HQs, essa é uma maneira comum de apresentar ao público personagens novos.

Os objetivos que procuramos alcançar com a pesquisa se dividem em geral e específicos. Como objetivo geral, pretende-se refletir sobre a ambivalência da imagem da Mulher-Maravilha como um ícone de empoderamento feminino ou não, contextualizado por meio de HQs de diferentes momentos sócio-histórico-culturais. De maneira específica, nos propomos a analisar a construção enunciativa verbivocovisual do sujeito Mulher-Maravilha, além de investigar como as HQs da MM refletem e refratam modelos de mulher já existentes e, ao mesmo tempo, incutem novos valores de “mulher ideal” e, por fim, interpretar a significação das vozes sociais que constituem o sujeito MM.

Para tanto, o embasamento teórico é calcado nos postulados pelo Círculo de Bakhtin. Algumas concepções dos estudos bakhtinianos são essenciais para que consigamos alcançar nossos objetivos, tais como: linguagem – entendida como verbivocovisual (PAULA, 2017), em que as dimensões verbal, vocal e visual são trabalhadas de maneira integrada –; enunciado; dialogia; signo ideológico; sujeito; e voz social.

A linguagem é entendida pelo Círculo como o fenômeno onde os discursos acontecem, é por meio dela que o ser humano se posiciona enquanto sujeito na sociedade e que as ideologias aparecem, portanto é “[...] o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219). Entendemos que linguagem não pode se resumir apenas à dimensão verbal (falada ou escrita), pois as dimensões visuais (imagens) e vocais (sons, entonação) também significam e a compõem, ainda que alguma delas não esteja materializada no enunciado. Todo enunciado é concreto, ou seja, existe de fato no mundo real, está situado em determinado momento sócio-histórico-cultural e é irrepetível.

As seis HQs selecionadas para a análise nesta pesquisa, as quais compõem o que chamamos de *corpus*, são as seguintes: *All-Star Comics* n°8 (1941); *Wonder Woman vol. 1* n°179 (1968); *Wonder Woman vol.2* n°2 (1987); *Wonder Woman vol.3* n°17 (2008); *Wonder Woman vol.4 – The New 52* n°3 (2011); *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016). Essas HQs tratam-se de enunciados distintos, únicos, que pertencem a momentos diferentes da história, mas que, ao mesmo tempo, estão em diálogo uns com os outros, portanto são dialógicos. Isso porque respondem a enunciados anteriores a eles e serão respondidos por enunciados futuros. Em todo enunciado existem vozes sociais e signos ideológicos. Esse último é descrito pelo Círculo como toda manifestação da linguagem, ou um produto ideológico (seja uma palavra, um som, uma imagem etc.), que possui uma significação.

Esses conceitos serão estudados e apresentados aqui de maneira separada, a fim de didatizar a pesquisa, uma vez que se trata de um trabalho científico. Ainda assim, temos ciência de que as concepções bakhtinianas estão sempre interligadas e, por isso, quando estivermos

evidenciando uma, não estaremos dissociando-a das demais. Nas análises, as concepções serão abordadas de maneira interacional, em diálogo com o *corpus* estudado. Os estudos feministas não serão apresentados com aprofundamento, mas serão trazidos no momento em que discorreremos sobre os papéis destinados à mulher, principalmente na contemporaneidade, e de que modo esses papéis estão em diálogo com o “mito da beleza” (WOLF, 2020).

O método utilizado é o dialético-dialógico, cunhado por Paula et. al. (2011), e será realizado por meio do cotejo com outros enunciados responsivos. Essa metodologia nos fará pensar nas contradições da Mulher-Maravilha, no seu empoderamento e não-empoderamento, e de que maneira podemos refletir sobre essas afirmações que, como veremos posteriormente, não possuem uma conclusão. A comparação do *corpus* com outros enunciados que se relacionam a ele é essencial para o entendimento dessas questões e é o que chamamos de cotejo. As seis HQs que compõem o *corpus* da pesquisa serão detalhadamente apresentadas posteriormente na seção 2.4.

A motivação desta pesquisa está atrelada à sua justificativa: a função social do ícone Mulher-Maravilha. A figura da MM é tida como inspiração para mulheres e meninas ao redor do mundo. Isso se comprova por sua imagem sair das HQs e ir para a vida real, estampada em produtos de consumo, tais como: festas de aniversário, fantasias, *posts* em redes sociais e muitos outros. A Mulher-Maravilha possui um inegável papel de ícone de empoderamento para esses sujeitos. Contudo, algumas perguntas norteiam nosso trabalho e nos fazem refletir: a heroína é de fato empoderada? E sua representação empodera outras mulheres?

É importante ressaltar o que estamos entendendo como empoderamento. Para isso, nos baseamos na autora brasileira Joice Berth (2020, p. 23), que explica que a concepção de empoderamento defendida por ela em seu trabalho “[...] não visa retirar poder de um para dar a outro a ponto de inverter os polos de opressão, e sim uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade”. Partimos da premissa, já notável pelo título do nosso trabalho, de que o empoderamento propagado pela Mulher-Maravilha é questionável, isso porque acreditamos que os valores presentes na representação da MM são contraditórios.

A imagem da Mulher-Maravilha se consolidou ao longo do tempo como um ícone dos quadrinhos, tornando-se uma das super-heroínas com maior popularidade nessa mídia. Sua imagem se tornou um produto de consumo, seu rosto e logotipo estampam os mais variados objetos, que vão desde peças de vestuário, até utensílios de cozinha. Desse modo, podemos inferir que os sujeitos que consomem esses produtos possuam uma admiração pela super-heroína e a tenham como uma inspiração.

É evidente que a MM exerce um papel relevante em nossa sociedade atual, visto que “Ser mulher maravilha” se tornou sinônimo de uma mulher “guerreira”, que se sacrifica diariamente em duas ou três jornadas de trabalho e ainda deve atender à padrões estéticos de feminilidade. A pesquisa se justifica, portanto, por refletir acerca da função social desempenhada pela MM, de que maneira isso foi construído ao longo dos anos e como isso pode afetar mulheres reais.

Acreditamos que a escolha, ou projeto de dizer, de uma super-heroína com as características da MM como ícone de empoderamento para mulheres e meninas seja problemática e possa estar causando danos em nossa sociedade, ainda que as produções mais recentes que envolvam sua imagem tentem mudar seu passado. Em uma sociedade calcada nos princípios do patriarcado, em que mulheres ainda são objetificadas e submissas aos homens, e padrões de beleza beiram a perfeição, um modelo de mulher *maravilhosa* dialoga com todas essas questões, reforçando e validando comportamentos machistas e patriarcais.

Nossa pesquisa propõe o estudo de enunciados situados em determinado contexto sócio-histórico-cultural, portanto julgamos necessária a contextualização do *corpus*. Desta forma, dedicaremos um item deste texto para situar o leitor sobre quem é a Mulher-Maravilha, quais são suas origens, as motivações de sua criação e como ela se tornou um ícone, tanto dos quadrinhos, quanto de empoderamento feminino.

A seção seguinte será dedicada aos procedimentos metodológicos da pesquisa, na qual serão expostos os critérios para a seleção do *corpus* e do objeto de estudo, bem como serão expostas as HQs e suas respectivas narrativas, de maneira resumida. A seguir, exporemos os subsídios teóricos que fundamentam a proposta e, por fim, analisaremos o *corpus* de acordo com a metodologia adotada.

## 1. UMA VIAGEM À ILHA PARAÍSO<sup>2</sup>: contextualização do ícone dos quadrinhos

*“[...] todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação. A mudança dessas formas acarreta uma mudança do signo. Acompanhar a vida social do signo verbal deve ser uma tarefa da ciência das ideologias”*  
(Valentin Volóchinov, 2017, p. 109).

Esta seção do trabalho será dedicada à contextualização sócio-histórico-cultural do objeto da presente pesquisa, o ícone Mulher-Maravilha. O Círculo de Bakhtin, composto por teóricos cujos postulados embasam o trabalho, afirma que todo enunciado é situado em determinado lugar, tempo, sociedade e cultura. É preciso conhecer a história da MM para podermos pensar nela na contemporaneidade. Medviédev, um dos principais nomes do Círculo russo, deixa claro este assunto quando afirma que “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 185). O autor complementa seu pensamento da seguinte maneira:

Entender um enunciado significa entendê-lo no contexto da sua contemporaneidade e da nossa (caso elas não coincidam). É necessário compreender o sentido no enunciado, o conteúdo do ato e a realidade histórica do ato em sua união concreta e interna. Sem tal compreensão, o próprio sentido estará morto, tonar-se-á um sentido de dicionário, desnecessário (Idem).

A contextualização da Mulher-Maravilha se faz necessária não apenas para situar a heroína historicamente, mas também e, principalmente, ideologicamente. Todo e qualquer momento sócio-histórico-cultural é marcado por suas vozes sociais dominantes, o que é refletido e refratado nos mais diversos enunciados desse momento, direta ou indiretamente.

Para podermos refletir sobre a Mulher-Maravilha contemporânea e seu papel na sociedade atual, isto é, no pequeno tempo, é preciso voltarmos ao passado para entendê-la no grande tempo. Bakhtin define: “o *pequeno tempo* – o passado imediato e o futuro previsível [desejado] – e o *grande tempo* – o diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (BAKHTIN, 2011, p. 409). Portanto, pensá-la no pequeno tempo e nos impactos gerados por ela no momento de circulação das HQs é importante para entendê-la na grande temporalidade, em que sua imagem é reconhecida universalmente.

---

<sup>2</sup> Ilha Paraíso, ou Ilha de Themyscira, é onde as Amazonas vivem, uma ilha habitada somente por mulheres.

É essencial sabermos suas origens, como foi criada, quando e em qual lugar ela surgiu, o que motivou sua criação e como ela se tornou umas das maiores super-heroínas dos quadrinhos, considerada ícone de empoderamento feminino e símbolo de mulher forte e guerreira. Precisamos conhecer a Mulher-Maravilha do passado – submissa e sadomasoquista –, para refletirmos sobre a heroína-empoderada atual.

### **1.1.Origens Mitológicas**

A estreia da Mulher-Maravilha nos quadrinhos foi em 1941, em uma revista chamada *All-Star Comics*, nos Estados Unidos (EUA). Nela, a origem da super-heroína é apresentada ao público, sua narrativa começa quando o soldado estadunidense, Steve Trevor, tem seu avião atacado por nazistas e cai na Ilha de Themyscira, mais conhecida como “Ilha Paraíso”. A Mulher-Maravilha salva Steve e se sente responsável por ele. Ela se apaixona pelo homem, mesmo ele permanecendo desacordado ao longo de toda a narrativa, o que desperta nela o desejo de levá-lo de volta para sua terra, a “terra dos homens”. Sua mãe, Hipólita, rainha das Amazonas, não permite que a filha faça isso e organiza um torneio para escolher a responsável por levar Steve de volta. A vencedora deveria ser a amazona mais forte, mais rápida e mais inteligente. Como a Mulher-Maravilha não poderia participar da competição, ela se disfarça e compete em segredo. A MM vence o torneio, o que faz Hipólita mudar de ideia e permitir que sua filha vá para a terra de Steve em sua companhia.

Como é notável, a mitologia greco-romana constitui todo o enunciado, a começar pela figura das Amazonas. As guerreiras mitológicas, conhecidas por andarem a cavalo e serem habilidosas com seus arcos e flechas, são descendentes do deus da guerra, Ares, e da ninfa Harmonia. A lenda das Amazonas foi escrita por Heródoto por volta de 450 a.C.<sup>3</sup>, apesar de já existir anteriormente. A mitologia greco-romana acredita que essas mulheres utilizavam os homens com o único propósito de perpetuar a espécie. Do fruto dessas relações, os bebês do sexo masculino eram mortos pelas guerreiras e apenas restavam as meninas.

‘Amazona’ tem origem da palavra grega *amázon*, que significa “sem seio”; a lenda diz que as guerreiras retiravam um de seus seios para que facilitasse o manuseio do arco e flecha. Elas eram consideradas temíveis e viviam de saques e da própria caça. Seus trajes eram feitos de pele de animais, presos ao ombro, na altura dos joelhos, e cobriam apenas o lado esquerdo do corpo, deixando o direito despido. Além do arco e flecha, elas também armavam-se de um

---

<sup>3</sup> Informação disponível em <https://super.abril.com.br/historia/o-berco-das-amazonas/>, acesso 20 jul. 2020.

machado e um escudo. A rainha, durante a guerra, vestia um corselete feito de ferro, o qual assemelha-se a vestimenta da MM em algumas HQs. Apesar das Amazonas dos quadrinhos serem caracterizadas de maneira distinta das guerreiras mitológicas canônicas, é possível notarmos certas semelhanças entre elas, ainda que modificadas e ressignificadas.

Na mitologia, várias histórias sobre grandes confrontos envolvem as Amazonas, porém elas possuem diversas versões, a depender do mitógrafo que a escreveu. Uma das que possui maior relevância é a que envolve o oitavo trabalho de Hércules (ou Hércules, em grego), em que sua missão era roubar o cinturão da rainha das Amazonas, Hipólita.

Uma versão sobre a origem das Amazonas é contada por Hipólita para a MM em sua primeira HQ. Nela, a rainha explica para sua filha a origem de seu povo. Elas viviam numa região chamada “Amazonia”, eram o povo mais poderoso do mundo e ninguém era capaz de derrotá-las. Hércules não aceitava tamanho poder das Amazonas e decide lutar com Hipólita. Ela, com seu cinturão mágico, presente dado por Afrodite, era invencível e acabou derrotando Hércules. Ele, que não aceitou a derrota, roubou o cinturão de Hipólita e transformou as Amazonas em suas escravas. Depois das súplicas de Hipólita, Afrodite tomou o cinturão de Hércules e o devolveu à rainha das Amazonas, porém sob a condição de se isolarem em uma ilha e não terem mais nenhum contato com os homens. Afrodite também ordenou que todas as Amazonas usassem braceletes nos pulsos, os “Braceletes da Submissão”, para que se lembrassem de manter distância dos homens.

A mitologia clássica conta essa história de outra maneira. A deusa protetora das Amazonas é, na verdade, Ártemis, deusa da caça e da lua. O cinturão de Hipólita não se trata de um presente de Afrodite, mas de Ares, deus da guerra. A lenda diz que Hércules nunca foi derrotado pelas Amazonas, e roubou o cinturão de Hipólita a pedido de Admeta, filha de Euristeu. Algumas versões dizem que, depois de roubar o cinturão, Hércules matou Hipólita.

A escolha de Afrodite como a deusa protetora das Amazonas no universo da MM (e não Ártemis, como é na mitologia) não foi por acaso. Afrodite é a deusa do amor, se caracteriza por ser vulnerável e sensual, suas forças estão relacionadas à criatividade e à sensualidade e ela possui a habilidade de apreciar o prazer e a beleza. Afrodite também é conhecida por ter muitos relacionamentos sucessivos. Essas características pouco têm relação com as Amazonas da mitologia, porém Marston, o criador da MM, pretendia colocar na nela todas as “qualidades” que ele acreditava pertencer às mulheres e, de acordo com ele, a maior delas é o amor. Ainda assim, o nome recebido pela MM ao final de sua primeira história foi Diana, nome romano da deusa grega Ártemis.

As deusas do Olimpo possuem diferentes características e comportamentos; a autora Jean Shinoda Bolen, em seu livro *As Deusas e a Mulher: nova psicologia das mulheres* (1990), explica, a partir de uma vertente jungiana, os diversos arquétipos de mulher que são personificados nas deusas. Esses arquétipos são comportamentos padrões e inconscientes das mulheres e podem se transformar ao longo dos anos. Bolen divide as deusas em três categorias de acordo com suas características: deusas virgens, deusas vulneráveis e deusas alquímicas. As virgens se identificam por demonstrarem características de independência e autossuficiência; as vulneráveis por apresentarem aspectos de esposa, mãe ou filha; já as alquímicas podem ser autônomas e vulneráveis ao mesmo tempo.

Ártemis é uma deusa virgem (caracterizada, como Atena e Héstia, por ser independente) e seus maiores atributos são a caça, o instinto selvagem e o espírito de competição, além de não ter relações amorosas com homens. Essas e outras características se aproximam muito das Amazonas, por isso ela é a deusa protetora das guerreiras. Bolen (1990, p. 78) descreve Ártemis da seguinte maneira:

Ártemis, conhecida pelos romanos como Diana, era a deusa da caça e da lua. A alta e adorável filha de Zeus e Leto percorria a região da floresta, da montanha, da campina e da clareira com seu bando de ninfas e cães de caça. Vestida com uma túnica curta, equiparada com arco de prata e aljava de setas ao ombro, era a arqueira de infalível pontaria, como deusa da lua ela é também apresentada como portadora de luz, levando tochas nas mãos, ou com a lua e as estrelas ao redor de sua cabeça.

Da mesma forma que a deusa vivia cercada por mulheres, ninfas e animais, as Amazonas também convivem apenas com outras mulheres e andam sempre a cavalo. As roupas curtas usadas pela Mulher-Maravilha remetem à túnica de Ártemis. A tiara dourada usada pela MM quase sempre recebe uma estrela no centro, da mesma forma que Ártemis tem sua cabeça rodeada de estrelas, que representam a luz. Tanto Ártemis quanto a Mulher-Maravilha possuem uma forte relação com os animais, inclusive um dos superpoderes da MM (em certos momentos) é conseguir se comunicar com eles.

Apesar do arquétipo de Ártemis ser muito forte na Mulher-Maravilha, ele não é o único. Bolen (1990, p. 21) afirma que existem muitas deusas em uma mulher e elas agem em momentos diferentes da vida. Em sua primeira aparição, na *All-Star Comics* nº8, a MM surge com muitas características de Ártemis, assim como suas irmãs Amazonas. Mas, assim que se depara com Steve Trevor, se apaixona por ele; então, outras deusas começam a agir sobre ela, como Afrodite, a amante, Hera, a esposa, ou ainda Deméter, a mãe, pois ela se sente responsável por cuidar do homem ferido e levá-lo de volta para casa.

Percebe-se, assim, como a Mulher-Maravilha se mostra guerreira, forte e empoderada, mas, ao mesmo tempo, é vulnerável e preza pelo amor de um homem e de uma nação. Mais do que isso, ela abre mão de viver eternamente na “Ilha Paraíso” para levar Steve de volta para casa (Estados Unidos) em nome do amor que sente por ele.

## 1.2. O nascimento da Mulher-Maravilha

William Moulton Marston, sob o pseudônimo de Charles Moulton, foi o criador da Mulher-Maravilha em 1941. Suas pesquisas na área da psicologia durante a faculdade e a vida adulta resultaram na criação da personagem considerada por ele uma “propaganda psicológica com vistas ao novo tipo de mulher que, na minha opinião, deveria dominar o mundo”<sup>4</sup>. Durante muito tempo, a história por trás dessa personagem e seu criador foi misteriosa, porém a autora Jill Lepore, professora de História Americana na Universidade de Harvard e redatora da revista *New Yorker*, realizou uma extensa pesquisa e reuniu diversas cartas, manuscritos e diários de Marston, seus filhos e suas mulheres (sim, no plural), que resultou no livro *História Secreta da Mulher-Maravilha* (2017).

Marston foi um psicólogo frustrado com sua profissão e desde muito jovem esteve envolvido em movimentos revolucionários. Ele foi apoiador do movimento pelo sufrágio feminino e acreditava que as mulheres deveriam comandar o mundo. Em contrapartida ao seu discurso “feminista”, suas atitudes não endossavam totalmente seu posicionamento. Marston foi o inventor de um protótipo de polígrafo, que detectava mentiras por meio da pressão arterial. Essa sua invenção não foi um sucesso, pois não se mostrou tão eficaz quanto ele imaginava. Porém, o tema da verdade/mentira é um dos mais recorrentes nas histórias da Mulher-Maravilha, como é evidenciado por um de seus apetrechos, o “Laço da Verdade”, cuja função é não permitir que a pessoa que esteja amarrada a ele conte mentiras.

Sobre a vida pessoal de Marston, não podemos dizer que ele era um defensor da moral e dos bons costumes da época, pois sua família estava longe de ser convencional. A pesquisadora Lepore (2017) relata em seu livro que Marston teve, simultaneamente, duas esposas em sua vida. A “oficial” se chamava Elizabeth Holloway, uma mulher muito inteligente, que possuía a mesma formação acadêmica que o marido, porém sem o reconhecimento devido, e que sempre o acompanhou em seus experimentos. A “amante” era Olive Byrne, uma ex-aluna da faculdade de psicologia de Marston. Quando ele começou a se

---

<sup>4</sup> William Moulton Marston, 1945.

envolver com Olive, fez a seguinte proposta para Elizabeth, “Ou Olive Byrne iria morar com eles, ou ele deixaria a esposa” (LEPORE, 2017, p. 151). Os três viveram como uma única família a vida toda, mas mantiveram o segredo até dos próprios filhos, frutos dos dois relacionamentos. As ideias “revolucionárias” de Marston o perseguiram durante toda sua vida, até que sua vontade de colocar as mulheres como superiores aos homens tomou forma, uma forma de super-heroína.

O início da Segunda Guerra Mundial em 1939 não só colocou o mundo todo em conflito, como afetou o universo dos quadrinhos também. Os heróis Superman e Batman foram criados neste mesmo ano pela editora *DC Comics*<sup>5</sup> e, com a explosão da guerra, as armas foram banidas das revistas dos super-heróis. Batman se tornou totalmente avesso às armas, porém, com a guerra acontecendo, muitas pessoas não se convenceram com sua nova versão e iniciaram uma série de ataques às revistas. Elas afirmavam que os quadrinhos não eram bons exemplos para as crianças.

Marston, que já havia começado seus estudos sobre quadrinhos há um tempo, disse certa vez em uma entrevista que não via problema nenhum em crianças lerem histórias em quadrinhos e, na verdade, ele achava ótimo. Questionado sobre as cenas de torturas e sequestros que apareciam nas histórias, ele disse que “a ameaça de tortura é inofensiva; mas se a tortura em si é mostrada na revista, temos sadismo. Quando uma adorável heroína é amarrada ao tronco, quem acompanha os quadrinhos sabe que o resgate vai aparecer em cima da hora” (1940 apud LEPORE, 2017, p. 230). Charlie Gaines, então editor da *DC*, se interessou pelo discurso de Marston e contratou-o como psicólogo consultor.

Gaines precisava se defender das críticas que recebia e confiou essa tarefa a Marston. Ele acreditava que Gaines só conseguiria mudar essa situação se publicassem uma revista cuja protagonista fosse uma super-heroína. Ele convenceu o editor a comprar a ideia e a Mulher-Maravilha então foi criada. Sobre a criação da MM, Marston certa vez afirmou:

Falta ao herói masculino, por melhor que seja, as qualidades do amor materno e o carinho que são tão essenciais à criança normal quando o sopro de vida. Imagine que o ideal da criança é ser um super-homem que utiliza seu poder extraordinário para ajudar os fracos. O ingrediente mais importante da felicidade humana ainda está em falta: o amor. É inteligente ser forte. É grandioso ser generoso. Mas é afeminado, conforme regras exclusivamente masculinas, ser carinhoso, amável, afetuoso e sedutor. ‘Ah, isso é coisa de menina!’, esbraveja nosso pequeno leitor de gibis. ‘Quem quer ser uma menina?’ W aí é que está: nem as meninas vão querer ser meninas enquanto nosso arquétipo feminino não tiver robustez, força e poder. Ao não quererem

---

<sup>5</sup> A sigla significa Detective Comics.

ser meninas, elas não querem ser carinhosas, submissas, amantes da paz como são as boas mulheres. As qualidades fortes das mulheres são desprezadas por conta das fracas. A solução óbvia é criar uma personagem feminina com toda a força do Superman e todo fascínio de uma boa e bela mulher.<sup>6</sup>

Sua afirmação de que algumas atitudes são consideradas afeminadas pela sociedade e que isso deveria mudar são válidas e compreensíveis. Porém, ao dizer que uma boa mulher deve ser submissa e necessariamente carinhosa, Marston vai em sentido contrário aos princípios do feminismo, os quais ele tanto defendia.

Marston entregou a primeira versão do roteiro de sua revista ao editor da *DC* em fevereiro de 1941, ela se chamava “Suprema, a Mulher-Maravilha”. O roteiro foi encaminhado a Sheldon Mayer, editor do Superman, que fez algumas modificações, retirou o “Suprema” de seu nome, mas manteve o “feminismo” presente na história, pois essa era uma exigência de Marston. A Mulher-Maravilha já possuía características psicológicas e físicas, mas ainda não apresentava uma forma concreta e, para isso, Marston precisaria de um desenhista. Ele queria um artista que pensasse da mesma forma que ele, ou seja, que acreditasse no poder das mulheres. Apesar disso, a contratação de uma artista do gênero feminino não foi cogitada, mesmo havendo muitas desenhistas talentosas na época. Por fim, contratou Harry G. Peter.

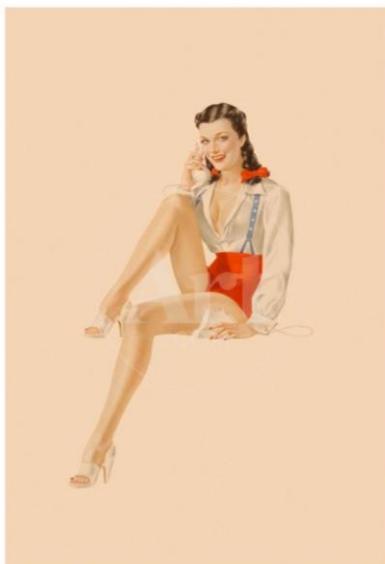
Peter recebeu de Marston diversas instruções de como a Mulher-Maravilha deveria ser: suas vestes deveriam retratar seu “significado-subjacente” (como ele costumava falar), isto é, o de crescimento do poder da mulher; ela usaria braceletes, assim como uma de suas esposas, Olive Byrne, usava; deveria ser muito bonita, usar pouca roupa e carregar as cores de sua pátria em seu traje (assim como o Capitão América, herói da maior concorrente da *DC*, a *Timely Comics*, atual *Marvel*). “Peter recebeu suas instruções: desenhe uma mulher poderosa como o Superman, sensual como a Miss Fury, com as roupas mínimas de Sheena, a rainha da selva, e tão patriota quanto o Capitão América.” (LEPORE, 2017, p. 242). Este foi o esboço que Peter entregou a Marston:

---

<sup>6</sup> Trecho do livro escrito por William M. Marston “Why 100,000,000 Americans Reads Comics”, p. 42-43 (apud LEPORE, 2017, p. 232).



**Figura 2:** Garota Varga, julho de 1941



Fonte: *Art.com*, 2020<sup>8</sup>

A Mulher-Maravilha, então, ganhou vida na *All-Star Comics* nº8 no outono de 1941, pouco antes dos Estados Unidos entrarem na guerra. A apresentação da heroína veio em destaque na revista, que reunia vários outros super-heróis. Ela foi apresentada ao público da seguinte maneira:

Finalmente, em um mundo dilacerado pelo ódio e pela guerra dos homens, aparece uma mulher a quem os problemas e proezas dos homens são mera brincadeira de criança. Uma mulher cuja identidade não é conhecida por ninguém, mas cujos feitos sensacionais são notáveis em um mundo que se movimenta rápido! Com uma centena de vezes a agilidade e a força dos nossos melhores atletas masculinos e lutadores mais fortes, ela aparece do nada para vingar uma injustiça ou tornar certo o errado! Tão bela quanto Afrodite - tão sábia quanto a Athena - com a velocidade de Mercúrio e a força de Hércules - ela é conhecida apenas como **Mulher-Maravilha**, mas quem ela é, ou de onde ela veio, ninguém sabe!<sup>9</sup>

A repercussão da super-heroína foi gigantesca, em poucos meses ela já estava vendendo tanto quanto Superman e Batman e era destaque na revista *Sensation Comics*. Pouco tempo depois, ela se tornou a primeira heroína a ter uma revista somente sua, chamada *Wonder Woman*. Porém, com o sucesso também vieram as críticas. Em 1942, a *Sensation Comics* entrou para a lista de “Publicações reprovadas para a juventude” da Organização Nacional pela Literatura Salutar e foi banida das prateleiras. O motivo era que a MM não estava vestida

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.art.com/products/p12476639-sa-i1766338/alberto-vargas-varga-girl-july-1941.htm>. Acesso em 27 jun. 2020.

<sup>9</sup> Tradução nossa.

adequadamente, mas Gaines não voltou atrás e continuou a publicar a personagem do jeito que estava.

O editor queria mais para a Mulher-Maravilha, e exigiu que a heroína participasse da Sociedade da Justiça da América, uma liga de super-heróis que resolviam os problemas da nação. A MM fez uma participação especial para ajudar em uma “emergência nacional”, que era a entrada do país na guerra, porém essas histórias não eram escritas por Marston. “A Mulher-Maravilha entrou na Sociedade da Justiça na edição de agosto-setembro da *All-Star Comics*. Não foi bem o triunfo que era para ser. Ela foi nomeada secretária da equipe” (LEPORE, 2017, p. 258). A MM não só perdeu seu protagonismo, como se tornou totalmente submissa aos outros heróis e nem mesmo saía da sede da Sociedade.

A Mulher-Maravilha aparecia em quase todas as edições da *Sensation Comics*, na *All-Star Comics* com bastante regularidade, era uma das estrelas da trimensal *Comic Cavalcade* e em sua própria revista, a *Wonder Woman*. William M. Marston, até então, publicava as revistas sob o pseudônimo de Charles Moulton, mas quando a *Wonder Woman* foi anunciada, ele decidiu revelar sua identidade. O mundo, então, soube que o criador da Mulher-Maravilha era o famoso psicólogo inventor do “detector de mentiras”. Ele declarou que ela foi pensada como uma “alegoria”.

A Mulher-Maravilha tem braceletes soldados aos pulsos; ela pode usá-los para repelir balas. Porém, se deixar algum homem soldar correntes a estes braceletes, ela perde seu poder. Isso, segundo o Dr. Marston, é o que acontece a todas as mulheres que se submetem à dominação masculina (apud LEPORE, 2017, p. 271).

Marston desejava que a Mulher-Maravilha não fosse apenas uma super-heroína, mas que inspirasse mulheres e crianças a serem fortes, corajosas e não se submeterem ao poder masculino. Para ele, ela representava *todas as mulheres*. Porém, Marston se mostrava uma pessoa bastante contraditória, a notar pela quantidade de cenas em que a MM aparece amarrada ou acorrentada nos primeiros anos de sua revista. Lepore diz que “a força da mulher era um dos temas da Mulher-Maravilha. O *bondage* feminino era outro” (2017, p. 287). A prática sadomasoquista era evidente nas páginas da revista e Marston não a negava. Mayer, o editor da MM, disse certa vez que “a noção que Marston tinha da supremacia feminina era a capacidade de submeter-se à dominação masculina” (apud LEPORE, 2017, p. 291). Um exemplo da alusão ao sadomasoquismo aparece na figura a seguir, recortada da HQ *Sensation Comics* nº 12.

**Figura 3: Mulher-Maravilha amarrada**



Fonte: *Fantasticursos*, 2020<sup>10</sup>

Isso começou a preocupar muitas pessoas, principalmente porque as revistas eram lidas, em sua maioria, por crianças. A conselheira do Comitê do Livro infantil da Associação Norte-Americana de Estudos da Criança, Josette Frank, escreveu uma carta de recomendação a Marston sugerindo que ele retirasse o conteúdo “fetichioso” de suas revistas. Dorothy Roubicek, uma famosa cartunista da época, concordava com as objeções de Josette. Marston, como esperado, não aceitou nenhuma das sugestões e acrescentou, em carta direcionada a Gaines em 1943, que “o segredo da atração feminina [é que] as mulheres *apreciam* a submissão – gostam de serem amarradas” (apud LEPORE, 2017, p. 292-293). Para ele, todas as mulheres deviam entender isso e ele não tinha culpa por Josette e Dorothy não entenderem. Na carta escrita para Gaines, Marston insinuou que não era possível que Dorothy soubesse de alguma coisa, pois ela estava nos quadrinhos há pouco tempo e nunca se envolvera com a psicologia (1943 apud LEPORE, 2017, p. 293). Marston disse a Gaines:

Esta, meu caro amigo, é a única e verdadeira contribuição das minhas histórias da Mulher-Maravilha à educação moral dos pequenos. A única esperança de paz é ensinar às pessoas cheias de viço e força desmesurada a *apreciar* as amarras – a *apreciar* a submissão à autoridade dócil, à autoridade sábia, não simplesmente tolerar qualquer submissão. As guerras só terão fim quando os humanos *gostarem de ser amarrados* (1943 apud LEPORE, 2017, p. 293).

<sup>10</sup> Disponível em <https://fantasticursos.com/a-perversao-sexual-da-mulher-maravilha-por-tras-dos-quadrinhos/>. Acesso em 28 jun. 2020.

Depois de muita insistência, as cenas de *bondage* foram reduzidas. Porém, Josette ainda não estava contente. Para ela, não era só o sadomasoquismo que a preocupava, mas o tema das histórias, que giravam sempre em torno da guerra dos sexos, homens contra as mulheres, e vice-versa. Marston, mais uma vez, discordou de Josette e continuou a produção das aventuras da Mulher-Maravilha.

Em 1944, a super-heroína ganhou uma tira nas páginas do jornal *Independent News*. Era Marston quem as escrevia, porém ele não estava mais conseguindo conciliar as revistas e as tiras diárias sozinho, por isso contratou Joye Hummel para ser sua assistente. Ela tinha 19 anos e era sua aluna na disciplina de psicologia que lecionava na Katharine Gibbs School. Ele acreditava que ela contribuiria dando um ar mais jovem para as produções da MM.

Marston contraiu poliomielite em agosto de 1944; em 1945 já estava muito debilitado, por isso as tiras do jornal foram canceladas. Hummel começou a escrever seus próprios roteiros; eles eram mais inocentes do que os de Marston. No dia 2 de maio de 1947, Marston morreu em decorrência de um câncer.

Após sua morte, a vida da Mulher-Maravilha virou de cabeça para baixo. Holloway enviou uma carta ao diretor da DC, Jack Liebowitz, dizendo que queria assumir a autoria da MM. Liebowitz não aceitou a proposta da viúva e contratou Robert Kanigher. Holloway escreveu algumas instruções a Kanigher de como ele deveria conduzir a personagem, algumas expressões que deveria evitar e outras que ela aconselhava. Ele não aceitou nada do que lhe foi dito e escreveu as histórias como queria.

Com o fim da guerra, em 1945, a indústria dos quadrinhos entrou em uma grande crise. Não era mais permitido nenhum tipo de violência ou perversão sexual nas revistas e as restrições eram muitas. Por isso, muitos super-heróis deixaram de existir, a Sociedade da Justiça, da qual a MM era integrante, acabou em 1948. A Mulher-Maravilha sobreviveu a esse período, mas não fazia mais sucesso algum. Kanigher havia modificado totalmente a personagem, a Mulher-Maravilha já não era mais a mesma.

No período histórico em que a MM foi criada, os homens estavam em combate na guerra, enquanto grande parte das mulheres ficaram em casa e passaram a ser as responsáveis pelo lar. A Mulher-Maravilha surgiu como símbolo de uma mulher patriota e um estímulo para que as mulheres, que até então tinham suas atividades voltadas para o lar, movimentassem a economia do país, fazendo assim sua parte pela “pátria amada”. É nesse período que surge um dos maiores símbolos da força feminina, o cartaz “Rosie, a rebitadeira”. O enunciado é muito

propagado na atualidade a fim de salientar a capacidade de as mulheres fazerem qualquer coisa, como está verbalizado, de modo imperativo: “We Can Do It!”<sup>11</sup>

**Figura 4:** Cartaz “Rosie, a rebitadeira”



Fonte: *Wikimedia Commons*, 2020<sup>12</sup>

O cartaz foi criado como propaganda para incentivar as mulheres a trabalharem nas fábricas durante a Segunda Guerra. O discurso verbalizado no cartaz, o macacão azul, característico dos operários das fábricas, o movimento de arregaçar as mangas, os braços fortes e a expressão séria, com uma sobrelanceira erguida, simbolizam a força e, talvez, a superioridade da mulher. Já o lenço no cabelo e a maquiagem são símbolos da feminilidade, que não pode lhes faltar. Lepore afirma que “ao fim da Segunda Guerra Mundial, o número de mulheres norte-americanas que trabalhava fora de casa havia subido 60%; três quartos dessas mulheres eram casadas, e um terço tinha filhos em casa. O trabalho feminino foi crucial no período de guerra” (LEPORE, 2017, p. 331).

Entretanto, por volta de 1950, o trabalho feminino não era mais necessário, as mulheres foram demitidas, os homens retornaram para as indústrias e elas voltaram a ser donas de casa. O comportamento da MM nas HQs deste período refletiu o então momento pelo qual as mulheres estadunidenses viviam. Ela quis se casar com Steve Trevor, seu lado materno se afluou e ela começou a dar conselhos amorosos a mulheres “mal-amadas” em sua revista.

<sup>11</sup> “Nós conseguimos fazer isso!”. Tradução nossa.

<sup>12</sup> Disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:We\\_Can\\_Do\\_It!.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:We_Can_Do_It!.jpg). Acesso em 28 jul. 2020.

Até então a Mulher-Maravilha ainda não era vista como um ícone de empoderamento para as mulheres, mesmo porque essas pautas não tinham ganhado grandes proporções até o momento. Dedicaremos o subitem a seguir à explicação de como a MM passou a ser considerada um ícone de mulher empoderada e acabou se tornando um dos símbolos da Segunda Onda Feminista.

### 1.3. Ícone de empoderamento questionável

Na atualidade, a afirmação de que a Mulher-Maravilha é um ícone de empoderamento feminino gera muitas controvérsias, enquanto algumas pessoas acreditam piamente em seu lado empoderado, outras discordam totalmente disso. O que não podemos negar é que seu empoderamento é endossado pelo senso comum e até mesmo por grandes organizações. A Organização das Nações Unidas (ONU) concedeu à Mulher-Maravilha o título de Embaixadora Honorária para o empoderamento de mulheres e meninas<sup>13</sup> em outubro de 2016. A nomeação não foi à Lynda Carter, atriz que representou a heroína na série televisiva da década de 1970, nem à Gal Gadot, que a interpretou no filme lançado em 2017, mas sim para a personagem fictícia. Ela foi escolhida porque a ONU acreditava que toda a luta por paz e justiça da MM ajudaria na conquista pela igualdade entre homens e mulheres, meninos e meninas. A decisão causou tamanha controvérsia que, dois meses depois da nomeação, foi revogada por meio de uma petição<sup>14</sup> feita por ativistas contrários à decisão da ONU. Esta foi feita, pois consideravam a Mulher-Maravilha muito sexualizada e não acreditavam que ela representasse todas as mulheres. Todavia, a heroína nem sempre foi considerada esse ícone de empoderamento, isso foi acontecer na década de 1970, em meio ao que chamamos hoje de Segunda Onda do Feminismo.

A *Ms. Magazine*, revista feminista norte-americana, foi criada nessa mesma época, em dezembro de 1971, e continua a circular até os dias atuais. Suas fundadoras foram Joanne Edgar e Patricia Carbine, ambas ativistas pelos direitos femininos; outras ativistas também faziam parte do time, como Gloria Steinem. Partiu dela a ideia de resgatar a Mulher-Maravilha “feminista” dos anos 1940 e colocá-la como a representante do movimento que estava em grande ascensão. A capa dessa edição trazia uma versão gigante da MM andando sobre a cidade,

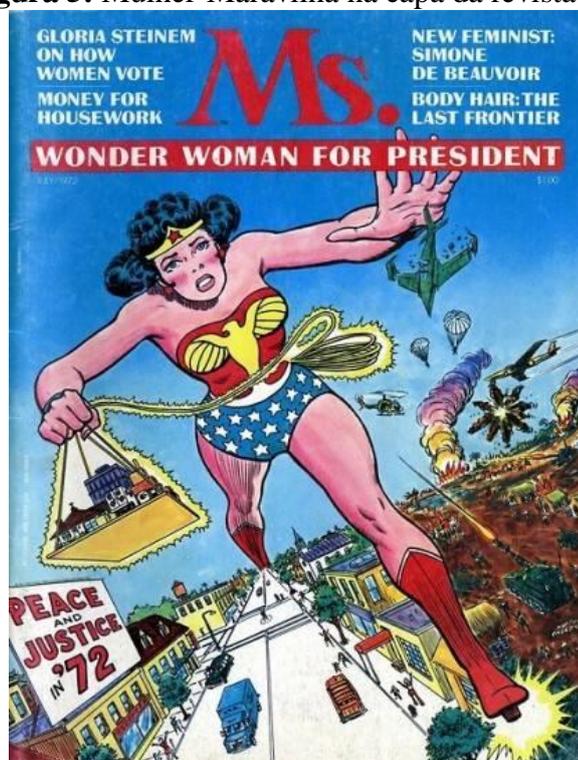
---

<sup>13</sup> Informação disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/74705-mulher-maravilha-embaixadora-da-onu-para-o-empoderamento-de-mulheres-e-meninas>. Acesso em 28 jul. 2020.

<sup>14</sup> Informação disponível em <https://veja.abril.com.br/mundo/mulher-maravilha-e-cortada-de-cargo-de-embaixadora-da-onu/>. Acesso em 28 jul. 2020.

com o seguinte título: “Mulher-Maravilha para Presidente”. Além de resgatar a Mulher-Maravilha de Marston, a edição também marcou o posicionamento político da revista.

**Figura 5:** Mulher-Maravilha na capa da revista *Ms.*



Fonte: *DC Women Kicking Ass*, 2020<sup>15</sup>

No enunciado, uma versão em tamanho gigante da Mulher-Maravilha corre sobre uma cidade em guerra. A chamada principal da revista diz: “Wonder Woman for president”<sup>16</sup>, escrito em caixa alta e destacado em vermelho, o que remete à campanha eleitoral para a presidência dos Estados Unidos que estava acontecendo na época. Um grande cartaz, também escrito em caixa alta e na cor vermelha, diz “Peace and Justice in ‘72”<sup>17</sup>. Ao lado direito da MM, a cidade aparenta estar tranquila, com pessoas acenando para ela nas ruas e carros circulando normalmente, enquanto ao seu lado esquerdo, vemos uma zona de guerra, com tanques atirando em sua direção, bombas explodindo e aviões a atacando. Sua mão esquerda está aberta e o avião quebrado e apontado para o chão mostra que ela o destruiu, já em sua mão direita ela segura uma espécie de cidade amarrada com seu laço da verdade, que brilha, pois está em ação. Seus passos são firmes, como é notável pela explosão que seu pé esquerdo causa ao pisar no chão. Sua expressão é de preocupação e medo.

<sup>15</sup> Disponível em <https://dcwomenkickingass.tumblr.com/post/25086191397/ww>. Acesso em 28 jul. 2020.

<sup>16</sup> “Mulher-Maravilha para presidente”. Tradução nossa.

<sup>17</sup> “Paz e justiça em 72”. Tradução nossa.

A capa da revista apresenta uma Mulher-Maravilha forte, que está em busca da paz e da justiça, como mostra o cartaz. Ela atravessa a cidade destruindo a guerra e levando a verdade para sua pátria, os Estados Unidos, com as cores da bandeira muito bem marcadas no uniforme da MM, no plano de fundo azul e nas letras em vermelho. O enunciado mostra que o projeto de dizer das editoras da revista era colocar a MM como uma grande heroína nacional.

O movimento feminista estava muito forte naquele momento, em 1972 vários direitos foram conquistados, em 1973 o aborto foi legalizado e a MM nomeada “símbolo da revolta feminista”. Entretanto, Lepore (2017, p. 350) afirma que “se 1972 foi o dilúvio legislativo, 1973 foi o começo da seca. Alguns ganhos se perderam; outros provaram-se ilusão”. A MM dos quadrinhos passava pela sua pior fase, a “Era Diana Prince”, quando ela abre mão de seus poderes, seu uniforme e de sua função de super-heroína para proteger seu par romântico, Steve.

Uma das intenções de Steinem ao colocar a Mulher-Maravilha dos anos 1940 na capa de sua revista era de que ela – guerreira, poderosa e “feminista” – voltasse para as bancas. O nome de uma mulher até foi cogitado para a autoria das HQs, que inclusive chegou a editar uma revista. Porém, com o enfraquecimento do movimento feminista, ela foi demitida da *DC Comics*. Quem assumiu o cargo foi Robert Kanigher, que devolveu os poderes e o uniforme para a Mulher-Maravilha, mas não inseriu a “pegada feminista”, tão desejada por Steinem, nas histórias da super-heroína.

Gloria Steinem foi duramente atacada por sua publicação na *Ms.* de 1972, afinal, “quem precisa de conscientização e salários iguais quando se é uma amazona de avião invisível?” (LEPORE, 2017, p. 357). Apesar da escolha de Steinem ter dividido muitas opiniões, até os dias atuais a figura da Mulher-Maravilha circula como símbolo de empoderamento e força feminina, como podemos ver na imagem abaixo.

**Figura 6:** "Todas nós deveríamos ser feministas"



Fonte: *Herochan*, 2020<sup>18</sup>.

O enunciado acima, de autoria desconhecida, trata-se de uma arte criada por fãs da Mulher-Maravilha. Na figura, vemos a parte superior do corpo da super-heroína, seu braço direito está erguido e seus punhos fechados, como símbolo de luta. Ela veste sua tradicional tiara na cabeça, uma camiseta branca contendo a frase “We should all be feminists”<sup>19</sup> e é possível perceber que ela está com seu uniforme por baixo da camiseta. A frase em inglês não aparece somente neste enunciado, mas sim em muitos outros, por ter se tornado comum na campanha pela luta feminista na atualidade. Ela aparece, também, em produtos comercializados em grande escala, principalmente em camisetas, como a usada pela MM na figura. Ao mesmo tempo em que o enunciado tenta promover a voz social da luta feminista, ele dá destaque aos braceletes da MM, que são símbolo da submissão sofrida pelas Amazonas em sua origem.

Imagens como essa circulam nas redes sociais em *posts* relacionados à temas feministas e de empoderamento. Além disso, muitos produtos são comercializados com o logotipo da MM, como maquiagens, camisetas, chinelos, fantasias infantis etc. Sua imagem se tornou um produto, consumido muitas vezes por sujeitos que desconhecem suas origens, o que pode promover uma falsa ideia de empoderamento. Essas questões serão discutidas ao longo de todo o trabalho e, principalmente, no momento da análise do *corpus*.

<sup>18</sup> Disponível em <https://www.herochan.com/post/165041190380/wonder-woman-we-should-all-be-feminists-created>, Acesso em 23 jul. 2020.

<sup>19</sup> “Devemos todos(as) ser feministas”. Tradução nossa.

## 2. O LAÇO DA VERDADE<sup>20</sup>: caminhos metodológicos

*“Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro nem o último. Ele é apenas um elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado”*  
(Mikhail Bakhtin, 2011, p. 371).

A presente pesquisa possui natureza bibliográfica, de caráter analítico e interpretativo. Nossa proposta parte do princípio de que arte e vida estão intrinsecamente ligadas e que o enunciado nunca se encontra apartado do solo social. Para tanto, a maneira como iremos desenvolver este estudo deve condizer com o que objetivamos anteriormente.

Quando se pensa em metodologia nos estudos bakhtinianos, muitas questões vêm à tona e há, inclusive, quem diga que o Círculo não propôs um método de estudo. Porém, como é notável em textos como *Metodologia nas ciências humanas*, sob autoria de Bakhtin (2011), *Palavra na vida e palavra na poesia*, escrito por Volóchinov (2013) e *O Método Formal nos estudos literários*, de Medviédev (2016), o assunto é devidamente abordado pelos estudiosos russos. Apesar de não ser um método ortodoxo, com etapas a serem seguidas, o Círculo deixou sim registrada sua proposta de trabalho, que tem como princípio fundamental o *diálogo*.

As autoras Paula; Figueiredo; Paula (2011), no artigo *O Marxismo no/do Círculo de Bakhtin*, propõem que o método bakhtiniano seja *dialético-dialógico*, abordagem essa que adotaremos nesta pesquisa.

Não nos propomos a discorrer aqui sobre as origens da dialética de maneira aprofundada, portanto, tomamos como referência a obra *O que é Dialética?* (1981), de Leandro Konder. O autor explica que o pensamento dialético surge na Grécia antiga e era entendido como a arte do diálogo. Posteriormente, passou a ser considerada a arte de demonstrar uma tese por meio de uma argumentação. Já na modernidade, é entendida como a maneira que pensamos as contradições da realidade como essencialmente contraditórias e em permanente transformação (KONDER, 1984, p. 8). É a essa última que nossa pesquisa vai ao encontro, pois entendemos a Mulher-Maravilha, seja enquanto sujeito ou signo ideológico, como constantemente contraditória, empoderada e não-empoderada.

Hegel foi um dos maiores nomes do pensamento filosófico e da dialética e é a partir dele que iremos discutir essa concepção filosófica. Ele é quem elabora a ideia de superação dialética, que, segundo Konder, “é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a

---

<sup>20</sup> O Laço da Verdade é um apetrecho mágico utilizado pela Mulher-Maravilha. Seu poder é obrigar a pessoa que estiver amarrada a ele a dizer apenas a verdade.

conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior” (KONDER, 1984, p. 26).

Karl Marx, diferentemente do pensamento idealista hegeliano, pensava em uma dialética materialista, na qual o homem se constitui pelo trabalho. Marx concordava com Hegel em relação a sua concepção de trabalho, mas acreditava que o trabalho físico, braçal, não era visto por Hegel com a importância necessária. Marx constrói, então, a ideia da alienação do trabalho, que é provocada pela divisão social que existe entre os empregados e os empregadores, em que a classe social do indivíduo determina qual será seu cargo.

### **2.1.A dialética-dialógica como metodologia**

O método dialético-dialógico, portanto, parte da dialética materialista de Marx, calcada no tripé hegeliano de tese (afirmação), antítese (negação da afirmação) e síntese (negação da negação, ou superação), em paralelo ao pensamento dialógico (sem superação) do Círculo de Bakhtin. As autoras explicam a relação entre os pensamentos filosóficos da seguinte maneira:

O liame entre o Círculo e Marx é a relação dialética/dialógica e a questão da ideologia que, para Marx, calca-se nas relações (econômicas, políticas, culturais, sociais) objetivamente vividas entre os sujeitos constituídos e constituintes de determinada realidade social e, para o Círculo, encontra-se entranhada na linguagem (o signo ideológico). A linguagem é o cerne da questão (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2011, p. 85).

Para o Círculo, a ideologia faz-se presente em todo enunciado, é parte constituinte dele, e é manifestada por meio da linguagem. O discurso, materializado em forma de enunciado concreto, é composto não apenas pelo linguístico, mas também pelo extralinguístico, pelo social. Como afirma Bakhtin (2011, p. 313), “O enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro”.

O extralinguístico é entendido como parte da totalidade do texto, e não pode ser ignorado. “O método dialético, ao propor a preocupação com a totalidade de um determinado objeto ou conceito, traz para dentro da análise e da leitura de um enunciado a preocupação com os valores presentes nas relações sociais que estão imbricadas a obra”, como afirma Gonçalves (2019, p. 35).

O método dialógico (aqui entendido por nós como dialético-dialógico) parte do movimento dialético, considerando as relações de tese, antítese e síntese, para pensar nos

embates existentes no enunciado, que, para o Círculo, nunca são superados. Portanto, ao colocarmos em embate o empoderamento e não-empoderamento da Mulher-Maravilha, não almejamos uma síntese, pois esta nunca existirá. O cerne de nosso estudo se encontra no embate, que é sempre inacabado.

Isso posto, a realização do trabalho se possibilita por meio do cotejamento com outros enunciados responsivos ao nosso *corpus*. Segundo Bakhtin:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo (...) Se transformarmos o diálogo em um texto contínuo, isto é, se apagarmos as divisões das vozes (a alternância de sujeitos falantes), o que é extremamente possível (a dialética monológica de Hegel), o sentido profundo infinito desaparecerá (bateremos contra o fundo, poremos um ponto morto) (BAKHTIN, 2011, p. 401).

Ao pensarmos na Mulher-Maravilha como elemento indissociável da realidade em que sua imagem circula, é impossível desconsiderarmos os outros enunciados que respondem a ela. Todo e qualquer enunciado é “um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184). Logo, os enunciados responsivos ao nosso *corpus* o constituem e devem ser analisados como forma de cotejo.

O cotejo é defendido como metodologia de estudo do Círculo por Geraldi (2012), no artigo intitulado *Heterocientificidade nos estudos linguísticos*. No texto, o autor explica que esse caminho metodológico é realizado por Bakhtin em seus estudos sobre Dostoiévski e Rabelais.

Dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que sem explicitem porque houve esquecimento da origem. Bakhtin nos dá dois grandes exemplos de trabalho de interpretação analítica: seus estudos das obras de Dostoiévski e de Rabelais (GERALDI, 2012, p. 33).

Cotejar a Mulher-Maravilha com outros enunciados é situá-la na cadeia discursiva que a circunda, é posicioná-la sócio-histórico-culturalmente como elemento constituinte da realidade na qual está inserida. Ademais, é entender a MM como um elo, o qual nasce de uma resposta a algo já dito, bem como se torna passível de respostas futuras.

## **2.2.Alteridade na pesquisa**

A pesquisa nas Ciências Humanas lida com um peculiar objeto de estudos: o sujeito. Ao estudar esse “ser *expressivo e falante*”, o pesquisador deve entender que seu objeto possui seu “horizonte próprio” de pensamentos. “A interação do horizonte do cognoscente [pesquisador] com o horizonte do cognoscível [objeto]” (BAKHTIN, 2011, p. 394).

Para compreendermos a Mulher-Maravilha como um objeto de estudo, é preciso que nós pratiquemos um exercício exotópico com ela, ainda que ela já nos seja familiar. Como afirma Amorim (2004, p. 26), “Para que alguma coisa possa se tornar objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder retraduzí-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente”. Esse processo de deslocamento da minha realidade para a realidade do objeto da pesquisa é o que entendemos por alteridade, concepção que tomaremos como um de nossos caminhos metodológicos.

Essa alteridade em nossa pesquisa, como defende Amorim (2004), tem a especificidade de se tratar de uma alteridade humana (ainda que seja fictícia). Aqui, o cognoscível e o cognoscente possuem características em comum (se tratam de mulheres, por exemplo), o que torna o movimento exotópico, de ida até o objeto e da volta para a pesquisa, um tanto quanto delicado e, muitas vezes, nebuloso. Por esta pesquisa contar com uma autora do gênero feminino, é possível que haja uma certa identificação com a MM. Por isso, é preciso mostrar como a MM é vista a partir de um excedente de visão, ou seja, um certo afastamento do objeto estudado, para que, ao voltarmos para ele, consigamos entendê-lo de maneira mais ampla.

A construção da pesquisa toma como base a pluralidade de vozes que a compõem, o que torna a escrita dialógica. Segundo Amorim (2004, p. 93-94), “uma escrita crítica deve revelar não somente o contexto de enunciação em que esse texto se produziu, mas também a presença do olhar teórico através do qual fatos e descrições podem emergir de um determinado contexto”. Logo, nossa escrita é construída dialogicamente por incontáveis e inúmeras vozes. Bakhtin, no ensaio *Metodologia das Ciências Humanas* (2011, p. 400), deixa clara a importância do cunho dialógico na pesquisa,

Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico.”

O sujeito Mulher-Maravilha é imbuído de vozes sociais, do machismo e do patriarcado que reverberam valores contraditórios de empoderamento e não-empoderamento. Sua imagem, enquanto signo ideológico, é refletida e refratada em inúmeros enunciados de diferentes gêneros

e é consumida como símbolo (ou não) de um empoderamento feminino. Ao longo da história, a super-heroína se mostra por vezes forte e poderosa, por outras submissa. Nesse sentido, o sujeito em questão é dialógico, ambivalente e ideológico, portanto, deve ser estudado como tal.

Ao adotarmos a alteridade como um dos caminhos metodológicos que construirão a pesquisa é preciso entender, também, que a super-heroína é constituída por seus *outros*, sejam eles reais ou fictícios. Seu criador, Marston, como já discorremos no capítulo de contextualização da pesquisa, cria a MM como um modelo de mulher considerada por ele ideal. Ele se inspira em suas duas esposas para criá-la: une a beleza de uma com a inteligência da outra. Marston projetou na Mulher-Maravilha seus outros-reais (esposas) e seus outros-fetiches (a mulher idealizada: sensual, submissa e poderosa). Nas HQs da MM, em especial nas que compõem o *corpus*, dois personagens interferem nas ações e atitudes tomadas pela MM, sua mãe Hipólita e seu amado Steve Trevor, portanto eles também a constituem.

Entender a MM como um sujeito constituído por outros é um caminho analítico adotado aqui. Isso se faz necessário pois acreditamos que é impossível compreender o ícone Mulher-Maravilha enquanto objeto do nosso estudo sem entender que sua constituição depende diretamente de seus outros.

### **2.3. Critérios de seleção do *corpus***

Antes de falarmos do que nos levou à escolha das HQs que compõem o *corpus*, é necessário esclarecer o porquê da Mulher-Maravilha, e não outra super-heroína, ser o objeto de investigação desta pesquisa. Dois fatores nos levaram a pensar na MM como pauta deste estudo, o primeiro está relacionado à sua relevância no universo dos quadrinhos. Poucos super-heróis se mantiveram em destaque durante tantos anos, como é o caso da MM; quando pensamos nas figuras do gênero feminino, a MM é uma das primeiras que nos vêm em mente. O outro fator tem a ver com o crescimento de sua popularidade nos últimos anos, fato que se iniciou depois de seu aparecimento no filme *Batman vs. Superman* (2017), seguido de seu filme solo, *Mulher-Maravilha* (2017) e sua continuação, *Mulher-Maravilha 1984* (2020). Sua estreia no cinema causou um notável aumento na veiculação de sua imagem.

Optamos por trabalhar com as HQs (e não o filme), pois acreditamos que, ao pensarmos na figura da Mulher-Maravilha como um ícone, não poderíamos estudá-la em apenas um momento específico da história, mas sim por meio de sua trajetória ao longo dos anos, até a contemporaneidade, o que só é viável por meio das HQs.

O *corpus* é composto por seis HQs, as quais serão expostas de maneira detalhada na seção seguinte. A heroína possui um vasto número de aparições nas mais diversas revistas, edições especiais, comemorativas etc., por isso focamos nosso trabalho apenas nas edições regulares, publicadas pela *DC Comics* uma vez ao mês, na revista protagonizada pela MM. As HQs estudadas encontram-se em inglês, portanto em seu discurso fonte. Essa escolha foi feita pois algumas revistas do *corpus* não possuem traduções oficiais para o português, apenas versões traduzidas por fãs, o que pode gerar alterações em seu significado.

**Tabela 1:** HQs que compõem o *corpus*

	NOME DA REVISTA	ANO	Nº
01	All-Star Comics	1941	8
02	Wonder Woman (vol. 1)	1968	179
03	Wonder Woman (vol. 2)	1987	2
04	Wonder Woman (vol. 3)	2008	17
05	Wonder Woman – The New 52	2011	3
06	Wonder Woman Rebirth – One-Shot	2016	-

Fonte: Produção nossa

A motivação para a seleção de tais enunciados partiu de dois critérios, um cronológico e o outro temático. A importância da cronologia se dá pelos objetivos da pesquisa: analisar o sujeito Mulher-Maravilha em suas diferentes fases ao longo da história. Portanto, foram selecionadas HQs de diferentes momentos sócio-histórico-culturais, para que assim seja possível analisar como as vozes sociais presentes nesses períodos se refletiram e se refrataram nesses enunciados.

O critério temático foi adotado pela recorrência de certos temas em grande parte das revistas da MM durante sua trajetória, como o amor, a justiça, o sadomasoquismo (nada) velado e suas reinvenções/renascimentos, que marcam o início de uma nova fase da super-heroína. Por isso, foram selecionadas as edições que acreditamos mais representar esses temas. A revista 01 foi escolhida por marcar a estreia da heroína nos quadrinhos, além de ter a temática do amor e da justiça fortemente marcados e as demais mostram os renascimentos da heroína e marcam o surgimento de “novas” Mulheres-Maravilhas.

Como cotejo ao nosso *corpus*, selecionamos enunciados responsivos ao nosso objeto, como *posts* em redes sociais que reverberam a imagem da Mulher-Maravilha como símbolo de mulher guerreira e forte, que são divulgados geralmente próximo a datas comemorativas, como Dia das Mães e Dia Internacional da Mulher. Esses enunciados não serão analisados como

parte do *corpus* da pesquisa, mas serão cotejados durante a análise para que seja possível refletirmos sobre as ressignificações da Mulher-Maravilha em enunciados de outros gêneros.

#### 2.4. O *corpus*

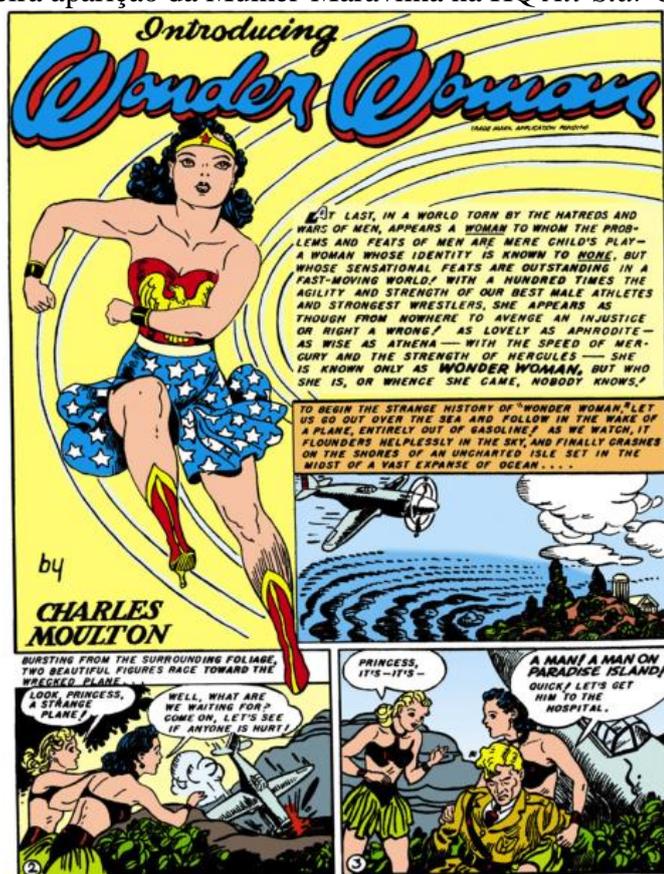
Nesta seção, apresentaremos o *corpus* completo da pesquisa, afim de contextualizar nosso leitor dos enunciados com os quais trabalhamos. Optamos por apresentar as capas das revistas e um breve resumo de sua narrativa. Com isso, esperamos que nosso trabalho seja o mais claro possível.

É importante esclarecer que o universo dos quadrinhos possui suas peculiaridades que precisam ser explicadas aqui. As revistas de super-heróis costumam possuir uma regularidade de lançamento mensal e o mesmo herói pode aparecer, simultaneamente, em mais de uma revista – como acontece com a Mulher-Maravilha no período que sucede sua criação, em que ela aparece na *Sensation Comics*, na *Wonder Woman* e na *Comic Cavalcade*. As narrativas podem se dividir em arcos – ou seja, duas ou mais HQs que possuem um mesmo enredo e funcionam como se fossem capítulos de um livro –, ou podem ser edições únicas, chamadas de *One-Shot*, que possuem uma narrativa que se inicia e se encerra na mesma edição. Porém, tanto os arcos quanto as edições *One-Shot* dialogam com as revistas anteriores e posteriores a elas. Isso só não ocorre quando o *Reboot* da revista acontece, no qual toda a revista é reiniciada e tudo o que foi escrito antes é descartado. Geralmente, o *Reboot* vem acompanhado da troca da equipe criativa da revista, composta por autores, desenhistas, editores, letristas e coloristas. Essas peculiaridades dos quadrinhos não existem desde a criação da MM, por isso as HQs mais antigas não contam com uma equipe criativa grande (às vezes constam apenas autor e desenhista) e podem não estar inseridas em arcos ou serem edições *One-shot*, pois esses termos passaram a existir mais recentemente.

A primeira aparição da Mulher-Maravilha nos quadrinhos foi na revista *All-Star Comics* nº 8 (Figura 11), publicada pela *DC Comics*, a qual é responsável pelas publicações das HQs e detém os direitos da imagem da MM até os dias atuais. A história foi escrita por William M. Marston, sob o pseudônimo de Charles Moulton, em 1941. Ela se inicia com a apresentação da MM ao público, que ainda não a conhecia. A narrativa começa com um avião caindo na “Ilha Paraíso”, habitada apenas por guerreiras Amazonas. A MM e outra amazona resgatam a homem que pilotava o avião e o levam ao hospital da ilha. O homem é o espião estadunidense Steve Trevor, o qual será o par romântico da Mulher-Maravilha em suas revistas subsequentes.

Ela se apaixona por ele assim que o vê e se sente responsável por levá-lo de volta para sua terra. Hipólita, rainha das amazonas e mãe da MM, impede que sua filha deixe a Ilha Paraíso e, para decidir qual amazona levaria Steve de volta, ela realiza um torneio, cuja vencedora seria a encarregada da missão. Utilizando um disfarce, a MM entra na competição e se torna a vencedora. Hipólita, então, muda de ideia e permite que a MM leve Steve de volta. Assim, ela abre mão de sua vida eterna, deixa suas irmãs amazonas e a Ilha Paraíso para levar o “homem amado” à sua terra natal, a qual ela “adota como sua”. A imagem abaixo é referente à primeira página da revista em que a Mulher-Maravilha aparece.

**Figura 7:** Primeira aparição da Mulher-Maravilha na HQ *All-Star Comics* nº8 (1941)



Fonte: Read Comic Online, 2020<sup>21</sup>

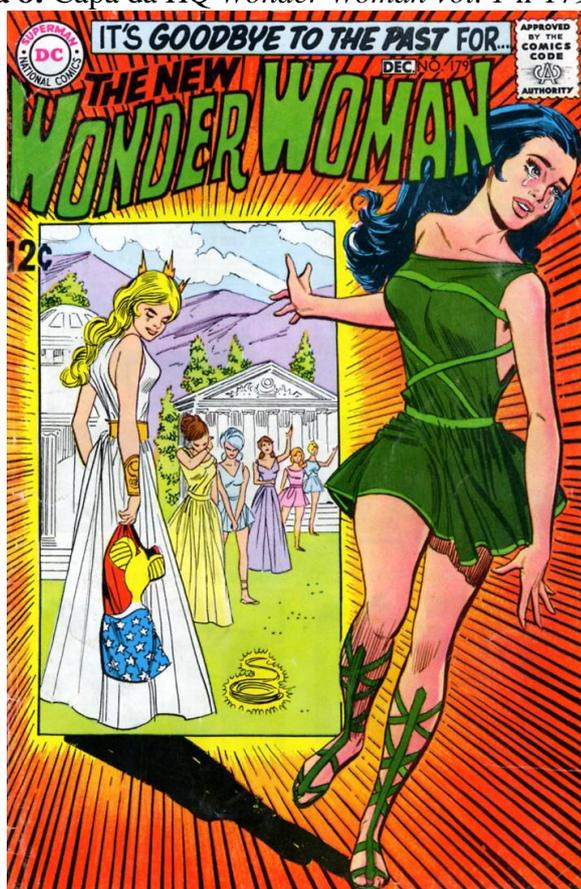
A próxima HQ do *corpus* (Figura 13), de 1968, chamada *Wonder Woman's Last Battle (part II)*<sup>22</sup>, escrita por Dennis O’Neil, marca o início da fase que ficou conhecida como “Era Diana Prince”. Neste momento histórico do universo ficcional da *DC Comics*, as Amazonas já estavam na terra há dez mil anos e havia chegado a hora de elas partirem para uma outra

<sup>21</sup> Disponível em <https://readcomiconline.to/Comic/All-Star-Comics/Issue-8?id=6949>. Acesso em 05 out. 2020.

<sup>22</sup> Última batalha da Mulher-Maravilha (parte II). Tradução nossa.

dimensão e lá recarregarem seus poderes. Enquanto isso, Steve Trevor era procurado pela polícia por um crime que não havia cometido. A Mulher-Maravilha opta por ficar na terra para ajudar Steve ao invés de acompanhar as Amazonas na nova dimensão. Isso fez com que seus poderes acabassem e ela passasse a viver a vida de uma mulher “normal”, sem superpoderes, mas com altas habilidades nas artes marciais. O lado humano da MM é aflorado nesta fase, o que fez com o público se deparasse com uma “nova” Mulher-Maravilha, ou apenas com a Diana Prince.

**Figura 8:** Capa da HQ *Wonder Woman* vol. 1 nº179 (1968)



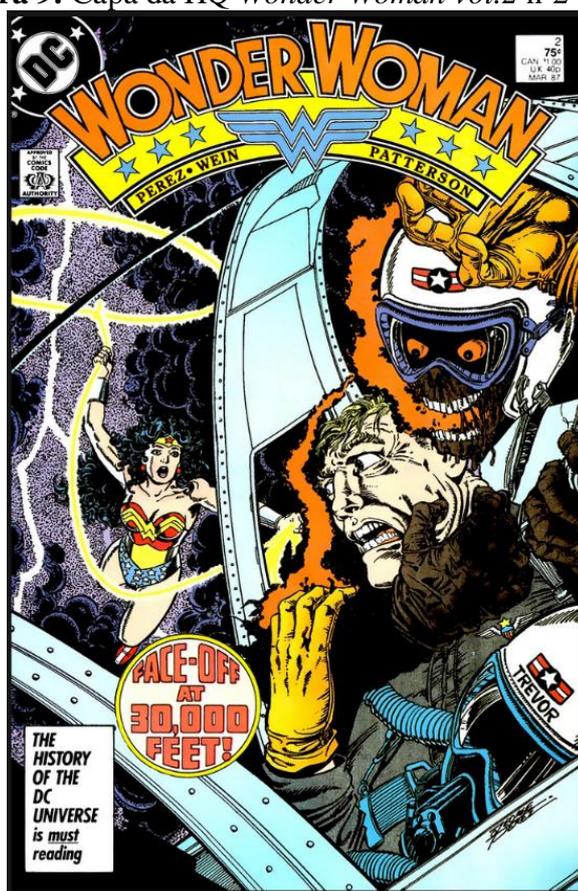
Fonte: *Read Comics Online*, 2020<sup>23</sup>

A próxima HQ (Figura 15) pertence a um novo volume de revistas da Mulher-Maravilha, iniciado após um reboot em 1987, o qual representa grandes transformações na trajetória da super-heroína. Na revista de nº2, escrita por Greg Potter e George Pérez e intitulada “A fire in the sky!” [“Um fogo no céu”, em tradução livre], a história de como a MM se torna uma super-heroína do mundo dos humanos é recontada, e ressignificada. Ares, o deus da guerra, pretende destruir a humanidade e as Amazonas com seu mal, então a Mulher-Maravilha recebe

<sup>23</sup> Disponível em <https://readcomiconline.to/Comic/Wonder-Woman-1942/Issue-178?id=15510>. Acesso 05 out. 2020.

a missão de impedi-lo. Ele, na tentativa de explodir a Ilha Paraíso, faz com que um avião militar pilotado por dois soldados estadunidenses perca o controle e lance um míssil explosivo em direção às Amazonas. Porém, a MM age a tempo e consegue desviar o míssil, que explode no ar. Com a explosão, um dos soldados, Steve Trevor, é lançado ao mar e logo socorrido pela MM. As Amazonas percebem que o acidente fora causado por Ares e que ele estava transformando o mundo dos homens em uma guerra. Então, para cumprir com sua missão de derrotar Ares, a MM leva Steve para sua terra a fim de proteger a humanidade dos males de Ares.

Figura 9: Capa da HQ *Wonder Woman* vol.2 nº2 (1987)



Fonte: *Read Comics Online*, 2020<sup>24</sup>

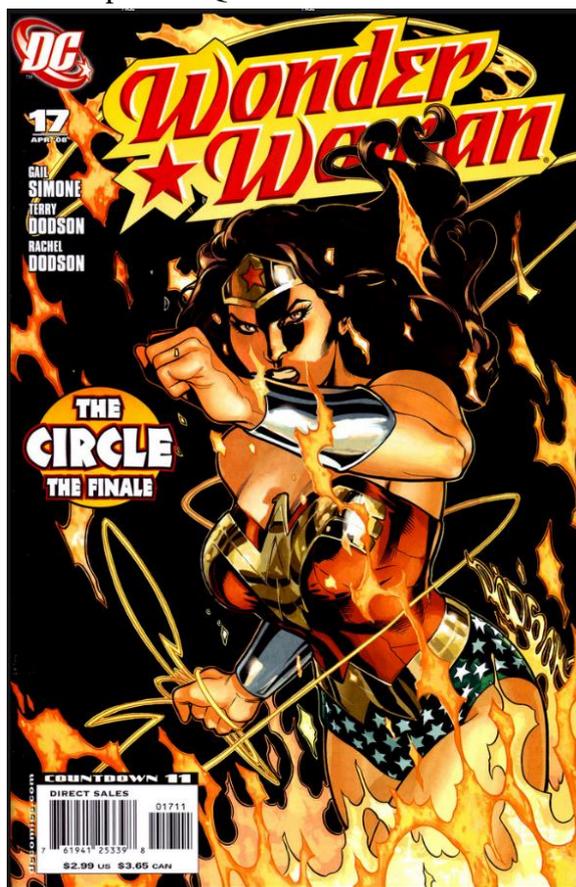
A HQ seguinte (Figura 16) é do ano de 2008 e representa o terceiro volume de revistas da Mulher-Maravilha, que se iniciou em 2006. Ela é a primeira HQ do *corpus* escrita por uma mulher, Gail Simone. A revista é a parte final do arco chamado *The Circle*<sup>25</sup>, que conta com quatro HQs no total. A narrativa intercala eventos do presente e do passado, mais

<sup>24</sup> Disponível em <https://readcomiconline.to/Comic/Wonder-Woman-1987/Issue-2?id=7156>. Acesso em 05 out. 2020.

<sup>25</sup> *O Círculo*. Tradução nossa.

especificamente do nascimento da Mulher-Maravilha, portanto, a criação da super-heroína é mais uma vez recontada. Nesta história, Hipólita desejava muito uma filha e construiu a MM com barro e pediu para que os deuses dessem vida a ela, e assim eles fizeram. O nascimento da criança causou revolta em algumas Amazonas, pois elas acreditavam que, no futuro, a criatura iria se revoltar e destruir seu povo. No presente, essas Amazonas tentam matar a Mulher-Maravilha, mas a super-heroína não é derrotada e segue seu papel de protetora da humanidade.

**Figura 10:** Capa da HQ *Wonder Woman* vol.3 n°17 (2008)



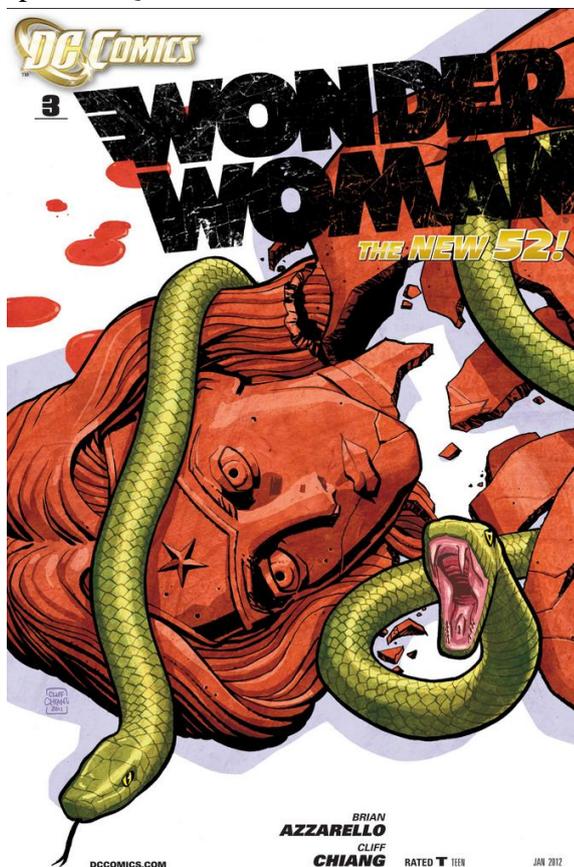
Fonte: Read Comics Online, 2020<sup>26</sup>

Do final de 2011 até meados de 2016 a história da Mulher-Maravilha, assim como do Batman e do Superman, foi novamente recontada no arco “Novos 52”. A série especial de revistas foi uma proposta da editora de apresentar os personagens, tão consagrados no universo dos quadrinhos, de uma nova maneira ao público, mantendo aspectos inerentes aos personagens, mas também alterando fatos do passado deles, como é o caso da MM. Por anos, a super-heroína acreditou que sua criação havia acontecido a partir de uma estátua de barro criada

<sup>26</sup> Disponível em <https://readcomiconline.to/Comic/Wonder-Woman-2006/Issue-17?id=7278>, acesso em 05 out. 2020.

por Hipólita e da benção dos deuses do Olimpo. Porém, na HQ de nº3 (Figura 17), chamada *Clay*<sup>27</sup>, escrita por Brian Azzarello, a Mulher-Maravilha descobre que, na realidade, ela é fruto da relação de Hipólita e Zeus e que toda sua vida não passava de uma mentira.

**Figura 11:** Capa da HQ *Wonder Woman vol.4 – The New 52* nº3 (2011)



Fonte: *Read Comics Online*, 2020<sup>28</sup>

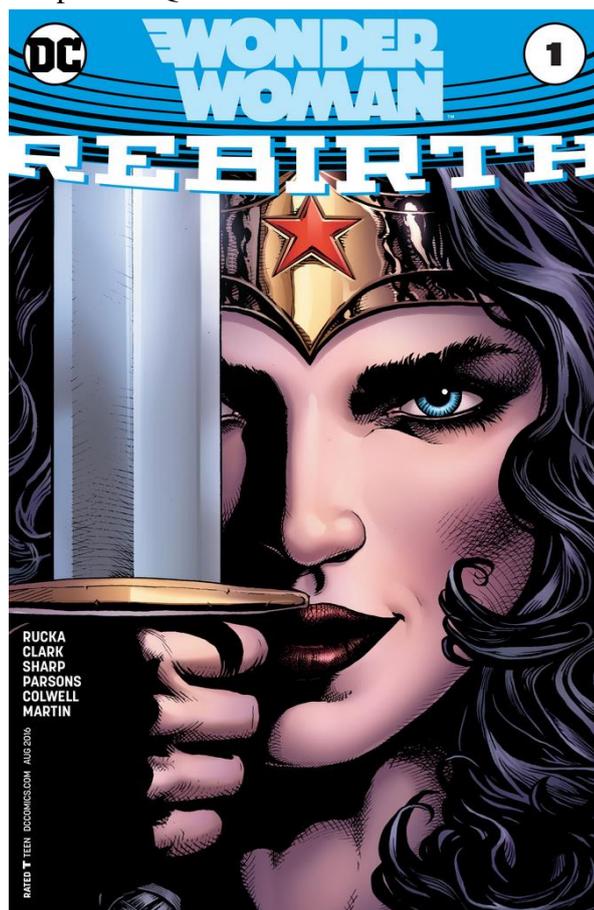
A última HQ que compõe o *corpus* (Figura 18) é de 2016, foi escrita por Greg Rucka e se chama *Rebirth*<sup>29</sup>. A revista é a primeira edição da mais recente fase da Mulher-Maravilha, que vigora até os dias atuais. Nesta revista, a super-heroína se encontra em uma espécie de crise existencial, ela não sabe ao certo sua origem, quem de fato ela é e qual sua verdadeira missão. Seu uniforme sofre uma transformação no meio da HQ, o que deixa claro que a MM do passado não existe mais, mas sim uma nova Mulher-Maravilha. Tanto sua aparência física quanto seus pensamentos estão passando por transformações.

<sup>27</sup> *Barro*. Tradução nossa.

<sup>28</sup> Disponível em <https://readcomiconline.to/Comic/Wonder-Woman-2011/Issue-3?id=7353>, acesso em 05 out. 2020.

<sup>29</sup> *Renascimento*. Tradução nossa.

**Figura 12:** Capa da HQ *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016)



Fonte: *Read Comics Online*, 2020<sup>30</sup>

É importante ressaltar que as HQs selecionadas não serão isoladas das demais revistas que as antecedem e as sucedem, pois é de total importância o contexto de cada narrativa seja considerado. Com essas HQs, pretendemos analisar o ícone Mulher-Maravilha ao longo da história, percorrendo suas fases, transformações e “renascimentos”, até chegarmos na atualidade.

No momento analítico do trabalho, iremos reconhecer nos enunciados supracitados temas e figuras que são recorrentes nas revistas, criando assim certas categorias de análise. *A priori*, já podemos ressaltar que algumas figuras aparecem na grande maioria das HQs, como o Laço da Verdade, os Braceletes da Submissão, as correntes e cordas durante os primeiros anos da existência da MM e a predominância da cor vermelha. Alguns temas também já podem ser destacados, como o amor, a verdade e a justiça. A partir dessas recorrências figurativas e temáticas, poderemos pensar nos sentidos que elas possuem, que, como sabemos, são sempre ideológicos.

<sup>30</sup> Disponível em <https://readcomiconline.to/Comic/Wonder-Woman-Rebirth/Full?id=61257>. Acesso em 05 out. 2020.

### 3. (ROMPER) OS BRACELETES DA SUBMISSÃO<sup>31</sup>: concepções bakhtinianas

*“Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional”  
(Mikhail Bakhtin, 2011, p. 265).*

A escolha dos estudos bakhtinianos como aporte teórico da pesquisa foi motivada de acordo com os objetivos que aqui almejados. Pretendemos analisar as imagens de mulher refletidas e refratadas pelo ícone Mulher-Maravilha, portanto, é impossível que pensemos na heroína apartada do solo social. O sujeito MM é parte intrínseca da vida real e atua ativamente em seus “outros”, que a consomem. A teoria do Círculo se faz necessária justamente por pensar os sujeitos, os signos ideológicos e a própria linguagem não de maneira abstrata, mas sempre materializados em enunciados concretos e historicamente posicionados.

Para tanto, é importante que fique claro quais são as noções teóricas e por que elas foram elencadas para a construção da presente pesquisa. Definimos as seguintes concepções bakhtinianas: signo ideológico, dialogia, enunciado, sujeito, voz social e linguagem. O *corpus* é composto por enunciados concretos, que dialogam com outros enunciados (anteriores e posteriores a ele). Esses enunciados são produtos ideológicos, produzidos por sujeitos de linguagem, os quais possuem posicionamentos axiológicos e reverberam vozes sociais distintas.

Ao propormos um trabalho embasado teoricamente nos postulados pelo Círculo de Bakhtin, temos ciência de que as noções basilares dessa teoria não possibilitam que as sintetizemos, tampouco podem ser dissociadas umas das outras, ainda que aqui, por se tratar de um trabalho com fins científicos, as exporemos separadas de maneira didática nos subitens a seguir. Entendemos que as concepções bakhtinianas carecem de um estudo aprofundado e jamais poderão ser resumidas ou simplificadas neste trabalho. O que apresentaremos a seguir são reflexões sobre a maneira como entendemos os postulados bakhtinianos de modo relacional ao nosso *corpus*, sem ignorar o fato de que a teoria vai muito além do que apontaremos a seguir.

#### 3.1. Mulher-Maravilha como signo-ideológico

Entendemos a Mulher-Maravilha como um produto ideológico, portanto, um *signo*. “Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social (...) mas

---

<sup>31</sup> Os braceletes utilizados pela Mulher-Maravilha recebem o nome de “Braceletes da Submissão”. Eles foram colocados nas Amazonas pela deusa Afrodite para que elas nunca se esquecessem que um dia serviram a um homem, o semideus Hércules.

também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91). Ao pensarmos em sua figura como um signo ideológico, um questionamento desperta-se: afinal, o que é ser uma *mulher-maravilha*?

Essa pergunta pode apresentar inúmeras respostas, a depender dos sujeitos que a respondem e dos tempos e lugares que se encontram. Ser uma *mulher-maravilha* pode apresentar significados positivos ou negativos, de empoderamento e não-empoderamento, pois tudo que é ideológico está sujeito a múltiplas valorações. “As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Essas incontáveis valorações são possíveis porque todo signo ideológico é produto da criação ideológica. Medviédev (2016, p. 48-49) afirma que são inerentes a esses produtos um significado, um sentido e um valor interno e que ele só se torna parte da realidade ideológica quando é externalizado, o autor ainda faz o seguinte apontamento:

Nós, de bom grado, imaginamos a criação ideológica como um processo interior de entendimento, de compreensão, de penetração e não nos damos conta de que, na realidade, ela está completamente manifesta exteriormente – para os olhos, para os ouvidos, para as mãos –, que ela não se situa dentro de nós, *mas entre nós* (MEDVIÉDEV, 2016, p. 49, grifos nossos).

Para exemplificar e situar a concepção de signo ideológico em nossa pesquisa, trouxemos dois enunciados que representam mulheres-maravilhas com valorações distintas uma da outra. O primeiro enunciado é de fevereiro de 2019, quando um helicóptero caiu na Rodovia Anhanguera (SP) e colidiu com um caminhão, o que causou a morte do piloto e do jornalista Ricardo Boechat<sup>32</sup>, o motorista do caminhão sobreviveu, mas ficou preso nas ferragens. Enquanto o resgate não chegava ao local, uma mulher tentou ajudar o motorista, ao mesmo tempo em que outras pessoas, em sua maioria do gênero masculino, filmavam o ocorrido.

---

<sup>32</sup> Informação disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/02/11/helicoptero-cai-sobre-caminhao-perto-da-rodovia-anhanguera-diz-corpo-de-bombeiros.ghtml>. Acesso em 11 set. 2020.

**Figura 13:** A “Mulher-Maravilha do acidente do Boechat”



Fonte: *Gazeta do Povo*, 2020<sup>33</sup>

Na Figura 19, à esquerda, vemos uma fotografia do momento em que o motorista é resgatado pela mulher com a ajuda de outras pessoas que estavam no local, enquanto um homem registra o ocorrido com seu celular. Já à direita a foto é recriada em forma de quadrinho pelo artista Angelo France, que representa a mulher, chamada Leiliane Rafael, como uma super-heroína, que facilmente identificamos como a Mulher-Maravilha, por conta de seu uniforme e acessórios. O artista ressignifica a fotografia, o que a transforma em um novo enunciado, com novas valorações.

Tanto na fotografia, quanto na arte, é possível percebermos os posicionamentos ideológicos de cada autor. O enunciado em quadrinhos é uma resposta à fotografia, que, por sua vez, é um *frame* de um vídeo do acidente que viralizou nas redes sociais. O *frame* foi feito estrategicamente no momento em que Leiliane está posicionada à frente dos homens que também estão ajudando no resgate, o que causa a impressão de ela estar atuando sozinha, sem ajuda de ninguém. A única outra pessoa que aparece no *frame* é o homem com o celular em mãos, o que demonstra sua atitude de omissão de ajuda no resgate.

Na arte, o artista opta por ocultar as demais pessoas e apenas representa a mulher como a “super-heroína”. Ao escolher a Mulher-Maravilha como esta super-heroína, é evidenciado como sua imagem é parte constituinte do momento sócio-histórico-cultural que vivenciamos. Leiliane, ao ser a única pessoa na cena representada como super-heroína, demonstra como as mulheres reais, “comuns”, são vistas como heroínas quando têm atitudes que demandem de sua

<sup>33</sup> Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/ilustrador-desenha-super-heroína-que-ajudou-em-acidente-de-helicoptero/>. Acesso em 19 set. 2020

força física. Os homens (não identificados) tiveram a mesma atitude que Leiliane, ainda assim, não foram considerados super-heróis, sequer aparecem na arte.

Após o acidente, Leiliane ganhou grande visibilidade na internet, sua conta na rede social *Instagram* atualmente conta com 27,2 mil seguidores. Nas eleições municipais de 2020, ela foi candidata à vereadora no município de São Paulo e, durante sua campanha, era chamada de “Leiliane Mulher Maravilha”. Sua descrição na rede social é: “Mulher e mãe de três filhos. Conhecida como Mulher Maravilha depois de ter salvado o caminhoneiro no acidente do Ricardo Boechat”<sup>34</sup>. Em contrapartida, nenhum dos homens que também ajudaram no resgate tiveram tanto destaque na mídia quanto Leiliane.

O enunciado em quadrinhos reflete e refrata uma imagem de Mulher-Maravilha que representa mulheres fortes e guerreiras que, apesar de serem o “sexo frágil”, conseguem se desdobrar em multitarefas e ainda destinam parte de seu tempo para ajudar o próximo. Além disso, o enunciado revela vozes de um machismo enraizado na sociedade, na qual homens que usam de sua força física para ajudar o próximo são vistos com naturalidade, já as mulheres que têm as mesmas atitudes são entendidas, ideologicamente, como superpoderosas, assim como Leiliane. O signo ideológico Mulher-Maravilha aqui está muito relacionado à força física da mulher que, como podemos interpretar a partir do projeto de dizer do enunciado artístico acima, é atribuído às super-heroínas, não às mulheres reais.

Outro momento em que a imagem da Mulher-Maravilha foi bastante divulgada nas redes no cenário brasileiro atual ocorreu em abril de 2020, quando a pandemia da COVID-19 se alastrava pelo Brasil e a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damarens Alves, em uma cerimônia realizada no Palácio do Planalto, veste uma máscara com o logotipo e as cores da Mulher-Maravilha.

---

<sup>34</sup> Página de Leiliane no *Instagram*: <https://www.instagram.com/leilianerafaeloficial/>. Acesso em 28 jun. 2021.

**Figura 14:** Ministra Damares Alves veste máscara da Mulher-Maravilha



Fonte: *Poder360*, 2020<sup>35</sup>

O enunciado acima trata-se de um registro feito pelo fotógrafo do jornal digital *Poder360*, Sérgio Lima, em 30 de abril de 2020. Nele, podemos ver a ministra Damares Alves vestindo uma máscara da Mulher-Maravilha, que ganha destaque por estar em contraste com o plano de fundo na cor azul. A escolha pela máscara da super-heroína, segundo a ministra, se deu em virtude de incentivar crianças a usarem o acessório de proteção contra o novo coronavírus<sup>36</sup>.

Damares Alves é um sujeito de posicionamentos conservadores, cristã, defensora da família tradicional (heteronormativa), da moral e dos bons costumes, e defende que “menino veste azul e menina veste rosa”<sup>37</sup>. Ao vestir uma máscara da Mulher-Maravilha, ela se coloca também como uma “Mulher-Maravilha”, apesar de a super-heroína ser uma criatura mitológica pagã, não possuir uma família tradicional, em certos momentos ser retratada como bissexual e ser representada de maneira sexualizada, com trajes nada conservadores.

Ao se colocar como “Mulher-Maravilha”, Damares não associa a MM às características citadas acima, uma vez que estas vão contra seus posicionamentos ideológicos. A MM utilizada

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/governo-diz-que-liberara-r-4-bilhoes-para-acoes-voltadas-aos-idosos/>. Acesso em 19 set. 2020.

<sup>36</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/30/damares-usa-mascara-de-mulher-maravilha-em-apelo-para-ajudar-criancas.htm>. Acesso em 20 set. 2020.

<sup>37</sup> Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em 20 set. 2020.

pela ministra é aquela socialmente vista como a defensora dos inocentes, que prega o amor, a paz, a verdade e o carinho, características histórica e ideologicamente associadas à feminilidade. Isso acontece porque “todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos, quanto pelas condições mais próximas da sua interação*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109, grifos do autor).

O signo ideológico “Mulher-Maravilha”, nos enunciados brevemente analisados acima, se mostra com diferentes valorações, fato que demonstra a *neutralidade* do signo. Como afirma Volóchinov (2017, p. 99), “A palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um *signo neutro*. (...) a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa”. A neutralidade do signo não está relacionada à ausência de valorações, mas à capacidade desses valores alterarem-se e constituírem-se de acordo com os sujeitos que o colocarão em uso e o momento sócio-histórico-cultural em que será utilizado.

Assim como mencionado por Volóchinov (2017, p. 113), o signo ideológico pode ser metaforizado pela figura mitológica de Janus, porteiro celestial com duas faces em uma mesma cabeça, um ser duplo. Diferentes valorações (já mencionadas acima, além de outras mais) coexistem o signo “Mulher-Maravilha”, uma vez que “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140).

### **3.2. Vozes sociais em diálogo**

As concepções bakhtinianas de enunciado, diálogo e vozes sociais serão aqui discutidas em conjunto, de maneira entrelaçada. Sempre que pensamos no conceito de enunciado, é imprescindível que consideremos sua concretude, sua situacionalidade e sua irrepetibilidade. Além disso, todo enunciado é responsivo a outros, anteriores e posteriores, portanto, é dialógico.

Os enunciados componentes do *corpus* da pesquisa são materialidades concretas, eventos do momento sócio-histórico-cultural que foram produzidos. “Cada produto ideológico (ideologema) é parte da realidade social e material que circunda o homem, é um momento do horizonte ideológico materializado.” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 50). Cada HQ é entendida por nós como um marco em seu momento histórico, portanto é parte da realidade que a circunda. Foram selecionadas HQs de diferentes momentos da história, justamente porque entendemos

que cada uma delas não só se relaciona com este contexto, mas também faz parte dele. Como afirma Medviédev (2016), “a própria presença peculiar do enunciado é histórica e socialmente significativa. Da categoria de uma realidade natural, ela passa para a categoria de uma realidade histórica, mesmo que seja infinitamente pequeno” (p. 183).

Os enunciados em questão devem ser vistos como constituintes de uma cadeia discursiva, pois “qualquer enunciado concreto é um *ato social*. Por ser também um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual –, o enunciado ao mesmo tempo é uma *parte da realidade social*” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 183). Sua criação não acontece arbitrariamente, assim, todo enunciado é produzido em resposta a discursos anteriores a ele. A partir de seu acontecimento no mundo real, ou seja, sua materialização, ele será respondido por novos enunciados.

Esse infundável movimento de respostas é o que entendemos por dialogismo. Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184). As HQs, mesmo que já finalizadas, compõem uma cadeia discursiva, por conseguinte, são dialógicas. Em *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin* (2009), Faraco explica a concepção de diálogo da seguinte maneira:

[...] o Círculo vê as vozes sociais como estando numa intrincada cadeia de responsividade: os enunciados, ao mesmo tempo que respondem ao já dito (“não há uma palavra que seja a primeira ou a última”), provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordâncias, dissonâncias, revalorizações etc. – “não há limites para o contexto dialógico”). O universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move como se fosse um grande diálogo (FARACO, 2009, p. 58-59).

A concepção de diálogo associa-se com a ideia de relações dialógicas, as quais são o objeto do diálogo, de acordo com Faraco (2009, p. 62). Essas relações podem acontecer entre enunciados distintos ou coexistirem em um único enunciado. Faraco as define da seguinte maneira:

As relações dialógicas (...) não podem ser reduzidas a relações de ordem lógica, linguística (no sentido estrito do termo), psicológica, mecânica ou natural. São relações de sentido de um tipo especial que se estabelecem entre enunciados ou mesmo no interior de enunciados (quando marcados, por exemplo, pela chamada *bivocalidade*) (2009, p. 66).

Nelas, estão presentes não simplesmente sentidos diversos, mas axiologias confrontantes, que se manifestam pelas vozes sociais. A noção de voz social para o Círculo de Bakhtin é explorada na tese de Melo (2017), pesquisador dos estudos do Círculo. Ele explica que “*vozes sociais* podem ser concebidas, então, como ‘línguas socioideológicas’, ‘falares’ ou ‘linguagens’, termos que, embora pareçam se referir a fenômenos distintos, são empregados, como já dissemos, como equivalentes” (MELO, 2017, p. 67). O autor ainda acrescenta que voz social é o ponto de vista sobre o mundo que o indivíduo possui.

Elas se revelam pelos sujeitos, por meio da linguagem, materializada em enunciados concretos e situados, de maneira bivocal ou não. Na MM, uma das maneiras que as vozes sociais irão aparecer são pelas figuras que a constituem enquanto sujeito, como os “Braceletes da Submissão” que, ao mesmo tempo que são um instrumento de luta da super-heroína, servem para controlar seus poderes. O empoderamento e o não-empoderamento coabitam o sujeito Mulher-Maravilha ao longo de toda sua existência.

### 3.3. O sujeito Mulher-Maravilha

A concepção de sujeito para o Círculo de Bakhtin não é discutida em uma determinada obra, contudo, reflexões acerca da temática são feitas em diversos escritos, principalmente os proferidos por Bakhtin. É entendido, *grosso modo*, que a constituição do sujeito se dá pela alteridade, ou seja, pela sua relação com o outro. Em *Estética da Criação Verbal* (2011), Bakhtin discute sobre a contemplação estética de um outro indivíduo, a qual será chamada por ele de *excedente de visão*. A relação *eu-outro* é o caminho para pensarmos na constituição do sujeito estético desta pesquisa, a Mulher-Maravilha.

[...] em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar (...), o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (BAKHTIN, 2011, p. 21).

O sujeito Mulher-Maravilha só se constitui como tal em sua relação com seus “outros”. Esses outros a alteram e constroem sua identidade, a qual nunca está finalizada. A MM do início da primeira HQ, que ainda não havia conhecido Steve Trevor, não é a mesma Mulher-Maravilha do final da narrativa, por exemplo. Ela se constitui não apenas em interação com os demais

personagens das HQs, mas também por quem a contempla – consome a revista, usa roupas com sua estampa, utiliza de sua imagem como tema de aniversário etc.

[...] o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria; a memória estética é produtiva, cria pela primeira vez o homem *exterior* em um novo plano da existência (BAKHTIN, 2011, p. 33).

Essa relação de alteridade não é apenas do outro para a Mulher-Maravilha, mas também da MM para o outro e dela para si mesmo. Esse assunto será mais aprofundado na seção analítica do trabalho, mas algumas considerações já podem ser feitas. Como já foi discutido anteriormente na seção 1.2, o criador da MM, William M. Marston, vivia um relacionamento consentido com duas mulheres. Marston projeta na figura da Mulher-Maravilha o que ele acreditava ser as maiores qualidades de suas duas esposas, a beleza de uma e a inteligência da outra. O sujeito MM nasce constituído pelas características de outros sujeitos – esposas de Marston – e pelos fetiches de seu criador.

Os sujeitos contempladores da Mulher-Maravilha são, de certa maneira, constituídos por ela. Um indivíduo que veste uma roupa com a estampa da MM, de alguma forma, se identifica com ela, portanto, ela o constitui. Bakhtin propõe a seguinte reflexão: “*Eu-para-mim e eu-para-o-outro, o outro-para-mim*. O que em mim é dado imediatamente e o que é dado apenas através do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 382).

Desse modo, entendemos a Mulher-Maravilha como um sujeito constituído por seus outros, reais ou dos quadrinhos. Ao mesmo tempo, a MM, enquanto objeto estético de contemplação, exerce uma relação de alteridade com seus contempladores, também os constituindo.

### **3.4. A verbivocovisualidade dos quadrinhos**

A concepção de linguagem é basilar para nossa pesquisa, isso porque acreditamos que todo e qualquer fenômeno ideológico somente é possível de ser realizado por meio da linguagem. É na linguagem que se revelam os discursos, as ideologias, as vozes sociais, as axiologias e os horizontes de mundo de cada sujeito. É a linguagem que permite ao homem sua interação com o outro e, assim, sua constituição enquanto indivíduo social. É a partir dessa constituição que o homem existe social e historicamente no mundo. Ao posicionar-se enquanto

sujeito ativo em dada comunidade, o indivíduo também afirma-se axiológica e ideologicamente. Faraco (2009, p. 120), a respeito da linguagem para o Círculo de Bakhtin, afirma que

[...] a linguagem verbal não é vista primordialmente como sistema formal, mas como atividade, como um conjunto de práticas socioculturais – que têm formatos relativamente estáveis (concretizam-se em diferentes gêneros do discurso) e estão atravessadas por diferentes posições avaliativas sociais (concretizam diferentes vozes sociais).

A linguagem é social e dialógica, materializada por meio de enunciados concretos e situados. Como conclui Volóchinov (2013, p. 158), “*a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações*”. Esses enunciados nem sempre externalizam as três dimensões da linguagem, mas partiremos do princípio de que a linguagem é sempre tridimensional – verbal, vocal (sonora) e visual – ou seja, é *verbivocovisual*.

O termo vem sendo cunhado por Paula<sup>38</sup> e concebe a linguagem em suas três dimensões, materiais ou potenciais. “A verbivocovisualidade diz respeito ao trabalho, de forma integrada, das dimensões sonora, visual e o(s) sentido(s) das palavras. O enunciado verbivocovisual é considerado em sua potencialidade valorativa” (PAULA; SERNI, 2017, p. 179-180). Ao adotarmos essa proposta, entenderemos sempre que todo enunciado dispõe das três dimensões da língua, mesmo que alguma delas não esteja nele materializada. Apesar de tratar-se de um termo novo, há evidências nas obras do Círculo em que se comprova a verbivocovisualidade da linguagem, como o seguinte trecho:

Qualquer fenômeno ideológico sígnico é dado em algum material: *no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante*. Nesse sentido, a realidade do signo é bastante objetiva e submete-se unicamente ao método monista de estudo objetivo. O signo é um fenômeno do mundo externo (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94, grifos nossos).

Essas dimensões são compreendidas por nós como potencialidades da língua. Elas, além de comporem o enunciado concreto, também posicionam ele axiologicamente. Considerar a linguagem como verbivocovisual não significa apenas entender que todo enunciado é potencialmente tridimensional, mas vai muito além disso. É preciso também compreender que

---

<sup>38</sup> A concepção encontra-se em desenvolvimento por Paula (2017) no projeto *Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem*, mas já apresenta resultados publicados em formato de artigo, como em Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020).

as três dimensões carregam valores sociais e que isso torna todo discurso ideológico, posicionado axiologicamente em seu momento sócio-histórico-cultural.

Seja na pintura, na canção ou no romance, a verbivocovisualidade sempre se fará presente nesses enunciados. Nosso *corpus*, formado pelas HQs da MM, é composto por duas materialidades da língua, a verbal (texto escrito) e a visual (imagens). Entretanto, a dimensão sonora (entoacional) da linguagem está presente valorativamente no enunciado, seja por marcações no texto (como o tamanho da letra, uso de interrogações ou exclamações), por onomatopeias, pelas expressões faciais das personagens, ou ainda pelas vozes sociais.

Para que a concepção de verbivocovisualidade fique mais clara e compreensível, faremos um breve esboço de análise de parte do *corpus* considerando a tridimensionalidade do enunciado. Selecionamos três páginas da HQ *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016), as quais optamos por deixar completas, sem recortes, do mesmo modo que é apresentada na revista, pois o posicionamento dos quadrinhos na página também nos interessa.

Esta HQ é a primeira edição da série *Rebirth*<sup>39</sup>, que traz uma nova fase da Mulher-Maravilha. A série anterior era a *The New 52*<sup>40</sup>, a qual havia recontado toda a história da super-heroína ao longo de 52 revistas. Nessa série, um dos aspectos mais marcantes foi o uniforme da MM, que pela primeira vez trouxe apetrechos prateados, e não dourados, como era de costume. Na HQ da série *Rebirth*, é mostrado a transição da super-heroína da fase anterior para a atual, e isso é figurativamente marcado pela mudança em seu visual.

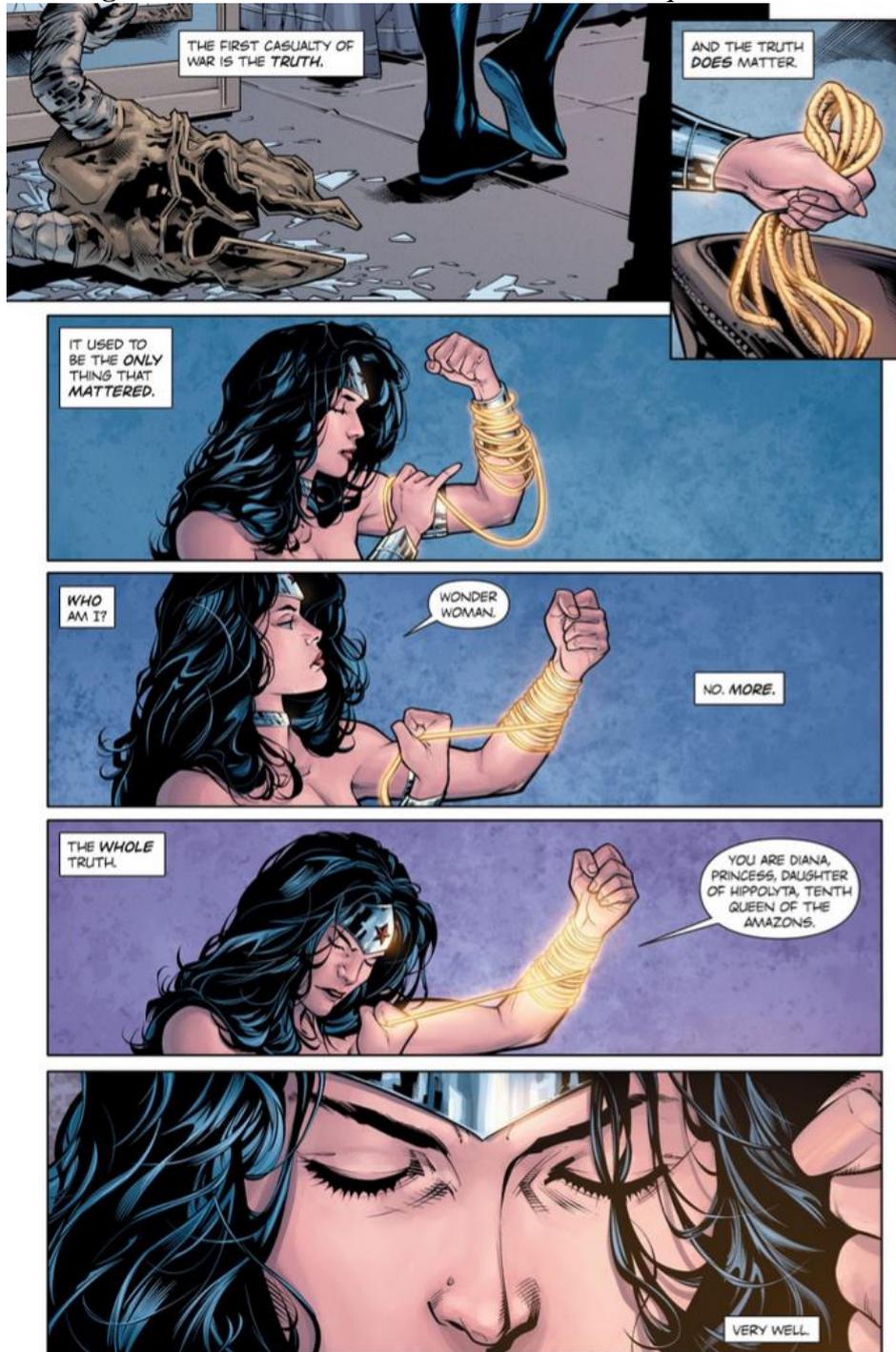
A análise não será feita de maneira aprofundada, mas sim terá o propósito de demonstrar como pretendemos desenvolver a parte analítica da pesquisa e a maneira como pensamos as concepções bakhtinianas juntamente com o *corpus*.

---

<sup>39</sup> *Renascimento*. Tradução nossa.

<sup>40</sup> *Os Novos 52*. Tradução nossa.

**Figura 15:** Mulher-Maravilha em momento de questionamentos



Fonte: *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016)

Os quadrinhos acima mostram a Mulher-Maravilha em um momento de questionamentos e dúvidas sobre quem ela realmente é. Ela parece estar vivendo uma crise de identidade e utiliza seu apetrecho mágico, o Laço da Verdade, para solucionar suas angústias. No primeiro quadrinho, o destaque está no Elmo de Ares, que foi destruído pela MM e encontra-se no chão. No quadrinho seguinte, o foco está no Laço da Verdade, que logo é enrolado pela

MM em seu pulso, por cima de seu bracelete. As expressões faciais da MM em conjunto com o que é verbalizado nos balões ditam o tom do enunciado. Apesar de os quadrinhos apresentarem apenas as materialidades verbais e imagéticas da língua, podemos perceber a entonação da linguagem, marcada pelos grifos em negrito do texto, pelas expressões da personagem e também pelas figuras que compõem a cena.

A cor azul é predominante nos quadrinhos, o que pode representar a tristeza da Mulher-Maravilha, que também é perceptível pelas suas expressões, especialmente nos dois últimos quadrinhos, em que ela aparece de olhos fechados e com a cabeça baixa. A Mulher-Maravilha questiona ao Laço da Verdade sobre quem ela é, o que comprova que ela está em dúvida sobre sua identidade.

A próxima figura mostra a página seguinte da revista. A MM se olha no espelho e questiona ao Laço da Verdade o que ela é, que a responde e revela à MM que ela foi enganada. Nesse momento, o quadrinho fica predominantemente vermelho, o laço brilha mais intensamente e a expressão da MM é de pavor. É visível que todo o tom do enunciado mudou depois desta descoberta. Nos quadrinhos seguintes a MM se pergunta quem poderia tê-la enganado e, ainda olhando para o espelho, admite ter sido uma tola.

Figura 16: Mulher-Maravilha descobre que foi enganada



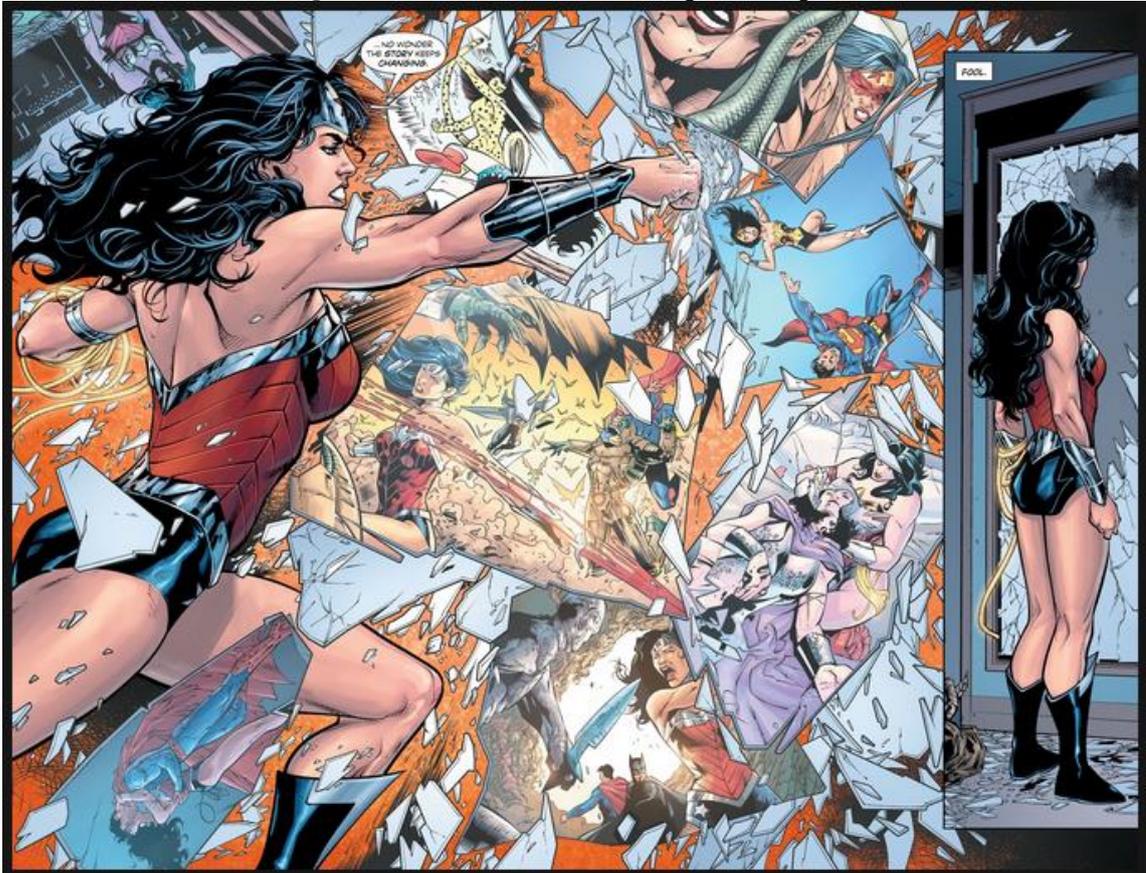
Fonte: *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016)

É evidente que a Mulher-Maravilha não está em sua pátria (Estados Unidos), mas sim em Paris, pois a Torre Eiffel é visível da janela do lugar em que ela se encontra. A Mulher-Maravilha está longe de sua casa, não tem certeza de quem ela é e não sabe quem a enganou. Este momento de sua vida é de grandes questionamentos, principalmente sobre seu passado.

Na sequência da HQ, a MM quebra o espelho que encarava usando suas mãos e diz: “... não é de admirar que a *história* continue *mudando*”. Os cacos do espelho se estilhando tomam toda a página da HQ e mostram momentos de seu passado. A quebra do espelho

representa um rompimento com o passado e a transformação que estaria por vir nas próximas páginas. A expressão da Mulher-Maravilha demonstra sua ira ao destruir o espelho. A forma que seu corpo aparece e a disposição dos cacos na página parecem dar movimento ao enunciado e é possível imaginarmos o som do espelho se quebrando.

**Figura 17:** Mulher-Maravilha quebra espelho



Fonte: *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016)

Nas figuras apresentadas acima podemos perceber a recorrência de alguns temas e figuras. O tema da verdade é predominante nos trechos mostrados, assim como as figuras do espelho e do laço. As cores vermelha e azul são bastante evidentes. O vermelho apareceu nos momentos em que a MM apresentou espanto e ira, já o azul predominou nos momentos em que ela demonstrou estar triste e decepcionada consigo mesma. Nas páginas seguintes ela troca de uniforme, o que sinaliza que a MM da série anterior (*The New 52*) não existe mais, foi destruída assim como o espelho, e a partir de agora ela seria uma nova Mulher-Maravilha.

#### 4. (QUEBRAR) AS CORRENTES<sup>41</sup>: análise dialógica das HQs

[...] na arte, o significado é absolutamente inseparável de todos os detalhes do corpo material que a encarna. A obra de arte é significativa em sua totalidade”  
(Pavel Medviédev, 2016, p. 50).

A pesquisa aqui desenvolvida visa analisar a representação da Mulher-Maravilha como um ícone de (não) empoderamento feminino ao longo de sua história. Como já foi dito anteriormente neste trabalho, para alcançarmos nossos objetivos, foi preciso voltarmos nosso olhar para alguns aspectos que julgamos serem recorrentes em sua trajetória, visto que o trabalho consiste em uma pesquisa de mestrado, cujo período de desenvolvimento é relativamente curto. O grande volume de HQs da heroína produzidas até o presente momento demandaria um longo período de estudos e é em decorrência disso que chegamos ao número final de seis revistas para comporem o *corpus*, cujos critérios de seleção foram citados no subitem 2.3.

Com relação às recorrências temáticas constatadas no *corpus*, chegamos a dois grandes temas que, por meio dos enunciados, revelam o empoderamento e não-empoderamento da Mulher-Maravilha, sendo estes: o *sacrifício* e o *corpo*. O sacrifício às vezes acontece em nome do amor – seja por um homem, pela mãe ou pela pátria –, já em outros momentos a heroína se sacrifica (física e emocionalmente) simplesmente pelo fato de ser *a Mulher-Maravilha*, e por isso ser a responsável pela resolução de todos os problemas, que muitas vezes não a dizem respeito. Quanto ao corpo, percebemos que ele é bastante modificado ao longo das épocas, a depender dos padrões de beleza vigentes. Não apenas seu corpo, mas seu uniforme também se transforma, fica mais ou menos curto e justo, mas permanece sempre com as mesmas cores (azul e vermelho), as quais fazem referência à bandeira estadunidense. Já seus apetrechos mágicos se mantêm ao longo dos anos e se relacionam diretamente aos seus superpoderes.

A teoria do Círculo de Bakhtin guiará nossas análises por entendermos que a Mulher-Maravilha – ora entendida como signo ideológico, ora como sujeito – revela vozes sociais que refletem e refratam os posicionamentos axiológicos de suas épocas e de seus criadores, afinal, “[...] qualquer signo ideológico, sendo produto da história humana, não só reflete, mas inevitavelmente refrata todos os fenômenos da vida social” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 195). Nas HQs, as vozes são reveladas pela linguagem, aqui entendida como verbivocovisual, seja no nível linguístico, imagético ou vocal do enunciado.

---

<sup>41</sup> As correntes aparecem com bastante frequência nas HQs da Mulher-Maravilha e estão associadas à submissão e ao sadomasoquismo.

Portanto, nossas análises não se restringirão apenas às falas ou às imagens, mas sim ao enunciado como um todo, tendo em vista que ele é constituído não apenas pelo verbal, mas também pelo extra verbal. “Cada enunciação da vida cotidiana [...] compreende, além da parte verbal expressa, também uma parte *extra verbal* não expressa, mas subentendida – situação e auditório – sem cuja compreensão não é possível compreender a própria enunciação” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 159). Não podemos entender o extra verbal como um elemento facultativo ao enunciado, mas sim como parte constituinte dele.

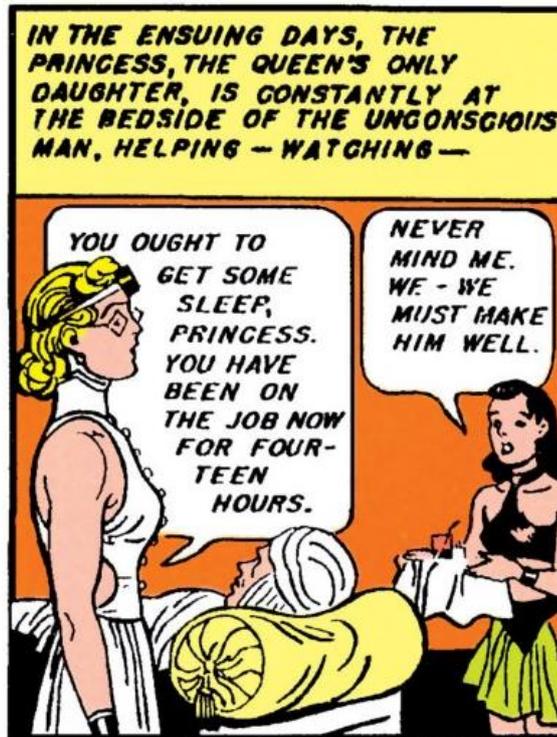
As HQs foram estudadas afundo e, para que nossos objetivos sejam alcançados, selecionamos momentos específicos das revistas que revelam os temas pensados para a análise. Por isso, as HQs não serão analisadas na íntegra para que não nos desviemos do nosso foco. Para a temática do sacrifício, iremos percorrer cronologicamente o *corpus* de modo a mostrar como o tema empodera e/ou não-empodera a Mulher-Maravilha. Quanto à temática do corpo, iremos mostrar suas transformações de maneira comparativa e também cronológica.

Partimos da hipótese de que a Mulher-Maravilha, ao longo da história, é ao mesmo tempo empoderada e não-empoderada, ou seja, é ambivalente. Como afirma Medviédev (2010, p. 63), “[...] no horizonte ideológico de qualquer época e de qualquer grupo social não existe uma única verdade, mas várias verdades mutuamente contraditórias, não apenas um caminho ideológico, mas vários caminhos divergentes.”. O *corpus* mostrará de que maneira essas verdades citadas pelo autor irão aparecer na representação da MM ao longo da história e como seu empoderamento é, portanto, questionável.

#### **4.1. O sacrifício por amor**

A estreia da Mulher-Maravilha nas revistas em quadrinhos aconteceu na edição *All-Star Comics* nº8, em 1941. A narrativa se inicia com o resgate feito pela MM de Steve Trevor, um militar norte-americano, da queda de seu avião na Ilha Paraíso, onde ela e todas as outras Amazonas vivem. Após resgatá-lo e levá-lo ao hospital da ilha, a MM se vê responsável por cuidar do homem e garantir sua segurança. No quadrinho abaixo está marcado no discurso da MM seu sentimento de obrigação pelos cuidados de Steve.

**Figura 18:** Mulher-Maravilha preocupa-se com o homem



Fonte: *All-Star Comics* nº8 (1941)

No nível verbal, é possível notar a preocupação da MM em cuidar do homem. Na legenda, o narrador diz que a princesa “[...] is constantly at the bedside of the unconscious man, helping – watching –”<sup>42</sup>, o advérbio “constantly” marca a frequência com que a Mulher-Maravilha estava aos cuidados de Steve. Os verbos “helping – watching” demonstram que a heroína não está apenas ajudando o homem, mas também o observando, já que este se encontra desacordado. Ao ser aconselhada pela médica a descansar, ela nega e diz “Never mind me. We - we must make him well.”<sup>43</sup>. A expressão “Never mind me.” mostra que ela se preocupa mais com Steve do que com ela própria naquele momento. O verbo modal “must” carrega um sentido de obrigação, o que evidencia que ela se sente no dever de fazê-lo ficar bem, ainda que o acidente sofrido pelo homem não tenha acontecido por sua culpa.

O quadrinho imageticamente mostra a médica amazona em primeiro plano; o homem, cujo corpo encontra-se todo enfaixado, está deitado ao centro e a Mulher-Maravilha está posicionada atrás dele, segurando uma bandeja com um copo sobre ela. As dimensões da MM no quadrinho são menores do que as da médica, e seu corpo é representado em um nível mais baixo, o que causa um efeito de profundidade na imagem, como se ela estivesse mais ao fundo.

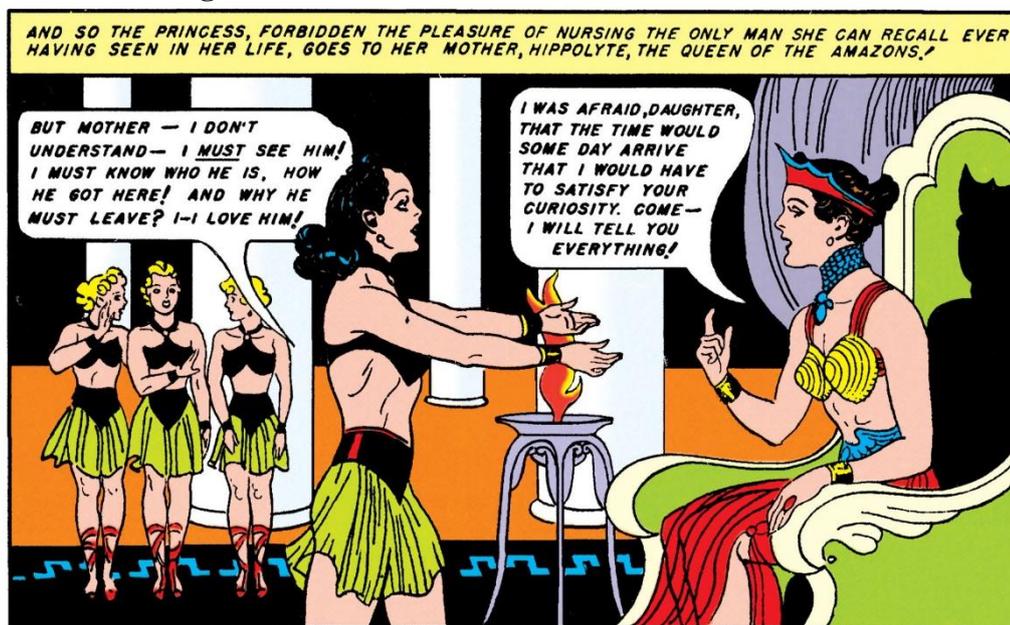
<sup>42</sup> “[...] está constantemente ao lado da cama do homem inconsciente, ajudando – assistindo –” Tradução nossa.

<sup>43</sup> “Não se preocupe comigo. Nós - nós temos que fazê-lo ficar bem” Tradução nossa.

Seu rosto não esboça muitas expressões, apenas é possível perceber que sua boca está entreaberta.

Os elementos que compõem o enunciado como um todo nos levam a crer que a Mulher-Maravilha está a serviço do homem (que neste caso se encontra acidentado e desacordado), não porque é de sua vontade, mas por acreditar que este seja o seu dever, sua obrigação.

**Figura 19:** Mulher-Maravilha admite amar o homem



Fonte: *All-Star Comics* n°8 (1941)

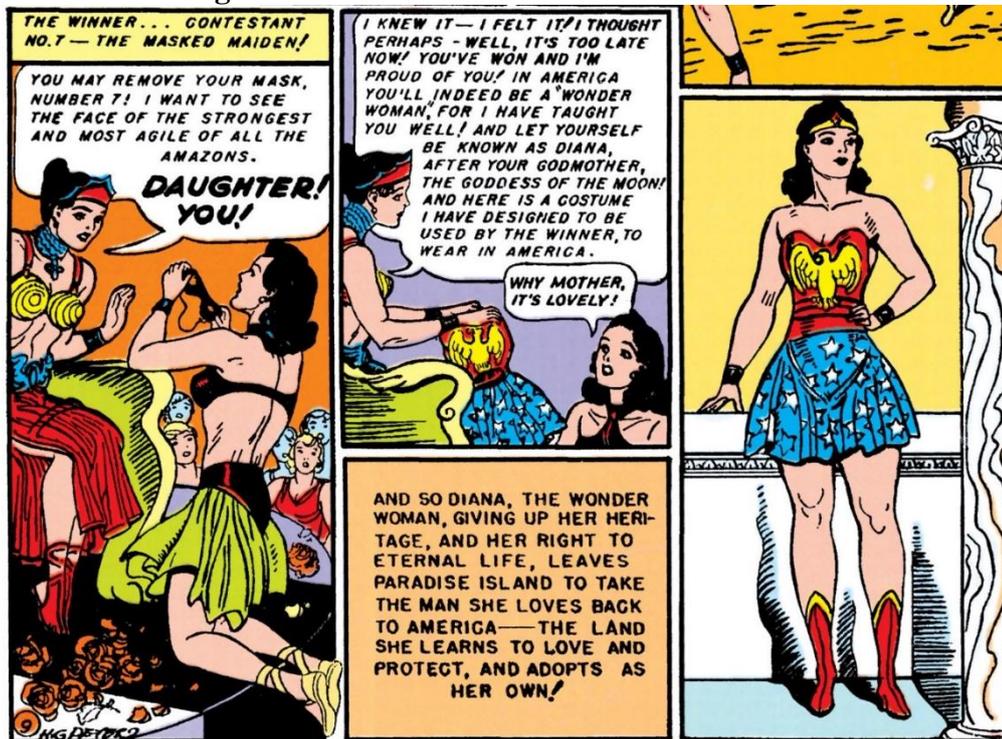
Ao notar o comportamento de sua filha, Hipólita conclui que a Mulher-Maravilha havia se apaixonado por Steve e, por esse motivo, a proíbe de cuidar dele. Seu amor pelo homem é confirmado por ela própria no quadrinho acima (Figura 19). Ela afirma “[...] I must see him! I must know who he is, how he got here! And why he must leave? I-i love him!”<sup>44</sup>. Novamente, o verbo modal “must” é repetido pela MM e agora ganha destaque em sua fala, o que reforça seu sentimento de obrigação em ver o homem e, logo em seguida, ela confessa à mãe seu amor por ele. A entoação é marcada pela maneira como as falas são grafadas, o “must” está sublinhado, por isso sabemos que a MM o disse de maneira mais enfática; ao dizer que o ama, ela demonstra hesitação, que é marcada pelo enunciado “I-i”. O sinal de exclamação ao final de sua fala marca seu posicionamento assertivo em relação a seu sentimento.

O quadrinho mostra, em primeiro plano, Hipólita à direita olhando em direção a Mulher-Maravilha. A MM está com os braços estendidos na direção da mãe, o que demonstra um

<sup>44</sup> “Eu preciso vê-lo! Eu preciso saber quem ele é, como ele chegou aqui! E por que ele deve partir? Eu-eu o amo!” Tradução nossa.

movimento de súplica. Ela está em pé e, ainda que Hipólita esteja sentada em seu trono, as duas estão representadas na mesma altura que a filha. Isso poderia demonstrar que nenhuma das duas está em uma posição de superioridade, porém, o movimento de súplica da MM mostra seu lugar inferior perante a mãe.

Figura 20: Mulher-Maravilha deixa a Ilha Paraíso



Fonte: *All-Star Comics* n°8 (1941)

Na narrativa, Hipólita organiza um torneio para eleger a mais forte e mais ágil amazona da ilha, cuja ganhadora seria responsável por levar o homem acidentado de volta à “terra dos homens”. Por ter sido impedida pela mãe de participar do campeonato, a MM compete disfarçada e vence a competição. No primeiro quadrinho da figura acima, que retrata o momento em que a ganhadora revela sua identidade, é notável o espanto sentido por Hipólita pela maneira como sua fala (“Daughter! You!”<sup>45</sup>) é grafada, em letras muito maiores que as outras e com pontos de exclamação. A imagem mostra a MM ajoelhada aos pés de sua mãe, que a vê de cima para baixo. Isso demonstra a superioridade da rainha Hipólita perante a filha.

A sequência de ações mostra Hipólita presenteando a filha com seu clássico uniforme nas cores da bandeira norte-americana. É neste momento que a filha de Hipólita, princesa das amazonas, se torna a “Mulher-Maravilha” e recebe o nome de Diana. Ao final da HQ, o narrador

<sup>45</sup> “Filha! Você!” Tradução nossa.

encerra a narrativa da seguinte maneira: “And so Diana, the wonder Woman, giving up her heritage, and her right to eternal life, leaves the Paradise Island to take the man she loves back to America – the land she learns to love and protect, and adopts as her own!”<sup>46</sup>. No texto, a motivação da Mulher-Maravilha em deixar a Ilha Paraíso está marcada em “to take the man she loves back to America”, portanto, não há dúvidas que ela desistiu de sua herança e de sua imortalidade em nome do amor.

A Mulher-Maravilha é a amazona mais forte e mais ágil de seu povo, o que é comprovado no último enunciado (Figura 20), quando Hipólita diz “I want to see the face of the strongest and most agile of all the amazons.”<sup>47</sup>. Esse fato evidencia que, apesar da Mulher-Maravilha ter se sacrificado em nome do amor, ela ainda assim não deixa de ser uma mulher forte e ágil, o que vai ao encontro da nossa hipótese de que a MM é ambivalente ao longo de sua história.

Ao longo do enunciado, existem momentos em que a MM se preocupa com os conflitos que estão acontecendo no mundo dos homens e tem o desejo de ajudar. Contudo, no último quadrinho fica claro ao leitor que sua saída da Ilha Paraíso foi para levar o homem amado de volta para a América e que, por causa dele, ela passaria a amar e adorar a nação. Ao mesmo tempo em que a MM é descrita como uma mulher inteligente, veloz e forte, características que podem ser associadas ao empoderamento feminino, ela sofre um processo de apagamento quando abre mão de sua vida na Ilha Paraíso por conta do sentimento de amor que desenvolveu por um homem.

Por compreendermos o enunciado em sua totalidade e sabermos que o extra verbal faz parte dele, podemos afirmar que este amor, força motriz da HQ, é sentido pela Mulher-Maravilha não apenas em relação ao homem, mas também pela pátria. Afirmamos isso devido às marcas no texto que comprovam tal ideia. No último quadrinho, o narrador se refere à América (que sabemos se tratar dos Estados Unidos) como “the land she learns to love and protect, and adopts as her own!”, ou seja, ela deixa de pertencer à ilha onde nasceu para adotar a América como seu lar, o qual ela *aprendeu* a amar e proteger. Seu novo uniforme, que carrega as cores vermelho e azul e as estrelas brancas, é inspirado na bandeira do país, já a águia,

---

<sup>46</sup> “E então Diana, a Mulher-Maravilha, desistindo de sua herança e seu direito da vida eterna, deixa a Ilha Paraíso para levar o homem que ama de volta à América – terra que ela aprende a amar e proteger, e adota como sua!”, tradução da autora.

<sup>47</sup> “Eu quero ver o rosto da mais forte e mais ágil das amazonas.”, tradução da autora.

representada ao centro do corselete vermelho, é, desde 1782, o emblema da nação, por conta de sua força, longevidade, coragem e suntuosidade<sup>48</sup>.

Ao situarmos a HQ historicamente, é possível observarmos o movimento dialógico presente na revista. Como já foi dito anteriormente neste trabalho, o período do surgimento da Mulher-Maravilha, no final de 1941, marca um momento em que os Estados Unidos estavam prestes a entrar oficialmente na Segunda Guerra Mundial, ainda que o contexto bélico já estivesse instaurado no mundo desde 1939. A HQ traz a ambientação da guerra à tona, uma vez que Steve é um capitão do exército norte-americano que tentava salvar soldados de seu exército quando tem seu avião destruído por alemães. Os criadores (autor, desenhista, editor) da revista eram norte-americanos, por conseguinte, a HQ retrata a “América” como o lado bom, e os alemães como os maus.

O papel da Mulher-Maravilha de salvar o soldado norte-americano e, posteriormente, ir à América para ajudá-los, dialoga com o papel das mulheres norte-americanas daquele momento histórico. As mulheres que permaneceram em seus lares enquanto os maridos foram servir ao exército durante a Segunda Guerra passaram a ser as responsáveis pela renda familiar. Além disso, a economia do país se via estremecida, pois a mão de obra das grandes fábricas estava escassa. A solução foi incentivar as mulheres a assumirem os cargos até então destinados aos homens. Para isso, campanhas governamentais foram criadas, como já foi visto na Figura 4 (seção 1.2). Apresentaremos a seguir um exemplo destas campanhas e procuraremos mostrar como estes enunciados dialogam com a Mulher-Maravilha, pois, como pontua Bakhtin,

O sentido é potencialmente infinito, mas pode *atualizar-se em contato com outro sentido* (do outro) [...]. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade [...]. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele. Não pode haver um sentido único (um). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um *elo na cadeia dos sentidos*, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer (BAKHTIN, 2011, p. 382, grifos nossos).

---

<sup>48</sup> Informações retiradas do site <https://www.miamieflorida.com.br/a-aguia-simbolo-representante-dos-estados-unidos> Acesso em 24 mar. 2021.

**Figura 21:** Campanha estadunidense para incentivar as mulheres a irem às fábricas durante a Segunda Guerra Mundial



Fonte: *Iowa.gov*, 2021<sup>49</sup>

O enunciado acima é de 1944 e se trata de um pôster-propaganda. Ele mostra, em primeiro plano, uma mulher branca vestida com um macacão cinza e camisa xadrez azul e branca. Atrás dela, um homem branco, vestido de terno e gravata, a observa enquanto apoia as mãos em seus ombros. Ao fundo, vemos a bandeira norte-americana em movimento. Na parte inferior do enunciado está escrito “I’m Proud... my husband wants me to do my part”<sup>50</sup>, logo abaixo, em amarelo e grafado com outra fonte, vêm os dizeres “See your U. S. employment service – War Manpower Commission”<sup>51</sup>.

A campanha, promovida por uma comissão que fornecia mão de obra para a guerra, foi pensada com o propósito de motivar as mulheres a trabalharem nos cargos que estavam desfalcados naquele período. Estes cargos não eram comuns às mulheres da época, que estavam acostumadas a terem suas tarefas voltadas ao lar e aos filhos<sup>52</sup>. Para tanto, a campanha mostra a mulher vestida com um uniforme industrial, mas com maquiagem no rosto e lenço no cabelo,

<sup>49</sup> Disponível em <https://iowaculture.gov/history/education/educator-resources/primary-source-sets/world-war-ii-homefront/im-proud-my-husband>. Acesso em 04 abr. 2021.

<sup>50</sup> “Estou Orgulhosa... meu marido quer eu faça minha parte”. Tradução nossa.

<sup>51</sup> “Consulte seu serviço de empregos nos EUA – Comissão de Mão de Obra de Guerra”. Tradução nossa.

<sup>52</sup> Sabemos que as mulheres encarregadas dessas funções se restringiam às brancas e de classe social mais abastada. Historicamente, as mulheres negras e de classe social menos abastada nunca tiveram essa opção.

para que sua feminilidade não seja deixada de lado. Ao lado esquerdo de seu peito, vemos um botão com a imagem de um homem grafado, possivelmente de seu marido. No nível verbal, o enunciado dito por ela traz as marcas do orgulho e da vontade do marido (cuja entoação é marcada pelo destaque no verbo “wants”) em vê-la fazendo sua parte. Suas mãos se posicionam como se ela estivesse segurando uma arma, a qual é simbólica, pois não é o papel da mulher manuseá-la. O homem é a representação das autoridades do país e seu gesto simboliza o orgulho que a mulher está proporcionando à nação.

O surgimento da MM foi, também, uma espécie de propaganda e, além disso, uma figura feminina em quem as mulheres norte-americanas pudessem se inspirar. O enunciado da Figura 21, criado três anos após a aparição da MM, estabelece um diálogo com o nosso objeto de estudo. Assim como a mulher da propaganda faz sua parte para ajudar a nação por vontade de seu marido, sem deixar de lado sua feminilidade, a Mulher-Maravilha deixa sua terra e seu povo para ajudar seu par romântico e, sobretudo, a nação estadunidense.

A HQ seguinte do *corpus* é do ano de 1968, chamada *Wonder Woman last battle – part II*<sup>53</sup>, e marca o início da fase sem poderes da Mulher-Maravilha, conhecida como “Era Diana Prince”. Ela perde seus poderes, pois as amazonas haviam completado dez mil anos na terra e precisavam ir para outra dimensão renovar sua magia. A MM, ao invés de acompanhar as amazonas e ter seus poderes renovados, escolhe ficar na terra para ajudar Steve Trevor – que havia assumido a missão de se passar por traidor do exército a fim de capturar um perigoso bandido e, em decorrência disso, estava foragido da polícia. No momento em que recebe o chamado de sua mãe, a MM se dirige à Ilha Paraíso em seu avião invisível.

**Figura 22:** Mulher-Maravilha pilota seu avião invisível



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 1) nº:179 (1968)

<sup>53</sup> Última batalha da Mulher-Maravilha – parte II, tradução nossa.

No enunciado acima, é materializado no nível verbal o pensamento da MM de que “The amazons command my first loyalty! But I want so much to find **Steve**... to **help** him!”<sup>54</sup>. Primeiramente, a MM afirma sua lealdade ao seu povo de origem, as amazonas, mas, logo em seguida, a conjunção adversativa “but” marca a contradição de seu discurso. Ela, ainda que se afirme leal às amazonas, *deseja muito* encontrar seu companheiro, cujo nome é grafado em negrito no balão. O sinal gráfico das reticências depois do nome de Steve marca a tom, ou seja, a vocalidade do enunciado que, nesse momento, mostra uma pausa em seu discurso, seguido do motivo que a faz querer ajudá-lo, “to **help** him!”. O verbo ajudar está destacado em negrito e o enunciado termina com um sinal de exclamação que, nesse caso, marca o tom assertivo de seu discurso.

Visualmente, a Figura 22 mostra a Mulher-Maravilha pilotando, sozinha, seu avião invisível em direção à Ilha Paraíso. Por esse motivo, podemos afirmar que a MM se mostra como uma mulher habilidosa e independente no enunciado, ainda que essas afirmações possam ser refutadas no decorrer da HQ, como será mostrado adiante.

**Figura 23:** Mulher-Maravilha decide ficar na terra para ajudar Steve Trevor



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 1) nº:179 (1968)

A sequência narrativa da Figura 22 mostrou que o chamado urgente de Hipólita era para contar-lhe sobre a partida das amazonas da terra. Ao ser questionada se acompanharia seu povo, a MM hesita, como é notável pela fala de Hipólita “But you hesitate, my daughter...?”<sup>55</sup>, seu tom parece ser de preocupação, marcado pelo uso das reticências. A resposta da MM é a seguinte “I love you mother...you and my sister amazons! But Steve Trevor desperately **needs**

<sup>54</sup> “O comando das amazonas é minha primeira lealdade! Mas eu quero muito encontrar **Steve**... para **ajudá-lo!**”. Tradução nossa.

<sup>55</sup> “Mas você hesita, minha filha...?”. Tradução nossa.

me...”<sup>56</sup>. Verbalmente, o amor que a MM sente por sua mãe e as demais amazonas é confirmado por ela, contudo, a afirmação é seguida pela conjunção adversativa “but”, que aparece novamente para evidenciar a contradição na Mulher-Maravilha, e afirma que Steve *precisa desesperadamente* dela. No último quadrinho do enunciado a Mulher-Maravilha toma sua decisão e diz que ficará na terra (“I must stay!”<sup>57</sup>), a escolha do verbo modal “must”, como já foi visto na análise da primeira HQ, revela um sentido de obrigação, portanto ela sente que é seu dever ficar na terra para ajudar Steve.

O tom emotivo-volitivo do enunciado é revelado tanto pelas marcações gráficas no texto escrito quanto pelas expressões faciais da Mulher-Maravilha. Volóchinov (2013, p. 82) afirma que “A entonação sempre se encontra no limite entre o verbal e o extra verbal, entre o dito e o não dito”. No momento em que ela afirma amar a mãe (primeiro quadrinho da Figura 23), ela direciona seu olhar para baixo, talvez para evitar o contato visual com sua mãe, o que pode simbolizar um sentimento de vergonha ou medo. No segundo quadrinho, quando ela diz que Steve precisa dela, seus olhos e sobrancelhas se movem em uma feição de preocupação. Já no momento em que ela toma sua decisão, no terceiro quadrinho, suas sobrancelhas se arqueiam e seus olhos levemente se cerram, formando uma expressão de bravura.

---

<sup>56</sup> “Eu amo você, mãe...você e minhas irmãs amazonas! Mas Steve Trevor desesperadamente **precisa** de mim...”. Tradução nossa.

<sup>57</sup> “Eu devo ficar!”. Tradução nossa.



O último quadrinho da Figura 24 mostra a MM pilotando seu avião de volta para casa. O narrador enuncia que “Through a blur of tears, Diana Prince watches Paradise Island shimmer, dissolve, vanish... leaving only the azure ocean...”<sup>59</sup>, o que indica que sua saída da Ilha lhe causou sofrimento. Sua fala, “Goodbye... my home...”<sup>60</sup>, é pronunciado em tom melancólico, visto que ela chora no momento. Nota-se que o narrador, ao referir-se à heroína, a chama de Diana Prince, o que não aconteceu anteriormente na HQ. Podemos concluir que, a partir desse momento, ela não é mais uma “Mulher-Maravilha”, mas simplesmente uma mulher comum<sup>61</sup>.

**Figura 25:** Mulher-Maravilha lamenta por deixar seu lar



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 1) nº:179 (1968)

A Figura 25 mostra a sequência do enunciado anterior (Figura 24), em que Diana lamenta sua partida. Ela pensa “Gone... Everything that sustained me... my childhood... my family... all gone!”<sup>62</sup> enquanto chora, como é mostrado imagetivamente. Novamente, o uso das reticências marca a entoação do enunciado, que carrega um sentimento de tristeza, que é comprovado pelas suas lágrimas. Na sequência da narrativa, ela demonstra preocupação com seu futuro e pensa “Then I shall be truly alone... an orphan... without friends... without a home...”

<sup>59</sup> “Em meio ao borrão de lágrimas, Diana Prince assiste a Ilha Paraíso reluzir, dissolver, desaparecer... restando apenas o oceano azul...”. Tradução nossa.

<sup>60</sup> “Adeus... meu lar...”. Tradução nossa.

<sup>61</sup> É importante destacar que, a partir do momento em que a Mulher-Maravilha deixa a Ilha Paraíso e passa a viver no mundo dos homens (na HQ de 1941), a personagem assume duas identidades: uma de heroína, conhecida por todos como Mulher-Maravilha, e outra de mulher comum, chamada Diana Prince. A identidade de MM só é assumida quando ela está vestida à caráter (uniforme, tiara e apetrechos mágicos), ao contrário disso, ela é conhecida como Diana Prince, a qual é secretária da MM em grande parte das HQs. Neste momento de sua trajetória, ninguém sabe que Mulher-Maravilha e Diana Prince se tratam da mesma pessoa, nem mesmo Steve.

<sup>62</sup> “Se foi... Tudo que me sustentava... minha infância... minha família... tudo se foi!”. Tradução nossa.

a stranger and alone...”<sup>63</sup>. Sua declaração nos leva a pensar sobre a solidão que sua escolha de ficar na terra (por Steve) irá lhe proporcionar.

O sacrifício feito pela Mulher-Maravilha dialoga com uma prática comum entre mulheres que se casam, chamada patrilocalidade. Saffioti (1987, p. 14) a define como a “[...] obrigatoriedade de a mulher passar a integrar a comunidade do marido” e ainda acrescenta que isso pode acarretar diversos danos para a vida dessas mulheres. Beauvoir (2009) explica como o casamento interfere na vida das mulheres da seguinte maneira:

A mulher, casando, recebe como feudo uma parcela do mundo; garantias legais a protegem contra os caprichos do homem; mas ela torna-se vassala dele. Economicamente ele é o chefe da comunidade, é portanto ele quem a encarna aos olhos da sociedade. Ela toma-lhe o nome, associa-se a seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio; pertence à família dele, fica sendo sua “metade”. Segue para onde o trabalho dele a chama; é essencialmente de acordo com o lugar em que ele trabalha que se fixa o domicílio conjugal; mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo, dá a ele sua pessoa, deve a ele a virgindade e uma fidelidade rigorosa (BEAUVOIR, 2009, p. 551).

A citação fala sobre como a mulher tem sua identidade socialmente apagada com o casamento, pois deixa de ser “ela mesma” e se torna “esposa de alguém”. Ao se tornar a “metade” do homem, seu papel se transforma em viver em função dele. Nas duas HQs analisadas até aqui, percebemos comportamentos que revelam uma mesma voz social, da submissão da mulher, ainda que em cada momento histórico ela apareça de um jeito, os valores incutidos nelas são semelhantes.

É interessante pensar como na primeira HQ (de 1941) o sacrifício da heroína a transformou na Mulher-Maravilha, enquanto nesta última (de 1968) seu sacrifício tirou seus poderes e, conseqüentemente, fez com que ela deixasse de ser a Mulher-Maravilha. Em ambos os enunciados, sua decisão não foi tomada por motivos que dizem respeito a ela própria, mas sim a outra pessoa que, nesses casos específicos, se trata de Steve Trevor. Sua escolha, aparentemente tomada sem a influência de outros indivíduos, está relacionada ao momento sócio-histórico-cultural de criação da HQ, ou seja, é ideológica. As decisões tomadas pela Mulher-Maravilha tanto em 1941 quanto em 1968 revelam as vozes sociais proferidas pelos sujeitos-autores que a criaram e, com isso, seus posicionamentos ideológicos.

Não há palavra pronunciada (falada, escrita, pensada interiormente) que não seja entoada, entonada. E como o tom expressa a atitude que os falantes têm

---

<sup>63</sup> “Então eu devo ficar realmente sozinha... uma órfã... sem amigos... sem um lar... uma estranha e sozinha...”. Tradução nossa.

diante da realidade e da vida, ele é constitutivamente integrado por valores, atravessado pela axiologia de determinado grupo social, de determinada esfera de criação ideológica, de dada época, numa dada sociedade (MELO, 2017, p. 84).

#### 4.2. O sacrifício de ser *mulher maravilha*

Nesta seção do trabalho pensaremos ainda sobre a temática do sacrifício na trajetória da Mulher-Maravilha. Dessa vez, o sacrifício não está diretamente ligado ao amor pelo homem ou pela pátria, mas aparece como um fardo que ela carrega por ser *a Mulher-Maravilha*. A HQ analisada a seguir foi criada por Greg Potter e George Perez e recebe o nome de “A fire in the sky!”<sup>64</sup>. Ela é a segunda revista de uma nova fase da MM iniciada em 1987 (como já dissemos na seção 2.4 do trabalho), em que toda sua história é recontada e tudo o que aconteceu anteriormente é desconsiderado<sup>65</sup>.

A narrativa se assemelha em alguns aspectos com a primeira HQ<sup>66</sup> em que a MM aparece. Mais uma vez, o soldado da força aérea dos Estados Unidos, Steve Trevor, cai na Ilha Paraíso, é resgatado pela Mulher-Maravilha e precisa ser levado de volta a sua terra por ela. Porém, desta vez a heroína não se apaixona por ele (não a princípio) e o motivo pelo qual ela deve levá-lo de volta não é o amor. O deus da guerra, Ares, planejava destruir a humanidade e os deuses do Olimpo alertaram as amazonas de que apenas a melhor entre elas seria capaz de derrotá-lo. Assim como acontece na primeira HQ (de 1941), um torneio é realizado e a MM termina como a campeã, pois é a amazona mais forte, ágil, veloz e sagaz entre todas elas. Ela, então, deve cumprir a missão de que foi encarregada: derrotar Ares.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> “Um fogo no céu!”. Tradução nossa.

<sup>65</sup> No universo das Histórias em Quadrinhos isso é bastante comum e é chamado de *reboot*.

<sup>66</sup> Na revista *All-Star Comics* nº8 (1941).

<sup>67</sup> Isso acontece na edição anterior à HQ do nosso *corpus*, mas é importante que retomemos sua narrativa para que nossas análises façam sentido.

Figura 26: Mulher-Maravilha encara tempestade



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 2) nº: 2 (1987)

No enunciado acima (Figura 25), vemos a Mulher-Maravilha de costas, montada em um cavalo, vestindo armadura e portando lança e escudo. Ela encara a floresta, prestes a iniciar sua missão. Ao fundo, o céu é retratado com tons escuros e com muitos raios, o que demonstra que uma tempestade se aproxima. Isso nos leva a crer que o clima da narrativa é de tensão, o que é comprovado pelos pensamentos da MM. No primeiro balão, ela se mostra assustada com a missão que recebeu “For I am *frightened* by this night – frightened by the *mission* I am called to perform.”<sup>68</sup>; em seguida, ela marca em seu discurso o medo que sente em falhar “Frightened that I might *fail*.”<sup>69</sup>. O tom é marcado pelo destaque das palavras “frightened”, “mission” e “fail”, por esse motivo, compreendemos que a ênfase do enunciado está em seu *medo*, na *missão* que recebeu e na possibilidade de *falhar*.

Enquanto a MM partia em sua missão, a narrativa mostra o porquê do soldado norte-americano Steve Trevor ter caído na Ilha Paraíso. Ares pretendia invadir a ilha exterminar as amazonas; para isso, ele precisava de um piloto habilidoso o suficiente que conseguisse adentrar a ilha. Steve era o piloto mais apto para a função e, para que ele não desconfiasse do real motivo

<sup>68</sup> “Pois estou assustada com esta noite – assustada com a missão que fui chamada a cumprir.”. Tradução nossa.

<sup>69</sup> “Medo de que posso falhar.”. Tradução nossa.

de sua missão, Ares, agindo como se fosse o general da força aérea, forjou uma falsa missão especial para ele. Por fim, o avião cai no mar que banha a Ilha Paraíso e a Mulher-Maravilha salva a vida de Steve. Após o resgate, as amazonas cuidam de Steve, mas não compreendem por que a MM o resgatou, pois acreditam que ele, por ser um homem, queira destruí-las.

**Figura 27:** Mulher-Maravilha questiona Hipólita



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 2) nº: 2 (1987)

No quadrinho acima (Figura 27), a MM aparenta estar indignada com toda a situação e questiona a sua mãe “We have never given man reason to *hate* us, why should they now attack our home?”<sup>70</sup>. A entoação é marcada pelo destaque na palavra “*hate*” e por sua expressão facial, com a boca entreaberta e as sobrancelhas levemente erguidas, que demonstram seu espanto e inconformidade. Hipólita a responde da seguinte maneira: “Do you not remember our *history*, my daughter? Men have *always* hated us – because we would never bow to their *domination!*”<sup>71</sup>. As palavras em destaque no discurso de Hipólita (“*history*”, “*always*” e “*domination*”) marcam seu tom emotivo-volitivo. Neste momento histórico, as vozes sociais presentes no enunciado revelam posicionamentos de mundo contrários à dominação masculina sobre as mulheres.

Um das amazonas, Philippus, se recusa a ajudar Steve, pois se lembra de todo sofrimento que os homens já causaram às amazonas. Porém, como os deuses orientaram a MM a salvar o homem, elas devem obedecer.

<sup>70</sup> “Nós nunca demos motivo para os homens nos *odiarem*, por que eles iriam atacar nosso lar agora?”. Tradução nossa.

<sup>71</sup> “Você não se lembra da nossa *história*, minha filha? Os homens *sempre* nos odiaram -- porque nunca nos curvaríamos à sua *dominação!*”. Tradução nossa.

Figura 28: Mulher-Maravilha se despede de sua mãe e das amazonas



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 2) nº: 2 (1987)

O enunciado mostra, no primeiro quadrinho da esquerda para a direita, os deuses do Olimpo dizendo que a Mulher-Maravilha deve ir ao “mundo dos homens”, pois seu destino a aguarda (“[...] man’s world – where your destiny awaits!”<sup>72</sup>). Visualmente, vemos que os deuses são representados com seus corpos iluminados com uma luz dourada e estão em uma posição mais alta do que as amazonas, flutuando no ar. A luz reforça a divindade dos deuses e a posição mais elevada mostra como eles são seres superiores e, em função disso, as amazonas devem obedecê-los.

No segundo quadrinho, a Mulher-Maravilha abraça e se despede da mãe. Ela diz “[...] I am *frightened* – yet, I shall remember the power within me whenever I think of you!”<sup>73</sup>. No próximo quadrinho, ela diz “*Sisters! Farewell! By the powers the gods have granted me, I shall not fail!*”<sup>74</sup>, enquanto cruza seus braceletes acima de sua cabeça. Podemos perceber pelas marcas em seu discurso o quanto ela ainda sente medo da missão e teme em falhar, mesmo tendo ciência de seus poderes.

<sup>72</sup> “[...] *mundo dos homens*, onde seu destino a espera!”. Tradução nossa.

<sup>73</sup> “[...] Estou *assustada* – ainda, eu devo lembrar do poder dentro de mim sempre que eu pensar em você!”. Tradução nossa.

<sup>74</sup> “*Irmãs! Adeus!* Pelos poderes que os deuses me garantiram, *Eu não devo falhar!*”. Tradução nossa.

O último quadrinho apresenta apenas o rosto da MM e lágrimas caindo de seus olhos, enquanto fala “I shall miss you, my sisters... I shall miss you *all!*”<sup>75</sup>. Verbalmente, existem marcas que revelam sua tristeza em partir, como a repetição do vocábulo “miss”, o uso das reticências e a entoação marcada em “all” no fim do enunciado. Seu sentimento é comprovado pela imagem, pois podemos vê-la chorando.

**Figura 29:** Mulher-Maravilha leva Steve de volta



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 2) nº: 2 (1987)

No enunciado acima, vemos que a Mulher-Maravilha carrega Steve em seus braços e segue o deus Hermes com destino ao mundo dos homens. As falas que aparecem nos retângulos azuis são da oráculo das amazonas, Menalippe. Ares a impede de ver o futuro da Mulher-Maravilha, e então ela diz “But whatever befalls Diana... whatever perils lie ahead... whatever the purpose for saving the man who fell from the sky, Diana shall fight with honor! And if death be her destiny... then may we all face our fates as bravely as she now faces hers!”<sup>76</sup>. A incerteza sobre o que aguarda a MM no mundo dos homens é notável em sua fala, principalmente pela repetição da palavra “whatever”.

Percebemos, a partir da análise do enunciado, como a Mulher-Maravilha é representada neste momento de sua história. O empoderamento aparece mais evidenciado nesta HQ do que

<sup>75</sup> “Eu devo sentir sua falta, minhas irmãs... Eu devo sentir falta de vocês *todas!*” Tradução nossa.

<sup>76</sup> “Mas seja lá o que aconteça com Diana... sejam quais foram os perigos a sua frente... seja qual for o propósito de salvar o homem que caiu do céu, Diana deve lutar com honra! E se a morte for seu destino... então nós enfrentemos nossos destinos tão bravemente como ela agora enfrenta o dela!” Tradução nossa.

nas analisadas anteriormente. Afirmamos isso porque, como vimos na Figura 27, as amazonas não aceitam mais serem dominadas pelos homens. Contudo, o não-empoderamento também está presente no enunciado, porém de forma mais velada.

Além das questões do corpo, as quais discorreremos mais adiante neste trabalho, o não-empoderamento aparece na não-possibilidade de escolha da Mulher-Maravilha. Os enunciados mostram que o *seu destino* era derrotar Ares, pois ela era a amazona *mais capacitada* para a missão. Todos seus poderes – os quais a tornaram a amazona mais forte, ágil, veloz etc. – lhe foram dados pelos deuses antes de seu nascimento, portanto, nem isso ela pôde escolher. Mesmo sendo a amazona mais poderosa entre todas elas, a Mulher-Maravilha não teve a liberdade de escolher se iria ou não cumprir sua missão, pois os deuses lhe encarregaram de tal tarefa, e assim ela teve que agir. Mais uma vez, a Mulher-Maravilha é representada de maneira ambivalente, por ser empoderada em certos momentos, mas ter que se sacrificar em outros, o que comprova nossa hipótese inicial.

Ao saltarmos no tempo, mais precisamente para o ano de 2012, nos deparamos com uma nova fase da Mulher-Maravilha, a qual é representada pelo próximo enunciado a ser analisado. O arco no qual a HQ está inserida se chama “Blood”<sup>77</sup>, o primeiro da era “Os Novos 52”, que foi uma proposta da *DC Comics* de recontar a história da heroína do zero, ou seja, um *reboot* da Mulher-Maravilha. Quando os *reboots* acontecem, a equipe criativa pode alterar certos aspectos da trajetória da personagem, mas as características mais marcantes se mantêm. Por exemplo, sua origem mitológica permanece, seu uniforme e seus poderes quase não sofrem alterações, e seu propósito de ajudar as pessoas também se mantém o mesmo. Contudo, nessa nova fase um detalhe crucial sobre a origem da MM é alterado; ela, que sempre acreditou ter sido criada a partir do barro moldado por sua mãe, descobre que, na verdade, é fruto de um breve romance entre Hipólita e Zeus.

Os aspectos mitológicos são bastante recorrentes na HQ, por isso é importante que ressaltemos alguns fatos. Zeus, o deus supremo do Olimpo, é famoso na mitologia por trair inúmeras vezes sua esposa Hera que, por sua vez, é muito vingativa. A narrativa do arco gira entorno de uma humana que está grávida de Zeus e, por esse motivo, é perseguida por Hera, que deseja a morte do bebê. A Mulher-Maravilha é procurada por Hermes para ajudar a humana e acaba se tornando a responsável pela sua segurança. Para protegê-la, a MM leva a humana para a Ilha Paraíso, o que atrai Strife<sup>78</sup>, filha de Hera, para a ilha.

---

<sup>77</sup> “Sangue”. Tradução nossa.

<sup>78</sup> Em português, seu nome foi traduzido como “Discórdia”.

Ao chegar na ilha, Strife usou seus poderes para que as amazonas guerreassem entre si, o que provocou a morte de várias delas. Isso causou a revolta das amazonas e muitas atribuíram a culpa do ocorrido à Mulher-Maravilha, mesmo a culpada sendo Strife, como mostra o enunciado abaixo.

**Figura 30:** Amazonas lamentam a perda de suas irmãs



Fonte: *Wonder Woman (The New 52)* nº: 3 (2012)

Nos quadrinhos acima, as amazonas carregam troncos para incinerarem os corpos das amazonas que morreram. No primeiro, a amazona de cabelos pretos diz estar envergonhada, enquanto olha para baixo. A outra amazona, chamada Aleka, a olha com uma expressão furiosa e diz: “You’re what? *Why?* Did you bring the musk--”<sup>79</sup>, no quadrinho seguinte ela é mostrada de costas e podemos ver que ela cospe no chão, o que, no enunciado, acentua sua raiva. No próximo quadrinho, ela completa sua fala dizendo: “-- divine as it may be-- to our island? Or

<sup>79</sup> “Você o quê? *Por quê?* Você trouxe o almíscar--”. Tradução nossa.

the mortal? It wasn't you, Daphne... It was *Clay*.”<sup>80</sup>. Ao chamar o culpado de “Clay”, a amazona se refere à Mulher-Maravilha, pois assim ela era chamada quando criança por, supostamente, ter sido criada a partir do barro<sup>81</sup>. É importante destacar o ambiente do enunciado acima, em que vemos as imagens com bastante brilho e o céu numa tonalidade de azul claro e vibrante, o que demonstra uma certa tranquilidade na narrativa, ainda que o momento vivido pelas amazonas seja de luto.

Na sequência narrativa, depois de descobrir a verdade sobre sua origem, a Mulher-Maravilha se revolta contra sua mãe e seu povo, pois todas esconderam sua verdadeira história durante muitos anos. O enunciado abaixo mostra seu momento de fúria.

**Figura 31:** Mulher-Maravilha se revolta



Fonte: *Wonder Woman* (The New 52) nº: 3 (2012)

<sup>80</sup> “ – por mais divino que possa ser – para nossa ilha? Ou a mortal? Não foi você, Daphne... foi o *Barro*.”. Tradução nossa.

<sup>81</sup> A MM só descobre que, na verdade, é filha de Zeus e não foi criada a partir do barro posteriormente na HQ.

A Figura 31 não apresenta nenhuma fala das personagens, mas ainda assim é possível compreendermos o que se passa no enunciado. Isso porque compreendemos por linguagem não somente aquilo que é materialmente verbalizado, mas também as dimensões sonora e imagética que compõem o enunciado.

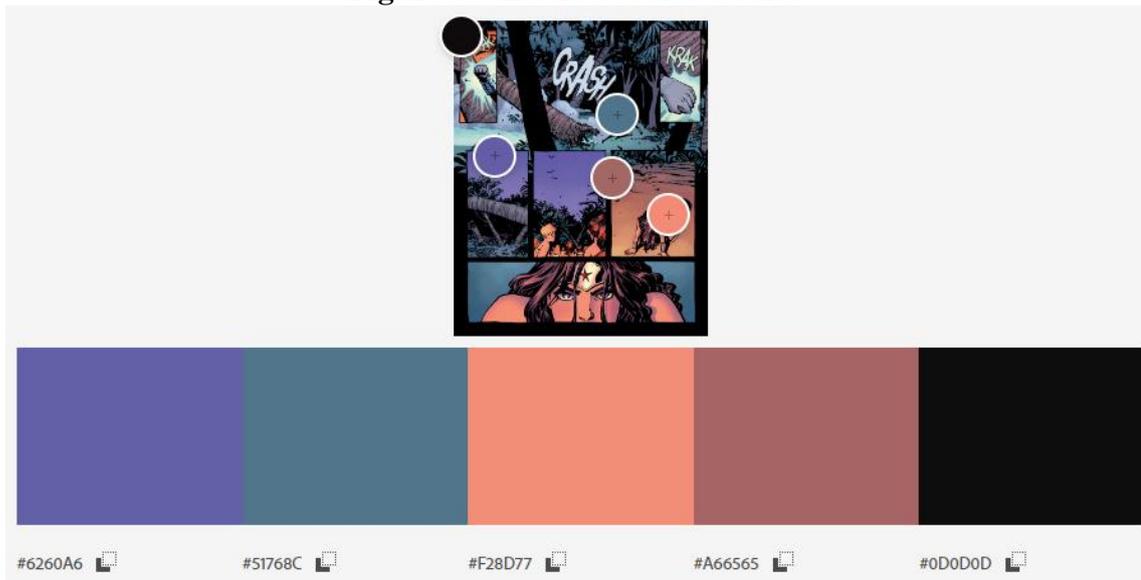
De acordo com Volóchinov (2013, p. 169), “a forma corporal exterior do comportamento social do homem – movimentos das mãos, postura, tom da voz – que habitualmente acompanha o discurso, é determinada pelo fato de ter em conta o auditório presente e, em consequência, pela *valorização que lhe é dada*” (grifos nossos). Assim, na Figura 31 vemos, na parte superior, troncos de árvores sendo derrubadas pelos socos da Mulher-Maravilha; as onomatopeias “Krak” e “Crash”, grafadas em fontes garrafais, simbolizam o som alto dos golpes dados pela MM e da queda das árvores.

Os três quadrinhos ao centro do enunciado mostram, respectivamente: as árvores caídas e a imagem da MM muito pequena entre os troncos; as amazonas olhando em direção às árvores; e a MM ajoelhada, com as mãos apoiadas no chão e a cabeça abaixada. No último quadrinho, o foco é no rosto da heroína, em que podemos ver suas sobrancelhas levemente franzidas, o que revela seu sentimento de ira. Ao entendermos o enunciado como um todo, devemos considerar que as cores também revelam valorações e dão sentido ao enunciado. Ao compararmos a Figura 30 e a Figura 31, notamos uma mudança significativa nas cores, como mostram as paletas de cores abaixo:

**Figura 32:** Escala de cores claras



Fonte: Adobe Color, 2021

**Figura 33:** Escala de cores escuras

Fonte: Adobe Color, 2021

Por meio do programa *Adobe Color*<sup>82</sup>, foi extraído o tema “Colorido” dos dois enunciados, o que gerou automaticamente as paletas de cores acima, sem nenhuma alteração manual. No primeiro enunciado, percebemos que as cores são mais abertas e vibrantes, enquanto no segundo os tons são mais fechados e escuros. Ao analisarmos as cores e os demais elementos do enunciado em conjunto com os acontecimentos da narrativa, podemos concluir que as cores ficam mais escuras (Figura 33) quando a MM se revolta contra seu próprio povo, o que torna evidente o clima de tensão. Os próximos enunciados possuem tonalidades muito parecidas com as cores da Figura 33, o que acentua o posicionamento da MM.

**Figura 34:** Aleka acusa a Mulher-Maravilha de levar vergonha para a Ilha

Fonte: *Wonder Woman (The New 52)* nº: 3 (2012)

<sup>82</sup> Disponível em <https://color.adobe.com/pt/create/color-wheel>

A Figura 34 mostra Aleka dizendo para as demais amazonas o seguinte: “There she is, sisters -- the one that brought *shame* to our isla--”<sup>83</sup>. Ao diz “the one” e apontar seu castiçal, ela se refere à Mulher-Maravilha. Seu tom é de raiva, perceptível pelas suas expressões faciais, e a ênfase de seu discurso é em “shame”, para marcar que a MM se tornou uma vergonha para seu povo. Aleka não conclui sua fala pois é interrompida por um golpe da MM, como mostra o enunciado a seguir:

**Figura 35:** Mulher-Maravilha acerta Aleka com um soco



Fonte: *Wonder Woman (The New 52)* n°: 3 (2012)

<sup>83</sup> “Lá está ela, irmãs -- aquela que trouxe *vergonha* para nossa ilha—”. Tradução nossa.

Como já dissemos nas análises anteriores, o sentido do enunciado é construído mesmo quando a materialidade verbal da linguagem não está presente. Na Figura 35, vemos apenas os movimentos e as expressões das personagens. Após acertar Aleka com um soco, MM se posiciona em pé, com um braço estendido segurando um castiçal e com sua cabeça erguida, como se encarasse as demais amazonas para saber se mais alguma iria lutar com ela. Nos quadrinhos posicionados na lateral inferior direita do enunciado, as amazonas olham para a MM boquiabertas e ela as observa com as sobrancelhas franzidas e lágrimas nos olhos.

**Figura 36:** Mulher-Maravilha se sente culpada



Fonte: *Wonder Woman (The New 52)* n°: 3 (2012)

A temática do sacrifício é explicitada no enunciado acima (Figura 36), quando a Mulher-Maravilha diz, com os olhos cerrados: “The only shame on this island is *mine* and I will take it from you all... never to return.”<sup>84</sup>. Em seu discurso, a MM se coloca como a única vergonha da Ilha Paraíso e, para que as amazonas não sofram mais, ela promete nunca mais retornar. Ela se sente envergonhada porque agora sabe que seu nascimento foi fruto de uma traição e as amazonas sempre guardaram esse segredo para protegê-la. No segundo quadrinho, vemos em primeiro plano apenas as pernas da MM e ao fundo as amazonas, que a chamam por seu nome “Diana”. O ângulo do desenho mostra a MM numa posição superior às amazonas, que estão na altura de seus pés. No último quadrinho, a MM diz, com a cabeça baixa e os olhos fechados: “Don’t call me that... or *Clay*... ever again...”<sup>85</sup>. O enunciado abaixo mostra sua saída da Ilha Paraíso.

<sup>84</sup> “A única vergonha dessa ilha é minha e eu vou tirá-la de vocês... para nunca mais retornar.”. Tradução nossa.

<sup>85</sup> “Não me chame assim... ou de *Barro*... nunca mais...”. Tradução nossa.

**Figura 37:** Mulher-Maravilha deixa a Ilha Paraíso por se sentir culpada



Fonte: *Wonder Woman* (The New 52) nº: 3 (2012)

O enunciado mostra a Mulher-Maravilha dizendo “I am *Wonder Woman*.”<sup>86</sup>, enquanto caminha à frente de todos, como é notável por sua imagem estar em primeiro plano, enquanto os outros estão atrás dela e em menor tamanho. Seu punho direito está fechado e sua mão esquerda deixou cair o castiçal em chamas. Seu rosto apresenta uma expressão séria, longe de demonstrar qualquer alegria. O conjunto de gestos corporais combinados a sua fala demonstram o tom emotivo-volitivo da Mulher-Maravilha, que deixa a Ilha Paraíso enfurecida, sem olhar para trás.

Um dos elementos de destaque nos últimos enunciados é o fogo. De modo geral, “[...] o fogo simboliza por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Mas ele apresenta também um **aspecto negativo**: obscurece e sufoca, por causa da fumaça; queima, devora e destrói: o fogo das paixões, do castigo e da guerra” (CHEVALIER; GHEERBRANT 2015, p. 443). Ao colocarmos em diálogo a simbologia do fogo e o que analisamos nos

<sup>86</sup> “Eu sou a *Mulher-Maravilha*.”. Tradução nossa.

enunciados, podemos inferir que o elemento representa a destruição do passado da Mulher-Maravilha. Assim como os corpos das amazonas mortas são incinerados na HQ, o passado da MM, que ela descobre não passar de uma mentira, também é simbolicamente queimado.

As duas HQs analisadas nesta seção do trabalho mostram o sacrifício da Mulher-Maravilha de diferentes maneiras, e por diferentes motivos. Na primeira (de 1987), ela é a escolhida para cumprir a missão de derrotar o mal (personificado na figura de Ares) pois esse é seu destino. Na segunda (de 2012), seu sacrifício de deixar a Ilha Paraíso e nunca mais voltar é motivado pela culpa que carrega por ser fruto de uma traição de Zeus e as amazonas terem guardado esse segredo para protegê-la. Além disso, um aspecto que se mantém nas HQs<sup>87</sup> é o seguinte: a Mulher-Maravilha sempre é a responsável pela resolução de todos os problemas, mesmo que estes não a digam respeito.

O “excesso de trabalho” da Mulher-Maravilha está dialogicamente associado ao fato de que a mulher, independentemente da sociedade em que vive, possui uma maior carga de trabalho comparado ao sexo oposto. “As mulheres trabalham mais, sejam elas orientais ou ocidentais; sejam donas de casa ou tenham empregos remunerados” (WOLF, 2020, p. 43). Como Volóchinov afirma no trecho abaixo, os enunciados são acontecimentos momentâneos constituintes de uma coletividade social, por esse motivo a discussão a seguir se faz necessária.

Todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política). No entanto, essa comunicação discursiva ininterrupta é, por sua vez, apenas um momento da *constituição* ininterrupta e multilateral de uma dada coletividade social. Disso surge um problema importante: o estudo do elo entre a interação concreta e a situação extra verbal mais próxima e, por meio desta, a situação mais ampla (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219-220).

Na contemporaneidade, um fenômeno tem acometido muitas mulheres, chamado de “Síndrome da Mulher Maravilha”. O termo ‘síndrome’ é de um empréstimo do vocabulário científico, mas o fenômeno não se trata de uma doença em si, e sim um conjunto de doenças mentais e psíquicas, como depressão, ansiedade, síndrome do pânico e *burnout*. Apesar de não existirem muitos estudos científicos sobre a ‘síndrome’, alguns psicólogos já falam sobre o assunto e divulgam suas pesquisas em *websites*.<sup>88</sup> Uma reportagem publicada pelo *website* da revista *CartaCapital*, no dia 8 de março de 2020 (instituído como Dia Internacional da Mulher),

<sup>87</sup> Não apenas desta seção, mas em todas as HQs que compõem o *corpus*.

<sup>88</sup> Algumas matérias que falam sobre o assunto: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/entenda-o-que-e-a-sindrome-da-mulher-maravilha-causada-pela-exaustao-feminina.ddf06075f56b55e01bfd5ad95a1f6960tu4rtzuz.html>; <http://espacosaudedgranjardim.com.br/sindrome-da-mulher-maravilha/>. Acesso em 05 abr. 2021.

fala sobre a exaustão de muitas mulheres reais. Apesar de não mencionar a síndrome, é sobre ela que a reportagem se refere, como percebemos pela sua manchete:

**Figura 38:** Reportagem da revista *CartaCapital* sobre esgotamento das mulheres

**CartaCapital**

SOCIEDADE

## Mulher-Maravilha? Sobrecarga gera sentimento de inferioridade

A visão romântica sobre 'mulheres guerreiras' esconde batalha diária e faz com que muitas encarem burnout e ansiedade

CATARINA BARBOSA 8 DE MARÇO DE 2020 - 00:30

Fonte: *CartaCapital*, 2021<sup>89</sup>

*Mulher-Maravilha? Sobrecarga gera sentimento de inferioridade.*

*A visão romântica sobre 'mulheres guerreiras' esconde batalha diária e faz com que muitas encarem burnout e ansiedade.*

A matéria, escrita por Catarina Barbosa, fala sobre a romantização do excesso de trabalho da mulher na atualidade, que comumente trabalha fora, precisa cuidar da casa e dos filhos, além de às vezes estudar e ainda cuidar da própria aparência. Como diz na matéria, essas mulheres são vistas como ‘guerreiras’, por conseguirem dar conta de tudo sozinhas.

Culturalmente, o Dia Internacional da Mulher é visto como o momento para exaltar a figura feminina, a “mulher-maravilha” do dia a dia. Elas não reclamam, não pedem ajuda e não se dizem fracas em nenhum momento. Dão conta de tudo e ajudam a todos; estão dispostas a sair às 6h, voltar às 19h, cuidar da casa, dos filhos e de si mesmas. O acúmulo de tarefas é tido como algo louvável, afinal, mulheres são guerreiras (BARBOSA, 2020).

A ideia de que as mulheres devem dar conta de múltiplas tarefas diárias é tida como o modelo de “mulher ideal” há tempos. Antes, quando não era permitido às mulheres nem estudar, nem trabalhar, as tarefas domésticas eram de sua responsabilidade. Quando o cenário começou a mudar e elas passaram a ter trabalhos formais, os cuidados da casa e dos filhos não diminuiram. Além disso, a sociedade cobra da mulher que ela se cuide, ou melhor, cuide de sua beleza física. Portanto, além de seu trabalho remunerado e das tarefas domésticas (não-

<sup>89</sup> Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulher-maravilha-sobrecarga-gera-sentimento-de-inferioridade/>. Acesso em 05 abr. 2021.

remuneradas), a mulher ainda deve estar sempre bela. Wolf (2020, p. 45) fala sobre isso em seu livro *O mito da beleza*.

[...] O mito da beleza é a última e melhor técnica de treinamento para forjar uma força de trabalho dessa natureza. Ele cumpre todas essas funções durante o expediente e ainda acrescenta uma tripla jornada para reduzir seu tempo livre.

A Supermulher, sem perceber todas as implicações, teve de acrescentar a seus compromissos profissionais o trabalho sério no campo da “beleza”. Essa nova responsabilidade foi se tornando cada vez mais rigorosa. [...] As mulheres assumiram ao mesmo tempo os papéis de dona de casa, de profissional que faz carreira e de profissional da beleza.

Apesar de ter sido publicado pela primeira vez em 1991, a discussão trazida por Wolf em seu livro se faz bastante atual, como podemos notar pela matéria publicada na *CartaCapital* em 2020 (Figura 38). A reportagem explica que as mulheres que não conseguem cumprir com todas suas tarefas se sentem inferiores às demais, o que pode causar danos a sua saúde mental, como transtornos de ansiedade e de *burnout*.

Voltemos, agora, nosso olhar para o enunciado da Figura 38, em que a manchete da reportagem se inicia da seguinte forma: “Mulher-Maravilha?”. O diálogo com a heroína dos quadrinhos fica claro pela maneira como seu nome é escrito, com letras maiúsculas e com o uso do hífen, exatamente como é grafado em língua portuguesa. O acento gráfico de interrogação marca o tom do enunciado, o qual, com a leitura da matéria na íntegra, percebemos ser direcionado ao sentido que o signo “Mulher-Maravilha” possui no atual momento sócio-histórico-cultural. Com isso, voltamos à pergunta já feita neste trabalho: “O que é ser uma Mulher-Maravilha?”. Procuraremos respondê-la por meio de enunciados responsivos pensados em conjunto aos enunciados do nosso *corpus*.

Por entendermos o ícone “Mulher-Maravilha” como um signo ideológico, sabemos que ele reflete e refrata a vida, posto que “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra parte da realidade, sendo por isso capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Os enunciados a seguir, cuja circulação ocorreu no Brasil, ressignificam o “ser Mulher-Maravilha” e revelam vozes sociais que vão ao encontro das HQs analisadas nesta seção do trabalho.

**Figura 39:** Postagem da página *Mulher de Verdade* no Facebook

**Mulher de Verdade** marcou um produto da loja dela. 27 de janeiro · 🌐

"Acho estranho quando me perguntam como eu dou conta de tudo.  
A resposta é simples, sem graça.  
Eu não dou. Não dou mesmo.  
Seleciono prioridades, foco no que dá, varro o resto para debaixo do tapete.  
No dia seguinte levanto a beiradinha do tapete, retiro umas coisas, escondo outras.  
Se hoje o jantar foi o chinês "okesoboro", amanhã um almoço fresquinho é a missão número um.  
Meu tapete nunca fica vazio. Nunca.  
Aliás, tem dias que entulho tanta coisa lá debaixo, que derruba o que tiver em cima. Brigo com o mundo, choro um pouquinho, me sinto a mais desequilibrada das mulheres, espero pelo dia seguinte.  
Mas há manhãs em que acordo cheia de amor próprio. Dou risada deste auê todo. Ignoro o tapete já pau a pau com o Monte Everest, e vou bela e formosa (cansada e de piranha no cabelo) tomar um banho demorado.  
Algumas tardes viro a revolucionária do tapete. Brota no corpo uma energia que sabe-se lá da onde veio (provavelmente do brigadeiro de colher que comi escondido 3 noites atrás). E lá vou eu disposta a colocar tudo em dia. E não é que eu quase consigo? Se não fosse pelo quase... E é assim.  
Frustrante, alegre, desesperador, feliz.  
Um eterno varre, esconde, esvazia.  
Não se deixe enganar, tem sempre um tapete.  
Na casa de algumas ele fica mais visível, logo na sala. Já outras preferem usar o do corredor. Mas ele está lá. Tem que estar. Se não a gente enlouquece.  
Por trás destas imagens, existe uma mulher comum. De carne, osso, querendo emagrecer no mínimo 3kgs.  
Com dias bons pra caramba, no estilo: "A vida é bela, poderia ter 7 filhos, viver numa casinha de sapê, e ser feliz para sempre"  
E com dias de "quem sou, onde estou, quem são estas pessoas?"  
O denominador comum é o amor, que quando colocado na balança quebra o ponteiro.  
Vira o jogo. Não dá nem chance.  
O coração é invadido por gratidão.  
E com lágrimas nos olhos agradecemos por tudo. Até mesmo pelo tapete."  
(Texto de Magia do Amor)



Ver produtos

44 mil 7,2 mil comentários 78 mil compartilhamentos

Fonte: Facebook, 2021<sup>90</sup>

<sup>90</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/mdeverdade/posts/1132251807247677>. Acesso em 05 abr. 2021.

A postagem acima, publicada no *Facebook* pela página “Mulher de Verdade”, conta com milhares de compartilhamentos (78 mil), além de muitas reações (44 mil, em sua maioria marcadas como “curtir” e “amei”) e comentários (7,2 mil). O texto fala sobre a realidade de mulheres que, muitas vezes, não conseguem cumprir com todas suas tarefas diárias e “varrem para debaixo do tapete” as que restaram. O autor do enunciado (descrito como “Magia do Amor”) dirige seu texto a um interlocutor específico, pois “[...] todo discurso é *dialógico*, dirigido a outra pessoa, à sua *compreensão* e à sua *resposta* potencial. Essa orientação a um outro, a um ouvinte, pressupõe inevitavelmente que se tenha em conta a correlação *sócio-hierárquica* entre ambos os interlocutores” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 168). O texto foi escrito por uma mulher, o que fica claro no trecho “[...] me sinto a mais desequilibrada das mulheres”, e é direcionado à outras mulheres, notável pelo verbo “agradecemos”, conjugado na primeira pessoa do plural, em que outras mulheres são incluídas no discurso.

Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*. À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações –, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão, do que já falamos) e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo [...]. Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere (BAKHTIN, 2011, p. 301).

Ainda que o texto verbal não mencione a personagem Mulher-Maravilha, sua imagem é incluída na postagem, como se ela exemplificasse a mulher descrita no texto. Logo abaixo do enunciado verbal, vemos a imagem da Mulher-Maravilha sentada em um banco, vestida com seu uniforme, toda suja e machucada e com os cabelos desalinhados. Em sua mão direita ela segura uma espada suja de sangue, já a mão esquerda leva até sua boca uma casquinha de sorvete. Sua expressão facial é de tranquilidade, apesar de seu estado físico aparentar que ela estava em uma luta.

Embora a postagem aponte a ideia de que é normal não dar conta de todas as coisas e que isso está tudo bem, a figura da mulher ‘guerreira’ ainda é romantizada no enunciado. No trecho “amanhã um almoço fresquinho é a missão número um”, notamos que a tarefa de cozinhar é entendida como uma missão pela autora. Na HQ 3, a personagem da Mulher-Maravilha também é encarregada de cumprir com uma missão (em seu caso, de derrotar o deus da guerra, Ares). Quem recebe uma missão é a pessoa que foi eleita para tal função, portanto

não tem a opção de escolher se deseja ou não cumpri-la. Nem a MM, nem a mulher real possuem escolha e devem cumprir suas missões.

A questão da beleza como uma obrigação, ou terceira “jornada” (WOLF, 2020), é perceptível pelo seguinte trecho: “Por trás destas imagens, existe uma mulher comum. De carne, osso, querendo emagrecer no mínimo 3kgs”. O assunto será abordado de maneira mais aprofundada na seção 4.3.2. do trabalho, mas já podemos adiantar alguns pontos. A busca por alcançar os padrões estéticos, os quais a Mulher-Maravilha atende em sua maioria, traz diversos problemas às mulheres, como problemas de autoestima, transtornos alimentares, distorção de imagem, entre outros. No trecho supracitado, a autora afirma que a “mulher comum” está sempre em busca do emagrecimento, ou seja, a mulher nunca está completamente satisfeita com seu próprio corpo e está sempre em busca de um corpo magro, como o da Mulher-Maravilha.

A mulher que não consegue cumprir seu “papel”, acaba se frustrando, como está marcado discursivamente no trecho: “Frustrante, alegre, desesperador, feliz”. Podemos associar a frustração e o desespero da mulher aos sentimentos de culpa e medo manifestados pela MM nas HQs por temer a possibilidade de falhar em sua missão. Outro ponto de convergência entre a postagem e as HQs analisadas está marcada no trecho a seguir: “O denominador comum é o amor, que quando colocado na balança quebra o ponteiro”. O amor está atrelado à imagem da mulher (seja uma super-heroína ou uma mulher real) como algo inerente a ela e, por isso, é usado como justificativa para seu sacrifício.

A associação do enunciado verbal com a imagem da Mulher-Maravilha feita pelo autor-criador da postagem (Figura 39) existe porque as mulheres reais, que precisam assumir duas ou mais jornadas de trabalho diário, são vistas e romantizadas como ‘guerreiras’ pela sociedade. Isso porque o excesso de trabalho (para as mulheres) é visto como algo louvável, digno de parabenizações. A imagem da MM é associada a essas mulheres por ela ser, de fato, uma guerreira, mas também, e principalmente, por ela sempre ter que resolver os problemas existentes, mesmo que não sejam seus. Sua imagem se transforma em um exemplo de mulher ideal, pois consegue solucionar todos os problemas e ainda se apresenta sempre bela. Desta forma, a imagem Mulher-Maravilha é apropriada pelo capitalismo que, na busca pelo lucro em cima da causa do empoderamento feminino, transforma o ícone MM em produto de consumo.

**Figura 40:** Produtos de consumo da Mulher-Maravilha



Fonte: Montagem nossa<sup>91</sup>

Sobre produto de consumo, Volóchinov afirma:

Do mesmo modo, um produto de consumo pode ser transformado em um signo ideológico. Por exemplo, o pão e o vinho se tornam símbolos religiosos no sacramento da comunhão cristã. No entanto, o produto de consumo por si só não é um signo. Os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser relacionados aos signos ideológicos, mas nessa relação não se apaga a evidente fronteira semântica entre eles (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

Os produtos com a estampa da Mulher-Maravilha (Figura 40) foram lançados no período de divulgação do segundo filme da super-heroína, *Mulher-Maravilha 1984*, que teve sua estreia em dezembro de 2020<sup>92</sup>. Além de servirem como uma estratégia de *marketing* para o filme ter mais engajamento do público, os produtos de consumo com sua estampa carregam ideologias, portanto se tornam signos ideológicos. Qualquer batom, panela ou secador de cabelo como um produto em si não é ideológico, mas quando nele está estampado o logotipo da Mulher-Maravilha, ideologias de determinados grupos sociais ali se fazem presentes. “Ao realizar-se no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110). Isso posto, nos questionamos o seguinte: quais valores os produtos de consumo da MM carregam?

Nesta altura do trabalho, considerando as análises feitas até aqui, já podemos evidenciar alguns aspectos, embora ainda não seja possível tirarmos conclusões. De acordo com Volóchinov (2017, p. 110-111), “para que um objeto [...] entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação ideológica sígnica, é necessário que ele esteja relacionado com as

<sup>91</sup>Disponível em, respectivamente, <https://www.hmemrevista.com.br/colecao-mulher-maravilha-revlon/>; <https://vimeo.com/492051540>; <https://www.casasbahia.com.br/UtilidadesDomesticas/Panelas/conjuntodepanelas/jogo-de-panelas-tramontina-mulher-maravilha-em-aluminio-com-revestimento-interno-em-antiaderente-starflon-max-5-pecas-tramontina-1511930621.html?IdSku=1511930621>. Acesso em 05 abr. 2021.

<sup>92</sup> A estreia nos cinemas estava prevista para junho de 2020, porém teve que ser adiada por conta da pandemia da COVID-19.

premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo [...]”, sendo assim, o indivíduo que adquire os produtos da MM se identificam de alguma maneira com o que eles representam.

O logotipo da Mulher-Maravilha estampado em produtos como os da Figura 40 reafirmam valores patriarcais nos quais as mulheres devem estar sempre belas e arrumadas (com os produtos de maquiagem e cabelo) e que também são as responsáveis pelas tarefas domésticas, como cozinhar (representados pelas panelas). Porém, esses valores são mascarados com o suposto “empoderamento” da MM. Conforme o encaminhamento empreendido na análise das HQs, é possível considerar que seu empoderamento é, de fato, questionável. Para chegarmos (ou ao menos tentarmos chegar) a uma possível conclusão, na próxima seção iremos analisar como as questões de empoderamento e não-empoderamento aparecem em relação ao corpo da Mulher-Maravilha ao longo dos anos.

### 4.3. O corpo maravilhoso

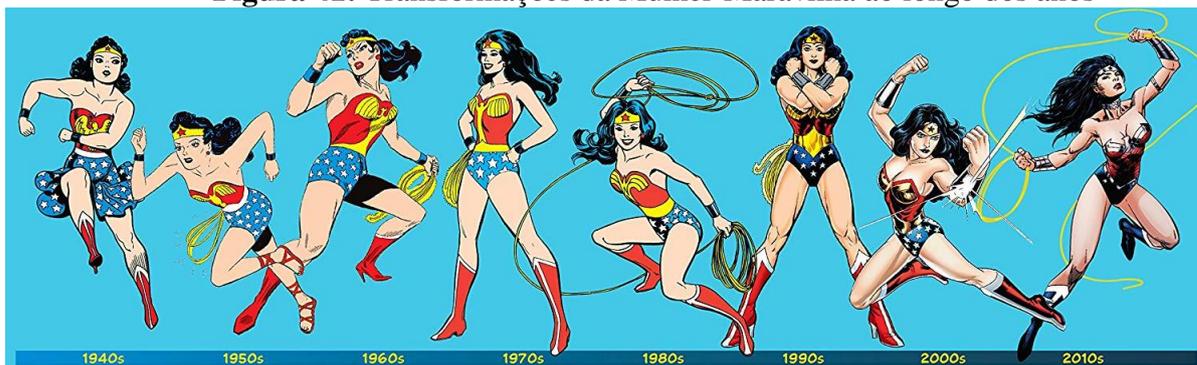
Questões sobre o corpo feminino estão em voga em nossa sociedade há milhares de anos. Isso ocorre desde a escultura paleolítica da Vênus de Willendorf, cujas formas cheias e seios fartos simbolizavam a fertilidade da mulher, até a contemporaneidade, em que os procedimentos estéticos e cirúrgicos, que buscam o corpo perfeito, nunca estiveram tão em alta<sup>93</sup>. É nítido que os padrões de beleza se modificaram com o decorrer dos anos, afinal, “[...] a Beleza jamais foi algo de absoluto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país” (ECO, 2004, p. 14). Com a Mulher-Maravilha, objeto de estudo deste trabalho, isso não seria diferente.

Ao longo de seus quase 80 anos, uma das características mais marcantes na heroína é seu corpo, além de seu uniforme e seus apetrechos. Suas formas físicas sofreram várias transformações e seu uniforme, apesar de manter sempre as mesmas cores, ficou mais justo e curto ao longo dos anos, como é ilustrado na figura abaixo:

---

<sup>93</sup> De acordo com a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (International Society of Aesthetic Plastic Surgery - ISAPS), os procedimentos estéticos e cirúrgicos aumentaram em 7,4% em 2019. <https://www.prnewswire.com/news-releases/pesquisa-global-mais-recente-da-isaps-informa-aumento-continuo-de-cirurgias-esteticas-em-todo-o-mundo-877927586.html>. Acesso em 07 abr. 2021.

**Figura 41:** Transformações da Mulher-Maravilha ao longo dos anos



Fonte: Amazon, 2021<sup>94</sup>

Ainda que a Figura 41 não represente fielmente a realidade, uma vez que apresenta apenas uma versão da MM de cada década, podemos ver panoramicamente suas principais transformações. Além de seu uniforme mostrar mais suas curvas, seus seios ficaram mais volumosos, seus músculos mais evidentes, sua cintura mais fina e suas pernas mais grossas. Entendemos sua representação como reflexo e refração de padrões e comportamentos de diferentes momentos sócio-histórico-culturais. Além disso, como temos demonstrado ao longo do trabalho, sua imagem revela as axiologias desses momentos.

Entendemos a qualidade de refletir e refratar a realidade como sendo um todo indivisível, uma moeda com duas faces. Se metaforicamente imaginarmos o espelho, ele reflete um ser, mas, bem sabemos, que a imagem refletida não é o ser. Assim, a imagem refletida torna-se uma refração – uma alteração, uma distorção, uma resistência, uma quebra do reflexo (MELO, 2010, p. 254).

Como mencionado no trecho acima, o movimento de reflexo e refração não reproduz a realidade tal qual ela é, mas a transforma numa refração, de alguma maneira alterada pelo enunciado. As formas físicas da MM refletem a realidade, mas a refratam de maneiras diferentes, a depender do projeto de dizer dos autores-criadores. Ao mesmo tempo que sua imagem reflete e refrata padrões de beleza já vigentes no solo social, ela cria novos padrões a partir das alterações realizadas. Nesta seção do trabalho, iremos procurar entender como o corpo da Mulher-Maravilha (e todas as vozes sociais reveladas por ele) se relacionam com as questões de empoderamento e não-empoderamento da heroína, as quais perseguimos ao longo deste trabalho.

<sup>94</sup> Disponível em <https://www.amazon.com/Wonder-Woman-Through-Years-Coffee/dp/B0184DOE6A>. Acesso em 07 abr. 2021.

### 4.3.1. Apetrechos não-empoderados

Antes de focarmos nossas análises às questões do corpo da Mulher-Maravilha, voltemos nosso olhar a algo que a constitui e se mantém ao longo de toda sua trajetória: seus apetrechos. O ‘Laço da Verdade’ é sua principal arma, é indestrutível e faz qualquer pessoa que esteja amarrado a ele obrigatoriamente dizer a verdade. Os ‘Braceletes da Submissão’, também indestrutíveis, são feitos de aço e são capazes de repelir balas. Entendemos, aqui, que os apetrechos da MM não são meros objetos utilizados em suas lutas, mas sim signos ideológicos, por apresentarem índices de valores contraditórios e abrigarem contradições em seu interior.

Todos os produtos da criação ideológica – obras de arte, trabalhos científicos, símbolos e cerimônias religiosas etc. – são objetos materiais e partes da realidade que circundam o homem. É verdade que se trata de objetos de tipo especial, aos quais são inerentes significado, sentido e valor interno. Mas todos esses significados e valores são somente dados em objetos e ações materiais. Eles não podem ser realizados fora de algum material elaborado (MEDVIÉDEV, 2016, p. 48).

Para demonstrar a relevância e os valores do Laço da Verdade, trouxemos dois momentos, de duas HQs diferentes do nosso *corpus*, em que o objeto ganha destaque. O primeiro, da HQ de 1987, mostra o laço sendo entregue à MM pelos deuses, para que ela consiga cumprir sua missão na terra (a qual já discorreremos sobre na seção 4.2 do trabalho). Zeus produz o laço a partir do ‘cinturão de Gaia’ (deusa da terra) e o entrega para Ártemis (deusa da lua e da caça), para que ela o dê para a Mulher-Maravilha. Ao entregá-lo, Zeus diz: “—so that no god nor mortal may *ever* break its bonds!”<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> “--então nenhum deus ou mortal *jamaís* poderá quebrar seu laço!”. Tradução nossa.

**Figura 42:** Ártemis lança o Laço da Verdade à Mulher-Maravilha



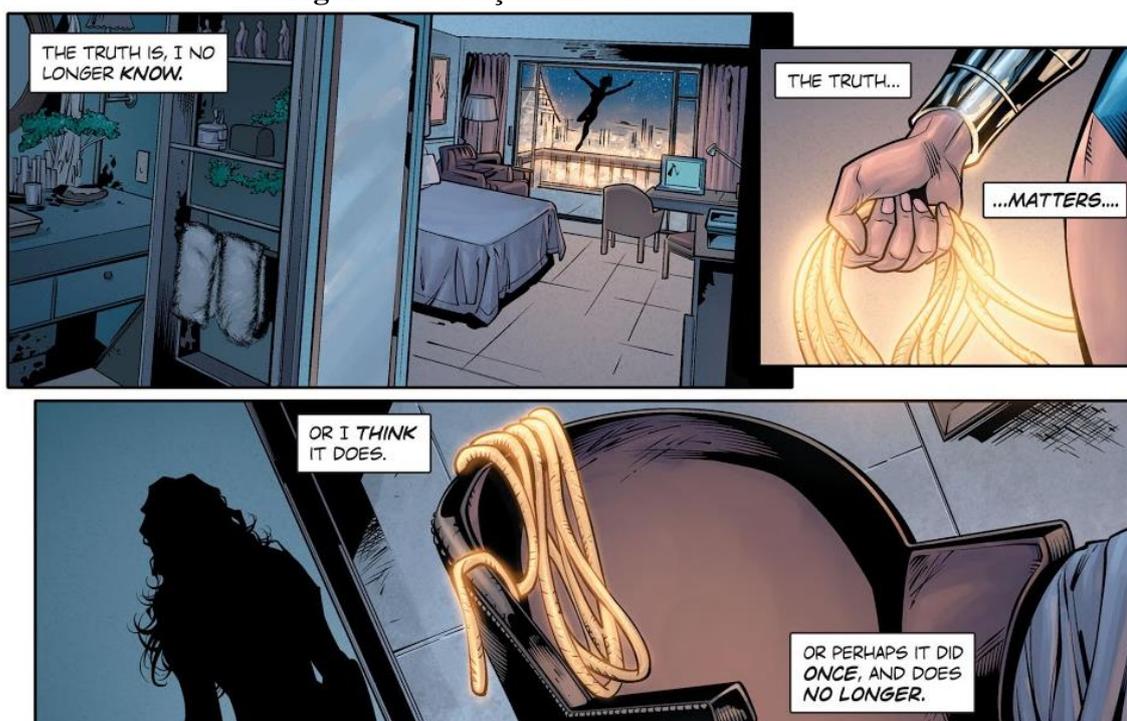
Fonte: *Wonder Woman* (vol. 2) nº: 2 (1987)

No quadrinho à esquerda (Figura 42), vemos o punho cerrado de Zeus segurando o Laço da Verdade, que brilha bastante, como se tivesse uma luz própria. A origem do laço, proveniente do cinturão de Gaia, e seu brilho acentuam o poder e a magia pertencentes ao objeto. Com todos os apontamentos já feitos neste trabalho, podemos considerar que o laço, cuja forma não remete a uma arma (embora ele seja usado como tal), foi escolhido como apetrecho da MM para que sua graça, delicadeza e aversão às guerras fossem mantidas. Afirmamos isso baseados no quadrinho da direita do enunciado, em que Ártemis, no momento em que lança o apetrecho com seu arco e flecha, diz: “Now does our fate rest in the hands of a *child*. And yet this is a child whose love for us has *never* faltered!”<sup>96</sup>. A temática do amor aparece no nível verbal do texto, enquanto o tom é marcado pelo destaque nas palavras “child” e “never”. A imagem mostra a deusa no alto, mais precisamente no Olimpo, apontando seu arco e flecha para baixo, em direção à terra, onde a MM está.

Por entendermos o enunciado em sua completude, podemos compreender que o Laço da Verdade é um objeto divino, vindo dos céus para a terra, que representa o poder dos deuses e só pode pertencer a quem os ama verdadeiramente: a Mulher-Maravilha.

<sup>96</sup> “Agora nosso destino está nas mãos de uma *criança*. Pelo menos, esta é uma criança cujo amor por nós *nunca* oscilou!”. Tradução nossa.

**Figura 43:** O laço como símbolo da verdade



Fonte: *Wonder Woman Rebirth – One Shot* (2016)

O enunciado acima faz parte da HQ mais recente do *corpus* (2016). O Laço da Verdade está em destaque nos quadrinhos, principalmente pela sua cor dourada e vibrante em contraste com as cores frias, que demonstram a escuridão do ambiente. No quadrinho superior, à esquerda, vemos a sombra da MM em movimento de salto, como se ela estivesse chegando ao local pela janela. Sua fala, representada em forma de narração, é a seguinte: “The truth is, I no longer *know*.”<sup>97</sup>. No quadrinho seguinte, vemos o punho da MM segurando o laço, acompanhado das seguintes falas: “The truth...*matters*...”<sup>98</sup>. Neste quadrinho, o laço brilha tão intensamente que é possível ver seu reflexo no bracelete da MM. No quadrinho inferior, ela continua sua narração: “Or I think it does. Or perhaps it did *once*, and does *no longer*.”<sup>99</sup>; é possível ver sua silhueta ao fundo da cena, mas o que está em primeiro plano é o Laço da Verdade posto sobre uma poltrona, mas seu brilho não está mais tão intenso quanto antes.

Ideologicamente, entendemos que, no enunciado acima (Figura 43), o apetrecho é um símbolo da verdade, não apenas pelo fato de que seu poder é revelar a verdade, mas porque o enunciado nos leva a ter essa conclusão. O quadrinho em que o laço brilha mais diz que a verdade importa, já quando o discurso verbal afirma que a verdade não importa mais, o brilho

<sup>97</sup> “A verdade é que eu não *sei* mais.”. Tradução nossa.

<sup>98</sup> “A verdade... importa...”. Tradução nossa.

<sup>99</sup> “Ou eu achava que *sim*. Ou talvez tenha importado *uma vez*, mas não *mais*.”. Tradução nossa.

do laço diminui. A ‘verdade’ mencionada no enunciado é referente à verdadeira história da Mulher-Maravilha, que está em questionamento na HQ.

Nos enunciados, tanto o de 1987 quanto o de 2016, o Laço da Verdade aparece como um apetrecho mágico da MM. Entendemos que ele a constitui, por ela ter sido a escolhida para tê-lo, e a confere poder, mas não necessariamente a empodera. Todo o poder do Laço da Verdade é proveniente dos deuses, que o fizeram e entregaram à MM, sem a intervenção divina, ele seria apenas um objeto usado para amarrar coisas (ou pessoas). A partir dessa ideia, podemos começar a pensar no diálogo existente entre as HQs da Mulher-Maravilha, principalmente as escritas por Marston, na década de 1940, e a prática do *bondage*. Mas antes, precisamos analisar outro apetrecho que a acompanha durante todas suas fases: os Braceletes da Submissão.

Os apetrechos usados nos pulsos pela Mulher-Maravilha foram inspirados nos braceletes que Olive Byrne, umas das esposas de Marston, costumava usar<sup>100</sup>. Eles são usados por todas as amazonas para que elas nunca se esqueçam como eles surgiram. No período em que Hércules dominou-as e fez com que elas se submetessem a ele, elas tinham correntes soldadas em seus pulsos. Quando as amazonas conseguiram se libertar, as correntes foram quebradas, mas os braceletes permaneceram. Na primeira HQ (de 1941), Hipólita fala para sua filha: “Afródite também decretou que devemos sempre usar esses braceletes feitos por nossos captores, como um lembrete de que devemos sempre nos manter distantes dos homens.”<sup>101</sup>. Eles recebem o nome de ‘Braceletes da Submissão’ por esse motivo. Em contrapartida, o apetrecho é usado como uma arma da MM, principalmente para repelir balas (Figura 44).

---

<sup>100</sup> Já falamos sobre o assunto na seção 1.2 do trabalho.

<sup>101</sup> No original: “Aphrodite also decreed that we must always wear these bracelets fashioned by our captors, as a reminder that we must always keep aloof from men.”. Tradução nossa.

**Figura 44:** Braceletes repelindo balas



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 2) nº17; *Wonder Woman Rebirth – One-Shot*

Os braceletes são símbolo dos anos que as amazonas foram subjugadas pelos homens, portanto podemos afirmar que eles, enquanto signo ideológico, carregam os valores da dominação masculina (patriarcado) sobre as amazonas. Ao mesmo tempo, são utilizados por elas como uma arma e, por isso, as protegem e as ajudam durante suas lutas. Entendemos que “[...] em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se no palco da luta de classes” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113). Nesse sentido, compreendemos o apetrecho como um signo ambivalente, que empodera e não-empodera a MM. Eles são necessários para sua proteção, ainda que carreguem valores de um passado de submissão.

Com o estudo dos enunciados componentes do *corpus*, além das HQs que os antecedem e sucedem, assim como a contextualização feita na seção 1 do trabalho, podemos afirmar que os dois apetrechos mostrados estão em diálogo com a prática do *bondage*, muito recorrente nas revistas da super-heroína, principalmente nas escritas por William M. Marston. *Bondage*, segundo o dicionário (PRIBERAM, 2021), é uma “prática sexual na qual um dos parceiros está amarrado”, essa prática está diretamente relacionada ao sadomasoquismo, em que a dor é uma forma de fetiche durante o ato sexual. A seguir, apresentaremos alguns exemplos de como a prática aparece nas HQs desse período.

Figura 45: Prática do *bondage* em diferentes HQs



Fonte: *Sensation comics* nº 12; *Sensation comics* nº 16; *Sensation comics* nº17; *Wonder Woman* (vol.1) nº34

As figuras acima mostram apenas alguns exemplos do que estava presente em quase todas as HQs do período. Na grande maioria das revistas, em pelo menos algum momento, a MM aparece acorrentada ou amarrada; não apenas ela, como outras mulheres também. A forma como as correntes ou cordas envolvem o corpo da Mulher-Maravilha nos enunciados acima mostra uma inegável referência à prática do *bondage*, o que, nas HQs da heroína, acontecia apenas com as personagens femininas. O fato de uma revista em quadrinhos, voltada, na época, para o público infantil, mostrar em suas páginas referências à uma prática sexual já seria o bastante para uma problematização, mas, além disso, as amarras nas HQs simbolizam um momento de vulnerabilidade, impotência e submissão da Mulher-Maravilha.

Figura 46: *Bondage* presente nas capas das HQs



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 1) nº: 188; *Wonder Woman* (vol. 1) nº: 196; *Wonder Woman* (vol. 1) nº: 199; *Wonder Woman* (vol. 1) nº: 200

A aparição do *bondage* nas revistas da MM chegou ao seu ápice na “Era Diana Prince”, fase que, como já mencionamos, a heroína perde seus poderes e passa a viver como um ser humano ‘comum’ (ainda que ela tenha se tornado uma exímia lutadora de artes marciais). Como

podemos ver na Figura 46, nas HQs roteirizadas por Dennis O’Neil entre 1970 e 1972, as capas são apelativas e podem ser comparadas à revistas de conteúdo sexual.

Ainda que atualmente não se veja com tanta frequência a alusão à prática do *bondage* nas produções mais recentes da Mulher-Maravilha, entendemos que essa é uma característica que ainda a constitui, pois ela permanece com seus ‘Braceletes da Submissão’ e seu ‘Laço da Verdade’. Fazemos essa afirmação, pois

os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de *distorcê-la, ser-lhe fiel*, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos nossos).

As amarras presentes nas revistas eram defendidas por Marston, pois ele acreditava que “o segredo da atração feminina [é que] as mulheres *apreciam* a submissão – gostam de serem amarradas” (apud LEPORE, 2017, p. 292-293). Em contrapartida, a prática do sadomasoquismo, por conter violência física, valida comportamentos agressivos contra a mulher, como diz Wolf (2020, p. 200), “o sadomasoquismo afirma que as mulheres gostam de ser forçadas e violentadas; e que o estupro e a violência sexual são modernos, elegantes e bonitos”.

O sadomasoquismo nas revistas da Mulher-Maravilha reflete e refrata uma sociedade em que as mulheres são subjugadas pelo poder masculino há milhares de anos. Apesar de muitos direitos já terem sido conquistados pela luta feminista, ainda contamos com um alto índice de violência física ou sexual sofrido pelas mulheres ao redor do mundo<sup>102</sup>. Os apetrechos da Mulher-Maravilha, que, simbolicamente, representam a submissão feminina e a prática sadomasoquista, não empoderam a heroína.

Viver numa cultura na qual as mulheres estão rotineiramente nuas enquanto os homens não o estão equivale a aprender a desigualdade aos pouquinhos, o dia inteiro. Portanto, mesmo que concordemos que as imagens sexuais são de fato uma linguagem, ela é nitidamente uma linguagem já submetida a uma forte manipulação para proteger a confiança sexual – e social – masculina enquanto prejudica a feminina (WOLF, 2020, p. 205).

---

<sup>102</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/11/25/relatorio-da-onu-indica-que-violencia-de-genero-atinge-1-de-cada-5-mulheres.ghtml>. Acesso em 08 abr. 2021.

### 4.3.2. Padrões amazônicos de beleza

A começar de sua criação, em 1941 por William M. Marston, a Mulher-Maravilha foi pensada como um símbolo de beleza feminino. Ser muito bonita e usar roupas mínimas foram as exigências feitas por Marston ao desenhista que deu forma à MM, Harry G. Peter. Como já mostramos na Figura 2, Marston queria que a MM se parecesse com uma Garota Varga, que eram consideradas pornográficas naquele momento histórico. Desde seu nascimento, a imagem da MM reflete e refrata valores, comportamentos e padrões de um determinado período e de uma dada comunidade.

Os padrões de beleza da Mulher-Maravilha daquele momento não são os mesmos dos atuais, mas, de certa forma, contribuíram para a formação do que concebemos hoje como belo. Isso se justifica pela dialogia do enunciado, pois ele “[...] só se realiza e constitui-se na interação verbal e em conexão a enunciados anteriores e posteriores – como elo na comunicação verbal – conferindo-lhe o caráter dialógico do discurso (no seu movimento com o já-dito e com o devir)” (MELO, 2010, p. 241). Em sua estreia, como pode ser visto na Figura 5, o corpo da Mulher-Maravilha aparece em destaque, em sua apresentação e o narrador compara sua beleza com a de Afrodite, “tão bela quanto Afrodite”<sup>103</sup>. Neste momento, percebemos que a beleza da MM não é nada comum, pois não é comparada a de uma mulher comum, mas a da deusa do amor.

Ainda que sua imagem reflita padrões estéticos da época, ela refrata e produz novos padrões. Isso porque cada sujeito concebe o enunciado de acordo com seu horizonte social e ideológico, portanto cada um irá interpretá-lo de uma maneira diferente. No trecho abaixo, embora utilize a literatura como exemplo, Medviédev (2016, p. 61) fala sobre como o movimento de reflexo e refração cria novos signos e, com isso, também novos valores.

[...] a literatura reflete, em seu conteúdo, um horizonte ideológico, isto é, as outras formações ideológicas não artísticas (éticas, cognitivas etc.). Mas, ao refletir outros signos, a própria literatura cria novas formas e novos signos de comunicação ideológica. E esses signos, que são as obras literárias, tornam-se elementos efetivos da realidade social do homem.

A popularidade da Mulher-Maravilha, ainda que tenha sido maior em alguns momentos e menor em outros, se manteve desde 1941 até a contemporaneidade. Isso fez com que outras produções artísticas, além das HQs, fossem criadas. As de maior relevância foram a série

---

<sup>103</sup> No original: “As lovely as Aphrodite”. Tradução nossa.

televisiva *A Mulher-Maravilha*, exibida de 1975 a 1979, e o filme *Mulher-Maravilha*, lançado em 2017. Como sabemos, “não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro nem o último. Ele é apenas um elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado” (BAKHTIN, 2011, p. 371). Veremos nas figuras abaixo (47 e 48), como as imagens de Mulher-Maravilha dos quadrinhos e da televisão/cinema se dialogam.

**Figura 47: Mulher-Maravilha da HQ e da televisão**



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 1) nº240 (1978)<sup>104</sup>; *Garotas Geeks*, 2021<sup>105</sup>

O enunciado acima (Figura 47) mostra, à esquerda, um quadrinho de uma HQ da Mulher-Maravilha do ano de 1978. À direita, vemos a atriz Lynda Carter, que interpretou a heroína na série de televisão, caracterizada como a personagem. As duas representações da MM circularam no mesmo período sócio-histórico-cultural e, por isso, apresentam os mesmos padrões. Percebe-se que o uniforme é o mesmo, as botas são iguais, ambas usam brincos vermelhos e os cabelos apresentam quase o mesmo penteado e comprimento. O corpo representado pelo desenho é muito magro, esguio, os braços e cintura são finos, os seios

<sup>104</sup> Embora a HQ não faça parte do *corpus* do trabalho, a escolhemos para elucidar a semelhança entre a MM da revista e da televisão porque seu lançamento aconteceu em 1978, ano em que a série estava no ar na televisão.

<sup>105</sup> Disponível em <https://www.garotasgeeks.com/lynda-carter-fala-sobre-possibilidade-de-aparecer-em-mulher-maravilha-2/wonderwomanlyndacarter/>. Acesso em 08 abr. 2021.

volumosos e marcados no corselete e as coxas não são muito grossas. O corpo da atriz segue as mesmas características, porém a cintura é ainda mais fina que no desenho.

**Figura 48:** Mulher-Maravilha da HQ e do cinema



Fonte: *Wonder Woman Rebirth* – One Shot (2016); Flickr, 2021

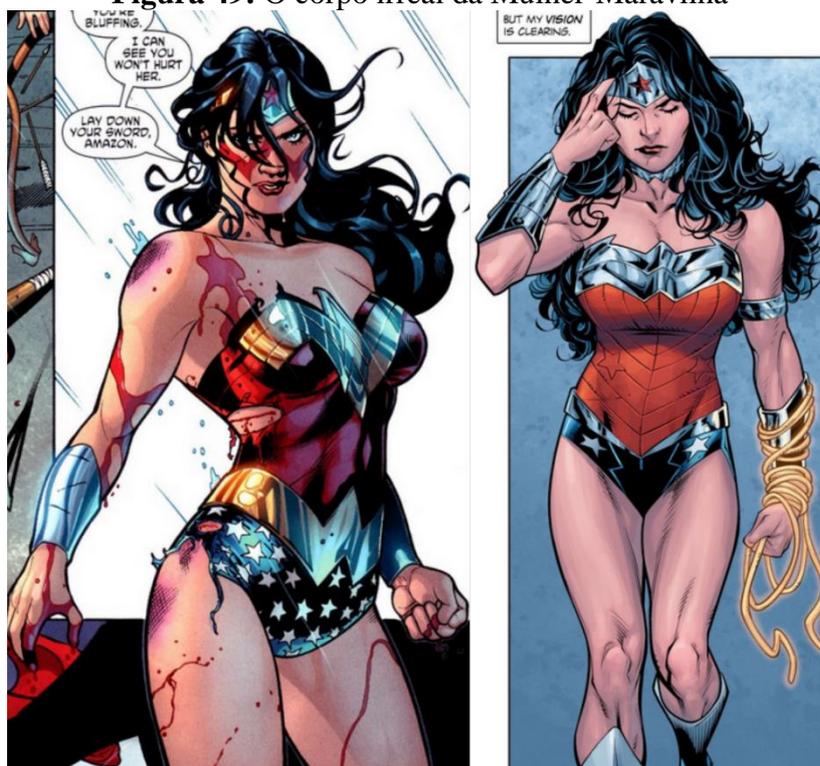
Na figura acima, vemos representações mais recentes da Mulher-Maravilha, uma dos quadrinhos e outra do cinema, em que a MM é interpretada pela atriz Gal Gadot. As duas também circularam durante um período muito próximo, a HQ foi lançada em 2016 e o filme estreou em 2017. Vemos nas imagens que o uniforme utilizado pela MM é o mesmo em ambas, mas se diferencia muito do anterior (Figura 47). Nessa fase, seu uniforme lembra uma armadura e não é mais tão curto quanto antes. No desenho, o corpo é muito magro, os braços são bastante musculosos, os seios marcados no uniforme e a cintura muito fina. Na imagem do filme, os braços não aparecem tão musculosos e a cintura não é tão marcada, porém ainda se trata de um corpo muito magro, com curvas bem marcadas.

Nas duas figuras, a imagem da Mulher-Maravilha é representada por mulheres ‘reais’. Porém, em ambos os casos não podemos dizer que as atrizes representam as mulheres comuns, reais de fato. A atriz Lynda Carter foi vencedora o concurso de *Miss Mundo EUA* em 1972 e chegou às semifinais do *Miss Mundo* no mesmo ano, já Gal Gabot foi eleita Miss Israel em 2004. As duas não apenas correspondem a todos os padrões de beleza (corpo magro, pele branca, cabelos lisos etc.), como estão acima deles, são consideradas *as mais belas* de suas respectivas épocas e sociedades.

Com o estudo da trajetória da Mulher-Maravilha nas revistas em quadrinhos, notamos que na medida em que alguns de seus comportamentos foram mudando, como a ausência de um par romântico, por exemplo, seu corpo foi ficando cada vez mais sexualizado, com formas irreais e inatingíveis para as mulheres reais (Figura 49). Isso é explicado por Wolf (2020, p. 27), quando afirma que

[...] as indústrias das dietas e dos cosméticos passaram a ser os novos censores culturais do espaço intelectual das mulheres. Em consequência de suas pressões, a modelo jovem e esquelética tomou o lugar da feliz dona de casa como parâmetro da feminilidade bem-sucedida.

**Figura 49: O corpo irreal da Mulher-Maravilha**



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 3) nº17 (2008); *Wonder Woman (The New 52)* nº 3 (2012)

As imagens acima (Figura 49) foram selecionadas a partir do *corpus* da pesquisa a fim de comprovar a afirmação anterior de que o corpo da MM vem sendo cada vez mais objetificado. Pelo fato de a Mulher-Maravilha, nas revistas mais recentes, não ter um par romântico e, ao longo de sua trajetória, jamais ter sido mãe ou dona de casa, o último recurso do patriarcado para manter seu *status* de mulher “ideal” é a sua beleza física.

As mulheres não passam de ‘beldades’ na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina. Quando as mulheres na cultura demonstram personalidade, elas não são desejáveis, em contraste com a imagem desejável da ingênua malícia. Uma linda heroína é uma espécie de contradição, pois o heroísmo trata da individualidade, é interessante e

dinâmico, enquanto a “beleza” é genérica, monótona e inerte. Enquanto a cultura resolve dilemas de natureza moral, a “beleza” é amoral. [...] A partir das “beldades” na cultura masculina, as mulheres aprendem uma amarga lição amoral – que as lições morais de sua cultura a excluem (WOLF, 2020, p. 93).

Como Wolf afirma, seria inviável a existência de uma *linda heroína* em nossa cultura, pois, de acordo com a vozes de grupos machistas e patriarcais, a beleza da mulher apenas está em função dos desejos do homem e, por isso, ela não pode ser inteligente. A mulher bonita se reduz a um objeto sexual de usufruto dos homens. Já as mulheres inteligentes não podem ser bonitas, pois, como diz Wolf, “a ‘beleza’ é amoral”, enquanto a cultura é moral. Nesse sentido, como a MM pode ser inteligente e, ao mesmo tempo, ser bela e desejável? Tentaremos explicar isso com o enunciado a seguir.

**Figura 50:** A força e as curvas da Mulher-Maravilha



Fonte: *Wonder Woman* (vol. 3) nº17 (2008)

Optamos, nesse caso, por analisar apenas a cena de luta que acontece nas imagens, por isso nosso foco não será na dimensão verbal do enunciado. No primeiro quadrinho, vemos a Mulher-Maravilha acertando a boca de um soldado nazista com um soco; o foco da cena é na

parte superior de seu corpo, por isso podemos ver sua expressão de raiva, marcada pelas sobrancelhas franzidas e a boca entreaberta. No quadrinho do meio, a heroína acerta o homem com seu joelho, enquanto repele balas com seu bracelete, não é possível ver seu rosto, apenas seu corpo dos ombros para baixo. No último quadrinho, a MM usa seu laço para prender um homem e continua a repelir balas com seus braceletes, ela aparece de costas e seu rosto está encoberto por seus cabelos esvoaçantes.

Podemos afirmar, a partir da observação do enunciado, que no primeiro quadrinho o que fica em evidência é a força da MM, proveniente de seus superpoderes. Já no segundo e no terceiro, sua força também ganha destaque, mas o que está mais em evidência são as curvas de seu corpo, principalmente pelos ângulos em que os desenhos foram feitos. Uma resposta possível para a pergunta feita anteriormente seria: a MM pode ser inteligente e bonita ao mesmo tempo porque ela é *A Mulher-Maravilha*.

Expliquemos melhor. Sua beleza não oculta sua personalidade, pois, no sujeito Mulher-Maravilha, esses aspectos são elevados à máxima potência. Isso se justifica por ela ser uma super-heroína (e às vezes uma semideusa), não uma mulher real. Pensemos agora como essas constatações se relacionam com as questões de empoderamento e não-empoderamento promovidas pela MM.

**Figura 51:** “Somos Todas mulher maravilha”

Somos todas mulher maravilha



Feliz dia das Mulheres!

Fonte: *Pinterest*, 2021<sup>106</sup>

<sup>106</sup> Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/432838214180455808/>. Acesso em 10 abr. 2021.

O enunciado mostra diferentes mulheres vestidas com o tradicional uniforme da MM (botas vermelhas, saia/shorts azul com estrelas brancas, corselete vermelho e dourado, tiara com uma estrela ao centro na cabeça, braceletes nos pulsos e laço nas mãos ou atados à cintura). As mulheres da figura apresentam diferentes cores, estaturas, corpos, cabelos e condições físicas; o projeto de dizer do autor do enunciado muito provavelmente pretendia representar todas as mulheres reais na imagem. Na materialidade verbal, vemos que o enunciado circulou no Dia Internacional da Mulher, pois apresenta o seguinte discurso “Feliz dia das Mulheres!”. No topo da figura, os dizeres “Somos todas mulher maravilha” indicam uma suposta identificação das mulheres reais com a super-heroína.

A comparação de mulheres reais com uma heroína superpoderosa é, no mínimo, injusta e falaciosa. O enunciado, que procura empoderar as mulheres no Dia Internacional da Mulher, ignora o fato de a Mulher-Maravilha possuir poderes sobre-humanos e ter formas físicas quase inalcançáveis para qualquer mulher real. Podemos concluir, portanto, que enunciados como os da Figura 51 não-empoderam mulheres reais, pois estas não podem ser comparadas à Mulher-Maravilha. A própria celebração é usada para dar flores às mulheres em um dia específico do ano, enquanto em todos os outros elas enfrentam as mais diversas formas de violência e opressão do patriarcado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questões a respeito do empoderamento feminino têm ganhado cada vez mais relevância na contemporaneidade. Em consonância com a análise dialógica do discurso e os estudos do Círculo de Bakhtin, nossa proposta foi refletir acerca da representação da Mulher-Maravilha como um ícone de empoderamento e não-empoderamento da mulher em algumas de suas fases ao longo da história. Para tanto, procuramos entender como a heroína se tornou esse ícone por meio de sua trajetória no universo dos quadrinhos, desde sua criação, em 1941, até a atualidade. Procuramos analisar dialogicamente as HQs que compõem o *corpus* em seu pequeno tempo para, assim, compreender o ícone MM na grande temporalidade.

Para que isso se fizesse possível, no primeiro capítulo buscamos contextualizar sócio-histórico-culturalmente a heroína. A começar por suas origens na mitologia grega, buscamos demonstrar como a Mulher-Maravilha e todo seu entorno é constituído por aspectos mitológicos. Em seguida, apresentamos as motivações que levaram William M. Marston a criar a personagem e como, desde seu nascimento, ela se apresenta como um sujeito contraditório por seu criador defender a liberdade e força feminina, enquanto apresentava a heroína acorrentada nas revistas. Por fim, fizemos um panorama de como a imagem da MM passou a ser associada à luta feminista na década de 1970, após estampar a capa da revista *Ms.*, o que culminou no símbolo de empoderamento feminino ao qual a imagem da Mulher-Maravilha está associada na contemporaneidade.

O método dialético-dialógico (PAULA et. al.) foi adotado para a realização da pesquisa, pois compreendemos que os discursos mobilizados pelo *corpus* deste trabalho estão constantemente em diálogo com outros discursos responsivos e responsáveis a ele, em um movimento ininterrupto e infundável. Procuramos demonstrar como o movimento dialético-dialógico acontece por meio do cotejamento de outros enunciados, concretos, situados e de diferentes gêneros, que, de maneira dialógica, nos ajudaram a entender as valorações sociais presentes no ícone Mulher-Maravilha.

A fundamentação teórica, calcada nos estudos do Círculo de Bakhtin, guiou a pesquisa de modo que conseguíssemos cumprir com nossos objetivos iniciais. Entender a Mulher-Maravilha como um signo ideológico foi importante para que pudéssemos perceber como axiologias contraditórias podem ser atribuídas a sua imagem. Por esse motivo, os sujeitos e enunciados que a incorporam enquanto signo ideológico compreendem a heroína de diferentes maneiras, ora como símbolo de força e empoderamento, ora como símbolo de submissão.

A verbivocovisualidade da linguagem enunciada pelas HQs foi essencial para que entendêssemos o sujeito Mulher-Maravilha que, por seus apetrechos e pelo seu próprio corpo, é constituído por vozes sociais machistas e patriarcais. Entender as três dimensões – verbal, sonora e visual – da linguagem de maneira integrada foi essencial para que pudéssemos analisar os enunciados como um todo. Nas HQs, percebemos que a dimensão imagética da linguagem é a que ganha maior destaque, pois as revistas são repletas de imagens e cores. Ainda assim, a dimensão verbal, que nos apresenta as falas das personagens e do narrador, e a dimensão sonora, que nos mostra os sons (pelas onomatopeias) e o tom (pelos sinais gráficos e expressões faciais), também são fundamentais para a compreensão do enunciado. Apenas com o trabalho de maneira integrada com as três dimensões da linguagem potenciadas nas HQs é que conseguimos compreender a significação discursiva dos enunciados.

Com o estudo aprofundado do *corpus*, constatamos que o tema do sacrifício acompanha a heroína ao longo de sua história, às vezes de maneira polêmica, em outras de maneira velada. No capítulo analítico, dedicamos a primeira e a segunda seções para compreender como o sacrifício da Mulher-Maravilha (seja em nome do amor ou por ser sua missão enquanto *mulher maravilha*) mobiliza discursos que culminam no não-empoderamento da mulher.

Com as análises, constatamos que em todas as HQs que compõem o *corpus* a Mulher-Maravilha é constituída por vozes sociais contraditórias. Nas HQs 1 e 2<sup>107</sup>, a heroína se sacrifica em nome do amor, o que marca seu não-empoderamento; ao mesmo tempo, ela é uma mulher forte, inteligente e que toma suas próprias decisões, o que, em certa medida, faz dela uma mulher empoderada. Nas HQs 3 e 5, seu empoderamento é marcado pelos mesmos aspectos das revistas anteriores, mas seu não-empoderamento fica evidente pelos sacrifícios feitos pela Mulher-Maravilha por essa ser sua missão e ela não ter outra escolha. Nas HQs 4 e 6, o tema do sacrifício fica explícito, o que nos leva a pensar que o empoderamento da heroína estaria mais evidente, porém, seu corpo é representado de maneira muito sexualizada, o que marca a objetificação de seu corpo, portanto o não-empoderamento da Mulher-Maravilha.

Além dos aspectos supracitados, seus apetrechos mágicos, o Laço de Verdade e os Braceletes da Submissão, constituem a Mulher-Maravilha em todas as HQs analisadas<sup>108</sup> e, como foi visto na seção 4.3.1, eles revelam valores relacionados à dominação masculina e ao sadomasoquismo, por isso marcam o não-empoderamento da MM. Mais do que isso, os próprios apetrechos, enquanto signos ideológicos que constituem a heroína, carregam em si valores contraditórios, pois reverberam discursos relacionados à submissão da mulher, ao

---

<sup>107</sup> Consultar Tabela 1.

<sup>108</sup> Na HQ e ela abre mão dos apetrechos, mas o enunciado se inicia quando ela ainda os possuía.

mesmo tempo que são utilizados pela MM como armas, portanto a protegem e são utilizados para derrotar seus inimigos.

No momento de sua criação, as revistas da Mulher-Maravilha tratavam de assuntos consideramos, naquele momento sócio-histórico-culturais, como um tabu para as mulheres, como a liberdade sexual feminina, a luta por direitos civis, a liberdade da mulher em fazer suas próprias escolhas, entre outros. Em decorrência disso, é possível afirmar que houve uma tentativa de associação da imagem da Mulher-Maravilha à luta das mulheres naquele momento. Contudo, o homem que a criou, William M. Marston, o mesmo que trouxe essas pautas para os quadrinhos da época, defendia que as mulheres apreciavam as amarras e a submissão<sup>109</sup>. Portanto, ainda que as pautas trazidas para as HQs da década de 1940 fossem uma forma de emancipação da mulher, uma vez que elas ainda nem falavam sobre isso, essa emancipação estava a serviço de um sistema patriarcal, pois, no final das contas, as mulheres ainda eram submissas aos homens e estavam a seu favor. Isso é comprovado pelas HQs 1 e 2, em que a MM opta por se sacrificar em nome do amor por seu par romântico. Apesar de ter sido uma escolha sua, sua decisão endossa o sistema patriarcal e, por isso, ajuda a fortalecê-lo.

Na atualidade, as revistas da Mulher-Maravilha não revelam a temática do sacrifício da heroína com tanta ênfase, como acontecia há décadas atrás; porém, as vozes sociais do machismo e do patriarcado não deixaram de estar presentes, isso porque ainda vivemos em uma sociedade que defende esses valores. Apesar de a MM não se sacrificar mais em função de um homem, em contrapartida ela seu corpo extremamente sexualizado e se torna um objeto de satisfação sexual, um fetiche. Os valores do sistema patriarcal atual não aparecem mais nas decisões tomadas pela MM em função de um homem, mas são revelados pelo seu corpo – com volumosos seios, cintura extremamente fina, coxas grossas e músculos evidentes –, seu uniforme – cada vez mais justo e aparentemente desconfortável – e seus apetrechos – que, como já discorremos na seção 4.3.1., fazem referência à prática do sadomasoquismo, a qual se relaciona à submissão da mulher.

Dito isso, podemos afirmar que nossa hipótese de que o sujeito Mulher-Maravilha permanece ao longo da história, ao mesmo tempo, empoderado e não-empoderado foi confirmada. A Mulher-Maravilha é, por um lado, uma mulher forte, inteligente, que luta para defender os inocentes, por outro, ela reforça discursos machistas e de submissão feminina. Com isso, podemos afirmar que a Mulher-Maravilha é constituída por vozes sociais contraditórias e, portanto, é ambivalente.

---

<sup>109</sup> Como foi visto na seção 1.2. do trabalho.

A partir das considerações feitas acima, voltemos às perguntas feitas na introdução do trabalho: “a heroína é, de fato, empoderada?” e “sua representação empodera outras mulheres?”. Entendemos que essas perguntas não possuem uma resposta definitiva, fechada, mas várias possibilidades de argumentação. Porém, para nós, está claro que o não-empoderamento da Mulher-Maravilha é mais evidenciado ao longo da história do que seu empoderamento e, por conseguinte, ela não empodera mulheres reais.

Contudo, a associação do empoderamento feminino com a imagem da Mulher-Maravilha é inegável e foi explicitado no decorrer da pesquisa pela amostra de enunciados de diferentes materialidades que dialogam responsivamente com nosso *corpus*. Apresentamos, então, duas possibilidades de respostas às perguntas, cujas comprovações demandariam uma investigação mais detalhada e, embora nos sejam interessantes, não estavam em nossos objetivos. A primeira é de que o empoderamento está relacionado aos seus superpoderes, portanto o fato de a Mulher-Maravilha possuir poderes sobre-humanos a torna, automaticamente, empoderada. A outra possibilidade é de que a Mulher-Maravilha é “vendida” como empoderada atualmente por uma estratégia do mercado capitalista, que transformou o “empoderamento” em um nicho de vendas, assim como transformou a imagem de Frida Kahlo em uma “marca do feminismo”, o que Canclini (2011) entende como a *industrialização da cultura*. Talvez a resposta esteja em diálogo com as duas possibilidades, mas, o que não pode ser negado é que o empoderamento mobilizado pela Mulher-Maravilha é, de fato, questionável.

Acreditamos que a pesquisa seja relevante na área de estudos bakhtinianos, em especial, à concepção de linguagem verbivocovisual, como tem defendido Paula (2017). Demonstramos, principalmente no capítulo analítico, como o trabalho com a verbivocovisualidade foi essencial para que conseguíssemos analisar os enunciados em sua completude e, assim, compreender os discursos revelados por eles. Com relação à relevância social do tema, esperamos que nosso trabalho possa ajudar mulheres e meninas a entenderem que o “ideal” de mulher representado pela Mulher-Maravilha é irreal, inatingível e falacioso e que, assim, elas possam se inspirar em mulheres reais e realmente empoderadas.

Enquanto vivermos em uma sociedade predominantemente machista e patriarcal, na qual as mulheres ainda não possuem os mesmos direitos civis que os homens, não têm controle sobre seu próprio corpo, são vítimas de abuso sexual, agressão e de feminicídio, a figura de uma heroína superpoderosa, que, como vimos ao longo da pesquisa, reafirma esses discursos, não pode empoderar outras mulheres. O empoderamento feminino não deve ser baseado em imagens de mulheres ideais a serem seguidos, mas sim na luta das mulheres pela mudança desse sistema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: MUSA, 2004.
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoievski*. São Paulo: Forense, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Gêneros do discurso*. São Paulo: 34, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Questões de estilística no ensino da língua*. Rio de Janeiro: 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do romance I: a estilística*. Rio de Janeiro: 34, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Rio de Janeiro: 34, 2018.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 2001.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin – Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.
- BERTH, J. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.
- BOLEN, J. S. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulus, 1990.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*, vol. III. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.6, p. 268-280, 2º semestre, 2011.
- CANCLINI, N. G. Frida e a industrialização da cultura. *Comunicação & Cultura*, n.º 12, 2011, pp. 23-28.

- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ECO, U. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo*. Curitiba: Criar, 2003.
- FREITAS, M. T. A; Jobim e Souza, S. e Kramer, S. (Orgs.) *Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FRIEDAN, B. *Mística Feminina - O livro que inspirou a revoltadas mulheres americanas*. Tradução portuguesa por Editora Vozes Limitada. Rio de Janeiro, 1971.
- GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39
- GONÇALVES, J. de C. *Dom Casmurro em diferentes materialidades: uma análise verbivocovisual do romance, da HQ e da minissérie*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara). 2019.
- KONDER, L. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEPORE, J. *A história secreta da Mulher-Maravilha*. Rio de Janeiro: Best-Seller, 2017.
- MEDVIEDEV, P. N. *Método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MELO, J. R. B. de. *Vozes sociais em construção: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara). 2017.
- MELO, R. *O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas*. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável”. Volume 1, *Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- PAULA, L. de. “O enunciado verbivocovisual de animação – a valorização do ‘amor verdadeiro’ Disney – uma análise de Frozen”. In: FERNANDESJR., A.; STAFUZZA, G. B. (Orgs).

*Discursividades Contemporâneas – política, corpo e diálogo*. Série Estudos da Linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2017a, p. 287-314.

PAULA, L. de. Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem. Projeto de Pesquisa em andamento. UNESP, 2017.

PAULA, L. de; GAVA, L. M. *Mulheres-Maravilhas, as capitãs contemporâneas?* In: Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 49, n. 2, p. 982-999, jun. 2020.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. In: Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 49, n. 2, p. 706-722, jun. 2020

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. Raído, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jul. 2017. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507>. Acesso em: 17 jul. 2017.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável”. Volume 1, *Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. “Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis”. Volume 2, *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. “Círculo de Bakhtin: pensamento interacional”. Volume 3, *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. “Círculo de Bakhtin: concepções em construção”. Volume 4, *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. “O marxismo no/do Círculo de Bakhtin”. In: *Slovo – O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, 2011, p. 79-98

RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987

STUDART, Heloneida. *Mulher. Objeto de cama e mesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

STUDART, Heloneida. *Mulher, a quem pertence teu corpo? Uma reflexão sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

VOLÓCHINOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro: 34, 2017.

WOLF, N. *O mito da beleza*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.